

1 –INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se deu inicialmente pela proposta de se trabalhar com a rede social Facebook, pelo fato de o pesquisador já ter tido uma experiência exitosa ao utilizar esta rede social para ensinar Sociologia. Onde a criação de um grupo nessa rede social possibilitou uma ponte entre o ambiente virtual e a sala de aula de forma que a disciplina de Sociologia ganhou uma extensão da sala de aula como uma via de mão dupla, ou seja, trabalhava-se os temas da aula, no grupo e os debates do grupo vinham para sala de aula de forma a complementar os debates de forma muito útil e funcional no tocante a avaliação da apropriação dos conceitos dos alunos por meio dos debates tanto em sala de aula quanto pelas postagens daqueles que preferiam se posicionar na rede social.

O que possibilitou ao pesquisador, experienciar o uso da rede social, a utilização de celulares em sala de aula, e metodologias como a sala de aula invertida¹ funcionarem na construção de uma educação mais significativa que de acordo com Moreira e Masini (2001) é quando o aluno é colocado como sujeito ativo do seu processo cognitivo. Assim, a rede social alcança mais facilmente a linguagem que o jovem compreende possibilitando ao docente oferecer uma aula que faça o estudante encontrar significado e tome gosto pelo aprendizado daquela disciplina.

O uso de redes sociais como ferramenta pedagógica para o ensino de Sociologia demonstra potencial didático na promoção de um processo de ensino-aprendizagem mais significativo no contexto escolar. Joaquim (2014, p.08) alerta que “é preciso que o professor leve em conta que seu aluno mudou, e a escola já não é mais sua única forma de acesso ao saber”.

Constatamos que muitos estudantes utiliza as redes sociais para fins diversos, inclusive acadêmicos e manifestam suas opiniões não só em relação a

¹ *Sala de aula invertida*: nesse modelo, a teoria é estudada em casa, no formato *on-line*, e o espaço da sala de aula é utilizado para discussões, resolução de atividades, entre outras propostas. O que era feito em classe (explicação do conteúdo) agora é feito em casa, e o que era feito em casa (aplicação, atividades sobre o conteúdo) agora é feito em sala de aula. Esse modelo é valorizado como a porta de entrada para o ensino híbrido, e há um estímulo para que o professor não acredite que essa seja a única forma de aplicação de um modelo híbrido de ensino, a qual pode ser aprimorada. Podemos considerar algumas maneiras de aperfeiçoar esse modelo, envolvendo a descoberta e a experimentação como proposta inicial para os estudantes, ou seja, oferecer possibilidades de interação com o fenômeno antes do estudo da teoria que pode acontecer em vídeos, leituras, etc. (BACICH et al., 2015, p 56).

gosto estético e opções culturais, mas também, em relação a posicionamentos políticos, existenciais, sociais e filosóficos, com conteúdo estreitamente relacionados à formação sócio-política do ser humano. Oferecendo um campo rico par a atuação do docente, uma alternativa para a realização de pedagogias mais ativas e significantes para o estudante.

Segundo Bauman, vivemos em uma “sociedade de indivíduos livres” (BAUMAN, 2001, p. 34), onde a pensamento crítico sobre os fatos da realidade, insatisfações com o cotidiano e os movimentos sociais, passaram a ser lugar comum para as juventudes, que encontram nas redes sociais, um modo de exteriorizar suas tensões, desejos e anseios.

O fato dos jovens manifestarem suas opiniões na rede, não só em relação a gosto estético e opções culturais, mas também, em relação a posicionamentos políticos, existenciais, sociais e filosóficos, com conteúdo estreitamente relacionados à formação sócio-política do ser humano, oferece um campo rico par a atuação do docente, uma alternativa para a realização de pedagogias mais ativas e significantes para o estudante.

A exemplo, das possibilidades de articulação, intervenção nesse campo, temos o que aconteceu no Oriente Médio, com a chamada Primavera Árabe, que foi um dos maiores movimentos sociais já organizados essencialmente pela rede social Facebook. No Brasil, no ano de 2013, manifestações contra a corrupção tiveram, como motor de organização, também, as redes sociais. Estes são exemplos do funcionamento de uma sociedade em rede na perspectiva de Castells (1996), “o poder, na sociedade em rede, é o poder da comunicação”.

Um olhar mais detido no que se refere ao uso das mídias digitais na formação social de estudantes suscita a questão de como o professor pode se utilizar destas mídias para estimular seus estudantes a um posicionamento mais crítico - reflexivo em relação às demandas sociais a eles apresentadas em ambiente virtual como as redes sociais?

O interesse por essa pesquisa, surge no bojo de uma discussão em sala de

aula, onde o professor estava trabalhando o conceito de alienação² em Karl Marx: e alguns alunos passaram a questionar este conceito na tentativa de compreender melhor o conceito não só através de suas noções iniciais, mas por meio da Sociologia.

Ao trabalhar o tema de forma reflexiva, a ação do professor vai ao encontro do pensamento de Contreiras (2002, p.143), pois “centrou-se na necessidade de que as ideias educativas deveriam se traduzir de forma prática e experimentada em sala de aula”, lugar de aprendizado recíproco, onde o professor que se abre a reflexão da sua própria ação, aprende ao ensinar, compreende o lugar do estudante colocando-se nele como aprendiz das próprias práticas pedagógicas. E com isso o aluno passa a compreender o conceito de forma a desconstruir, junto do professor, os seus preconceitos ao passo que alcança o entendimento do conteúdo com a ação docente que mostra onde a alienação está no cotidiano de cada um.

De forma dialógica, o professor conseguiu mostrar para a turma que os veículos midiáticos estão mais interessados em formar a opinião pública de forma massificada do que promover reflexões sobre a realidade. As mídias enquanto reguladores das relações sociais criam normas de conduta social que muitas vezes nem se percebe, já se está falando, pensando e agindo conforme ditames midiáticos. “As normas capacitam tanto quanto incapacitam; a anomia anuncia a pura e simples incapacitação” (BAUMAN, 2001, p. 31). Com isso podemos refletir sobre como a emancipação e o estado de liberdade na modernidade líquida alienou os mais desatentos de forma tal a não se perceber enquanto ser alienado.

Essa reflexão gerou algumas perguntas dos alunos no momento de debate em sala de aula, e uma dessas perguntas despertou o interesse do professor em mostrar na prática que “o juízo crítico é compatível com um critério independente do julgamento” (CONTRERAS, 2002, p. 134), quando o aluno perguntou se: - “as redes sociais são alienantes?” Esse questionamento norteou a discussão a

² A alienação do trabalhador no objeto revela-se assim nas leis da economia política: quanto mais o trabalhador produz, menos tem de consumir; quanto mais valores cria, mais em valor e mais desprezível se torna; quanto mais refinado seu produto, mais desumano o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho; mais imponente se torna o trabalhador; quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna mais escravo da natureza (MARX, 2004, p. 113).

ponto de muitos alunos, que poucas vezes e nunca se manifestavam em sala de aula, entrassem no debate de forma incisiva pelo fato de usarem as redes sociais.

Com isso passaram a questionar-se sobre aquele conceito, sobre como aquela ideia de ser alienado se aplicava na sua vida e como fazer para desconstruir o processo alienante construído pelas redes sociais.

A seguir, mais uma pergunta levou o professor a perceber que as redes sociais têm em si o mesmo potencial alienante que outras mídias, no sentido de tornar aquele ou aquela que a utiliza um consumidor passivo de maneira a ser influenciado na formação de uma “agenda pública” (MAcCOMBS, 2009), como é o caso do rádio, televisão, cinema e revistas. Na medida em que é possível apropriar-se do veículo de forma crítica, segundo Martino “qualquer pessoa provida de equipamentos relativamente simples e barato como câmeras, gravadores de áudio, crie e publique seu próprio conteúdo” (2015, p 100). O outro aluno perguntou: - “se é possível usar as redes sociais para (des)alienar?”.

Por conseguinte, o professor no ato de reflexão na ação perguntou aos alunos qual das mídias digitais atuais eles consideram mais alienante; e a resposta foi o Facebook. Não obstante esta afirmação, o professor viu que esta rede social deveria ser a mídia a ser utilizada para se trabalhar os conceitos sociológicos, característicos da disciplina, como um meio facilitador do processo de desconstrução das alienações existentes na rede social em questão, que refletem o cotidiano dos jovens tanto na escola quanto nos ambientes sociais que estes convivem (CONTRERAS, 2002).

As atividades nesse canal de interação social tiveram início com o intuito de favorecer a produção do conhecimento dos jovens por meio de uma ação sociologicamente na rede, por meio de postagens, vídeos e textos; todos supervisionados pelo professor, que, ao criar um grupo no Facebook, colocou-se como administrador dele. No papel de administrador do grupo o professor pôde selecionar os conteúdos a serem colocados pelos alunos de forma que nesse grupo fossem especificamente trabalhados somente conteúdos pertinentes à disciplina e ao favorecimento de metodologias como a sala de aula invertida.

Nesse modelo, a teoria é estudada em casa, no formato *on-line*, e o

espaço da sala de aula é utilizado para discussões, resolução de atividades, entre outras propostas. O que era feito em classe (explicação do conteúdo) agora é feito em casa, e o que era feito em casa (aplicação, atividades sobre o conteúdo) agora é feito em sala de aula (BACICH et al., 2015, p. 55).

O grupo criado, na ocasião, contava com a participação de mais de quatrocentas pessoas entre alunos, ex-alunos e professores. A participação dos professores das outras disciplinas favoreceu ações interdisciplinares, pois os professores de História e Geografia fizeram contribuições com postagens e comentários muito pertinentes aos conteúdos de Sociologia; a professora de Redação pôde utilizar-se algumas vezes dos temas que eram debatidos no grupo para propor redações.

Dessa forma os alunos que fizeram uso frequente do grupo passaram a utilizar adequadamente expressões e conceitos aprendidos nas aulas de Sociologia e, também puderam (re)significar as suas culturas, revendo os próprios preconceitos e compreendendo qual a origem dos mesmos através de debates e questionamentos que são feitos no ambiente virtual e levados para dentro de sala de aula não só pelo professor, mas muitas vezes pelos próprios alunos que viram nesse espaço maior significação dos conteúdos aprendidos na disciplina.

Nessa perspectiva, o grupo no Facebook tornou-se um instrumento didático para se estudar questões sociológicas de forma mais acessível, gerando aprendizagem significativa, onde os jovens reconhecem nas teorias sua aplicabilidade trazendo para si uma nova maneira de interagir com os conteúdos.

Foi possível traçar um perfil dos participantes do grupo, sejam eles alunos, ex-alunos ou participantes da rede social interessados nas temáticas. Dessa forma, identificamos que alguns alunos faziam parte do grupo para terem acesso as postagens referentes aos conteúdos que constantemente apareciam nas provas de sociologia, fazendo desse grupo um material didático para estudar.

Havia alunos que, mesmo fazendo parte do grupo, não se envolviam, pois não viam se sentiam estimulados pelos assuntos ali trabalhados. Estavam nele porque outras pessoas falaram que existia um grupo ligado a escola, e entraram somente por esse motivo e não por fascínio pelo debate sócio - filosófico.

O grupo mostrou seu potencial pedagógico com os alunos que estão sempre curtindo algo que lhe chamou atenção, seja uma imagem, um texto, uma música, um vídeo etc. Tem também os alunos que participam efetivamente, quase que diariamente seja com postagens, seja com comentários ou curtidas, mas que estão sempre se manifestando, estes são os mesmos que, em sala de aula, passaram a se posicionar mais reflexivamente em relação aos temas sociológicos.

Alguns destes alunos que têm uma frequência maior de participação no grupo; se tornaram monitores da disciplina de Sociologia, assumindo um lugar de confiança do professor. São alunos que têm mais afinidade com os temas, e passam a ser auxiliares em sala de aula no uso de metodologias cooperativas³. E por isso, sentiam a necessidade de se posicionarem com mais frequência, com mais eloquência e ter maior visibilidade no grupo e em sala de aula tanto do professor de Sociologia, quanto de outras disciplinas.

Esse fato, levou três desses alunos que eram monitores da disciplina, a se motivarem a fazer o curso de Ciências Sociais, e hoje seguem na graduação, onde duas dessas estudantes seguiram pela Licenciatura, e na sua formação, fizeram parte do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, alcançaram o lugar de bolsistas na mesma escola em que foram monitoras do professor de Sociologia e passaram a ser bolsista de iniciação à docência sob sua supervisão.

Além disso, à emergência com que se apresenta na formação humana e social

³ *Rotação por estações*: os estudantes são organizados em grupos, cada um dos quais realiza uma tarefa, de acordo com os objetivos do professor para a aula em questão. Podem ser realizadas atividades escritas, leituras, entre outras. Um dos grupos estará envolvido com propostas *on-line* que, de certa forma, independem do acompanhamento direto do professor. É importante valorizar momentos em que os estudantes possam trabalhar de forma colaborativa e aqueles em que possam fazê-lo individualmente. Em um dos grupos, o professor pode estar presente de forma mais próxima, garantindo o acompanhamento de estudantes que precisam de mais atenção. A variedade de recursos utilizados, como vídeos, leituras, trabalho individual e colaborativo, entre outros, também favorece a personalização do ensino, pois, como sabemos, nem todos os estudantes aprendem da mesma forma. Após um determinado tempo, previamente combinado com os estudantes, eles trocam de grupo, e esse revezamento continua até todos terem passado por todos os grupos. O planejamento desse tipo de atividade não é sequencial, e as tarefas realizadas nos grupos são, de certa forma, independentes, mas funcionam de forma integrada para que, ao final da aula, todos tenham tido a oportunidade de ter acesso aos mesmos conteúdos. Ao início e ao término do trabalho, como ocorre na experiência desenvolvida na Inova Schools,¹¹ no Peru, o professor pode atuar como um mediador, levantando os conhecimentos prévios, estimulando o trabalho colaborativo e sistematizando, ao final, os aprendizados da aula. Nessa rede de escolas, por exemplo, o ensino híbrido é organizado no momento *group learning*, que é conduzido pelo professor e incentiva o trabalho colaborativo entre os alunos, e no momento *solo learning*, que estimula o uso do ensino *on-line*. De maneira geral, a rotação por estações é um dos modelos mais utilizados por professores que optam por modificar o espaço e a condução de suas aulas (BACICH et al., 2015, p. 54).

dos estudantes, as mídias digitais tornam o fenômeno da socialização, politização e formação de identidade por meio de “redes sociais digitais que são estruturas abertas e em movimento” (MARTINO, 2015, p.100), uma forma de expandir a ação sócio cognitiva do jovem para além do espaço físico da escola.

Esses espaços digitais que cotidianamente ganham maior amplitude na formação social dos jovens devido ao seu constante apelo inovador, conteúdo eclético e aberto a ressignificação com atualização constante e largo alcance na formação do capital social; cerne do protagonismo, que segundo Costa (2001, p. 179) “é a participação ativa e construtivas do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla”. Faz com que o principal foco nesse caso seja o seu uso integrado com metodologias que tornam as redes sociais cada vez mais instrumento didático.

O interesse aqui é na formação de educadores, que atentos a essa realidade, se colocam diante da profissão docente com um olhar tanto reflexivo quanto transformador da prática como função essencial do seu ofício. Os professores que vem trabalhando a questão do uso de mídias digitais como instrumento pedagógico na formação sócio intelectual dos estudantes despertam para a “prática reflexiva do ensino” (CONTRERAS, 2002, p.122).

1.1. Problema

Apesar dos avanços das tecnologias digitais, estas ainda se apresentam, para a educação, como um problema a ser, pedagogicamente, superado. Mesmo que no cotidiano escolar as tecnologias sejam uma realidade tanto professores quanto gestores ainda têm dificuldades em utilizá-la como recurso didático. As redes sociais da internet, através de metodologias como apresenta o ensino híbrido, aparecem nessa seara como um auxílio ao professor. Por se tratar de uma educação

em que não existe uma forma única de aprender e na qual a aprendizagem é um processo contínuo, que ocorre de diferentes formas, em diferentes espaços. É possível, portanto, encontrar diferentes definições para ensino híbrido na literatura. Todas elas apresentam, de forma geral, a convergência de dois modelos de aprendizagem: o modelo presencial, em que o processo ocorre em sala de aula, como vem sendo realizado há tempos, e o modelo *on-line*, que utiliza as tecnologias digitais para promover o ensino. Podemos considerar que

esses dois ambientes de aprendizagem, a sala de aula tradicional e o espaço virtual, tornam-se gradativamente complementares (BACIH et al., 2015, p. 51).

Contudo a formação continuada do professor é fator preponderante para o bom funcionamento de metodologias, técnicas e recursos que colocam o aluno no centro do processo ensino aprendizagem de forma ativa. Segundo Canatá (2015) “quando o professor, na perspectiva do modelo de ensino híbrido, muda seu papel na sala de aula, passando de orador a mediador e de generalista a especialista” (p.162) encontra na formação contínua o caminho para tornar sua aula cada vez mais significativa.

Lançando um olhar mais atento ao “ritmo rápido das novas tecnologias de informação e comunicação: computador, Internet, celular” (CHARLOT, 2014, p.47) é possível perceber que “nascem espaços de comunicação e informação que escapam ao controle da escola e da família e que fascinam os jovens” e influenciam na sua formação de identidade e pertencimento social, colocando o professor no cerne dessa questão na medida em que atua como facilitador e orientador do uso das tecnologias em âmbito escolar. Todavia, muitas vezes a formação do professor não atende as demandas que as novas tecnologias digitais trazem para a escola.

A era digital, na qual a informação e a comunicação vem colocando a profissão do professor em cheque, traz consigo questões fundamentais a serem discutidas e aprofundadas no tocante a como os professores podem desenvolver a habilidade de acompanhar os avanços tecnológicos adequando suas metodologias as tecnologias digitais que estão presentes no cotidiano do docente e dos alunos?

Para Martino as formas de “identidades, sejam pessoais ou coletivas, que costumam se organizar a partir de veículos que reúnem indivíduos a partir de algum traço, mais forte ou mais fraco em comum” (MARTINO, 2015, p. 103), como é o caso do uso que fazem os jovens das redes sociais, põem o docente para meditar sobre a sua ação pedagógica sobre quais recursos didáticos se tem para lidar com uso de celulares, computadores e outras tecnologias digitais em sala de aula de forma a promover educação e não somente entretenimento.

Partindo dessa premissa, esse trabalho defende a necessidade de formação dos professores para o uso de Metodologias como o Ensino Híbrido que tem nas redes sociais como o WhatsApp, e o Google Forms instrumentos eficazes para se fazer uma pedagogia mais participativa e integrada com tecnologias em sala de aula.

No tocante a integração entre tecnologias digitais e educação, “tanto uma escola, como um professor que queiram com as Tecnologias de Informação e Comunicação provocar mudanças, necessitam de um novo perfil” (BRUZZI, 2016, p. 480) a ser trabalhado tanto na adequação da postura pedagógica da escola quanto do professor, pois segundo Bruzzi (2016, p.480)

Não basta a tecnologia, é necessária uma formação adequada dos atores educacionais para que proporcionem as mudanças esperadas pela sociedade. Da mesma forma que, não basta a tecnologia presente em nossas escolas, é necessário proporcionar um norte, uma “tutoria” para que esta nova geração possa usar todo seu conhecimento tecnológico de forma a ampliar sua capacidade de ler, interpretar ou mesmo explorar os conteúdos educacionais. Somente assim, se cria um vínculo direto a necessidade atual do aluno, ou mesmo, a busca de soluções para problemas reais que emergem com o novo conhecimento adquirido.

Para tanto, duas questões nortearam esta pesquisa. Como as novas tecnologias digitais como computadores e celulares tornam-se um aliado metodológico em sala de aula? E ainda, como fazer uso dessas tecnologias através de técnicas que tornem o aluno mais ativo?

O uso de métodos que facilitem o uso de tecnologias em modalidades de ensino híbrido que mesclam o ensino presencial e o ensino a distância, são abordados em literaturas como sendo, “a convergência de dois modelos de aprendizagem: o modelo presencial em sala de aula, e o modelo on-line que utiliza tecnologias digitais para promover o ensino” (BACICH et al., 2015, p.33). O caminho que a presente pesquisa usou para compreender como essas questões foi a formação de professores, em que se utilizou a técnica sala de aula invertida com os professores participantes da pesquisa para que esses pudessem conhecer a metodologia.

Considerou-se, que o uso da modalidade de ensino híbrido pode oferecer a possibilidade de (re)significar o modelo de ensino tradicional tornando-o mais atrativo, dinâmico e participativo quando incita o estudante à prática do debate a à percepção de como as compreensões do mundo social são constituídas e programadas no processo interação indivíduo virtual.

Estas questões nortearam e presentificaram esta pesquisa, que encontrou no âmbito escolar com professores o objeto da nossa análise envolvendo tanto metodologias de ensino e tecnologias de informação e comunicação quanto as técnicas de aplicação do ensino híbrido.

A formação tencionou especificamente acompanhar desdobramentos de utilização de grupo de discussão no WhatsApp utilizados pelos professores de Sociologia em duas escolas. E com isso orientar estes professores a adequar as tecnologias digitais na disciplina de Sociologia de maneira eficaz as realidades de cada escola por meio da Sala de Aula Invertida. E ainda desenvolver instrumental digital utilizando TIC's como instrumentos didáticos para a disciplina de Sociologia, neste caso o Google Forms.

A rede social é um instrumento pedagógico que pode ser utilizado como facilitador das aulas de Sociologia. E os grupos de redes sociais apresentaram singular caminhos didáticos para o desenvolvimento da aprendizagem significativa para a Sociologia.

1.2. Metodologia

A estratégia metodológica utilizada neste trabalho foi a pesquisa ação, onde por meio de uma formação de professores possibilitou a ampliação dos conhecimentos dos professores envolvidos na pesquisa sobre como utilizar redes sociais como instrumentos pedagógicos que agreguem nas metodologias que os professores usam em suas aulas. O que para a disciplina de Sociologia, a internet, além de um espaço de socialização, é também, um ambiente propício para desenvolvimento de conhecimento, educação e politização, promovendo de forma autônoma, a apropriação de percepções sociológicas a respeito da capacidade crítico reflexiva sobre temas do cotidiano, como política, sustentabilidade, diversidade, juventudes, identidade, diferenças, classes sociais, desigualdade, multiculturalismo, etc. Tudo isso no ambiente das relações virtuais que os estudantes têm nas suas redes sociais.

Para tanto, é fundamental que o professor ou professora da disciplina de Sociologia possa fazer o uso das redes sociais em sala de aula da forma didática e pedagógica. Isso foi facilitado pelo pesquisador através de uma série de formações realizadas junto aos professores que participaram da pesquisa.

Para pensar metodologicamente as estratégias e plano de ação para essa pesquisa; vê-se na pesquisa-ação a melhor maneira de se alcançar os objetivos propostos. Tripp (2005, p. 450) mostra que pesquisa-ação se apresenta

Como processo de melhoria da prática, considera-se às vezes que a pesquisa-ação é a teórica, mas embora seja verdade que a teoria

disciplinar tradicional não é prioridade principal, é, contudo, importante recorrer a ela para compreender as situações, planejar melhoras eficazes e explicar resultados.

Segundo Thiollent (2005, p. 61) “definir uma problemática na qual o tema escolhido adquira sentido”, tanto teórico quanto prático, faz da pesquisa-ação a estratégia que possibilita abordar os problemas de contexto social de forma empírica, bem como facilita encontrar a melhor maneira de compreender os contextos teóricos que subsidiaram a pesquisa.

Pretende-se mostrar como os professores da disciplina de Sociologia, através da rede social, podem promover junto aos estudantes um instrumental digital utilizando TIC's como instrumentos didáticos na sua práxis. Dessa forma, estabelecer uma extensão da disciplina de Sociologia, através da rede social, para além das paredes da sala de aula; oferecer uma perspectiva diferenciada por alguns fatores, como uma maior participação dos estudantes que utilizando os procedimentos da metodologia “sala de aula invertida”, tiveram acesso aos conceitos que trabalhados através da rede que é diariamente frequentada pelos estudantes, favorecendo assim tanto, o uso do instrumento didático digital, quanto a atuação do professor em sala de aula.

No que tange ao método sala de aula invertida: é um modo de tornar o debate presencial mais qualificado devido à prévia reflexão dos estudantes a respeito do tema abordado.

Utilizando esta estratégia, é verificado que os estudantes apresentam ganhos significativos na compreensão conceitual, avaliados com testes padronizados, bem como ganham habilidades para resolver problemas comparáveis aos adquiridos nas aulas tradicionais (VALENTE, 2017, p. 2).

A busca pela mudança de mentalidade em relação ao que esperar de uma “aula” é um dos principais desafios a serem enfrentados no processo de inovação no ensino, e o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's; é uma realidade a qual professores sentem real necessidade de se atualizar. Logo, esta pesquisa vê na aprendizagem realizada por meio de ensino híbrido uma forma de analisar como formato de ensino aprendizagem pode ser atualizado ao contexto educacional contemporâneo.

Duas escolas compuseram o campo de pesquisa: uma Escola de Ensino Profissional, a mesma escola onde surgiu o uso do grupo no Facebook como extensão da disciplina e também, uma Escola de Ensino Médio de base Regular do Município do Crato – Ceará que o professor de Sociologia desta escola se dispôs a fazer parte

da pesquisa como forma de inserir as tecnologias digitais as suas estratégias metodológicas.

O sujeito dessa pesquisa foram os professores de Sociologia, de duas escolas do Município do Crato – Ceará, sendo uma profissionalizante e outra regular, pois essas duas modalidades atendem a metodologias distintas, no entanto o uso da rede é possível de ser utilizado de forma eficaz em ambas as modalidades tanto profissionalizante quanto regular, onde por meio de uma formação voltada para o uso de tecnologias digitais foi criado um espaço virtual utilizado como uma ferramenta pedagógica que possibilite o estreitamento entre as teorias sociológicas, as metodologias e tecnologias de informação e comunicação, promovendo um ensino mais significativo e ativo.

Os docentes pesquisados, são professores efetivos do Estado do Ceará. Este foi um fator que possibilitou uma continuidade da pesquisa com os mesmos professores durante todo o processo de formação, visto que docentes temporários têm uma rotatividade maior nas escolas, que ocorre a cada dois anos; fato que implicaria negativamente na continuidade da pesquisa, já que os professores utilizaram as metodologias propostas pela pesquisa nas turmas de um ano para outro como uma sequência metodológica.

A formação de ambos os docentes é: Licenciatura em Ciências Sociais, pela Universidade Regional do Cariri sendo participantes da primeira e segunda turma formada por esta IES, o que representa uma vanguarda deste curso. As Ciências Sociais na região do Cariri tiveram no seu início um caráter mais centrado no Bacharelado, o que trouxe um desafio maior em se pensar a Licenciatura com as turmas que se seguiram. Estes são, inclusive, elementos que nos auxiliaram a pensar como uma formação complementar contribui para a prática pedagógica destes professores.

A formação dos professores, escopo desta pesquisa, foi constituído de três momentos: inicialmente, através de uma sensibilização junto aos professores de Sociologia nas escolas pesquisadas, foi mostrando qual a importância de se conhecer e utilizar tecnologias digitais como estratégia didática em sala de aula, apontando quais tipos de tecnologias os professores já utilizaram, bem como, quais as suas limitações em relação a estes instrumentais.

Dessa forma, foi possível levantar questões relevantes sobre as demandas que

cada professor encontra nas suas turmas, isto é, “todas as informações coletadas pelo grupo de observação e pesquisador de campo foram transferidas ao seminário central, onde são discutidas, analisadas e interpretadas”(THIOLLENT, 2011, p. 74) as informações necessárias para que se dê início a formação de maneira eficaz as realidades de cada escola.

O segundo momento aconteceu por meio de aprendizagem cooperativa e a sala de aula invertida, onde fizemos uma formação com os docentes utilizando-se dessas metodologias: para tanto foi trabalhado o conceito de ensino híbrido desenvolvido pela educadora Lilian Bacich, onde utilizamos como material de apoio sua obra – *Ensino Híbrido: personalização e tecnologias na educação* – com o propósito de orientar os professores para o uso adequado das tecnologias digitais na disciplina de Sociologia.

A formação consistiu em: leitura do material de apoio utilizando mídias digitais, foi enviado para o e-mail do professor o texto para ser lido, contendo os principais conceitos sobre o ensino híbrido, e junto ao e-mail foi enviado uma série de perguntas norteadoras para a discussão presencial na formação. Dando início assim ao processo de sala de aula invertida onde

A teoria é estudada em casa, no formato on-line, o espaço da sala de aula é utilizado para discussões, resolução de atividades, entre outras propostas. O que era feito em classe (explicar o conteúdo) agora é feito em casa, e que era feito em casa (aplicação, atividades sobre o conteúdo) agora é feito em sala de aula (BACICH et al., 2015, p. 56).

Partindo dessa metodologia o direcionamento da formação se desenvolveu mediante a metodologia baseada na aprendizagem em grupo, o que possibilitou uma observação participante, elementos como apropriação conceitual, ideias de aplicabilidade em sala de aula sobre as metodologias estudadas, seleção dos conteúdos e as turmas que serão aplicadas as metodologias.

O terceiro momento consistiu no uso do caderno de campo e os relatos das experiências dos docentes pesquisados e, também como a utilização do material fundamental para apresentar as observações e o desenvolvimento das atividades ao longo da formação auxiliou no planejamento das aulas. Foi incluída as tecnologias digitais, bem como passaram a compor a discussão dos sucessos e insucessos dos professores. Com isso, pudésemos obter a medida para desenvolver um instrumental digital que melhor se adaptasse as realidades dos professores de cada escola

pesquisada.

Essa metodologia permitiu mensurar quanto o uso da tecnologia favorece o processo de ensino aprendizagem dos conteúdos sociológicos, pois o uso o Google Forms permite que o docente acompanhe cada aluno em seu rendimento em uma avaliação individualizada e personalizada. Para tanto os professores ao conseguirem apropriar-se das técnicas necessárias e incorpora-las as suas metodologias usando as mídias digitais perceberam que suas avaliações ganharam um caráter mais qualitativo.

Os docentes por sua vez puderam acompanhar como os estudantes responderam as novas metodologias propostas com o ensino híbrido. E assim, conseguimos, através de um feedback contínuo com os professores discutir quais as possibilidades de se utilizar o conhecimento da interação virtual das novas tecnologias de informação e comunicação – TIC's, como um recurso pedagógico na produção do conhecimento dos alunos.

Reflexões sobre a análise dos dados foram realizadas através do diário de campo, das anotações com as descrições das etapas de formação, e ainda por meio de debates contínuos no grupo virtual, criado na rede Social WhatsApp, entre o pesquisador e os pesquisados.

Segundo Bogdan (1994) nas investigações qualitativas em educação, são descritas as notas de campo que consistem em uma descrição escrita das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas; notas reflexivas a qual contem frases e parágrafos que refletem um relato mais pessoal do curso do inquirido; e o Co comentário do observador onde o pesquisador contempla a experiência das notas anteriores para especular acerca do que está sendo teorizado e informações adicionais de outros autores para a própria observação. E assim, torna-se possível entender como funciona o uso de redes sociais na internet como caminhos didáticos para o desenvolvimento da aprendizagem significativa de conteúdos de Sociologia.

Apresentado o problema e os recursos metodológicos que possibilitaram essa pesquisa; a fundamentação teórica trabalhada traz elementos da formação docente em Ciências Sociais e como a disciplina de Sociologia e a formação de professores de Sociologia se deu no âmbito nacional, num breve retrospecto reflexivo. E ainda trabalhamos o conceito de Juventudes e protagonismo juvenil na era da cibercultura e como o Ensino Híbrido e a Sala de Aula Invertida são métodos que auxiliam o professor

no desenvolvimento das suas metodologias tornarem-se mais atraentes para os seus alunos.

A pesquisa se deu sob a óptica do cotidiano do professor e as novas tecnologias e como o uso do WhatsApp por meio da sala de aula invertida possibilitou uma inovação nas propostas metodológicas de dois professores de sociologia da rede estadual do Ceará no município do Crato – CE, traz à tona o debate sobre os desafios de engajar o aluno e promover aprendizagem significativa e como a escola, o professor e as novas metodologias deve estar integradas a formação do professor com vistas a desenvolver cada vez mais a autonomia dos estudantes.

II - ENSINO DE SOCIOLOGIA E FORMAÇÃO DOCENTE

2.1. Formação Docente em Ciências Sociais

A formação de Ciências Sociais no Brasil no seu início teve um caráter essencialmente elitizado, visto que a disciplina de Sociologia tem, em seus conteúdos e teorias, uma característica crítica-reflexiva. Essa questão será discutida no intuito de perceber como a Formação Docente na área de Ciências Sociais, da década de 1930 até o ano de 2008 não voltava sua atenção para a licenciatura, o que quer dizer que a formação de professores de Sociologia, foi durante esse período, negligenciada na medida em que era tida como disciplina dispensável na formação dos jovens.

No entanto, a partir do ano de 2006, a disciplina de Sociologia, já com 10 anos que aparece na redação da LDB 9394/96, como elemento que forma as competências e habilidades cognitivas do jovem em idade escolar, ganha presença nas Orientações e

Parâmetros Curriculares Nacionais, o que coloca a formação em Ciências Sociais a demandar sua atenção para a Licenciatura.

Neste ponto, é importante destacar que no ano de 2008, com a Lei 11. 684, a Sociologia deixa de ser uma disciplina optativa no ensino básico e passa, com caráter de obrigatoriedade, a ser parte integrante da formação dos estudantes do ensino médio e, para tanto, a formação de professores ganha maior relevância no ensino superior que começa a pensar as metodologias de ensino para tornar os conteúdos sociológicos mais compreensíveis e significativos para os jovens.

2.2 A Disciplina Sociologia e a Formação de Professor de Sociologia

De acordo com Saviani (2007), no Brasil a educação sempre esteve a cargo da igreja ou das elites, que, através da reforma pombalina: começou a introduzir investimentos financeiros para determinar quais as direções que a educação brasileira deveria ter. Saviani nos auxilia a compreender que há uma sistemática e bem sucedida fragilização da educação brasileira com vistas ao controle de massas.

No tocante ao contexto das políticas públicas em Educação, tem-se dois paradigmas iniciais a serem elucidados. 1 – O Estado intervém tanto na instituição pública quanto na privada, o que nos remete ao antagonismo de classes, acentuado pelos projetos de sociedade apresentado por ambas as instituições educacionais. Isto é, os dois setores: público e privado, têm nas suas matrizes o direcionamento antagonista entre as classes sociais. 2 – O objeto de reflexão dessas escolas, é a própria realidade educacional, ou seja, deve-se levar em consideração que as realidades refletidas entre o público e o privado são essencialmente, historicamente e ideologicamente antagônicas.

A partir desses pressupostos, podemos refletir com mais clareza e profundidade o tema da formação docente e como as políticas de Estado intervém diretamente no funcionamento da educação. O ensino de Sociologia, desde o seu surgimento como disciplina acadêmica, a sua inserção e retirada da educação básica, esteve ligada a contextos políticos mais amplos que se reflete nas três Leis de Diretrizes e Bases no que tange a questão do ensino de Sociologia no Brasil.

No ano de 1930 a educação passa a ser pauta do debate público como sendo um problema essencialmente social (OLIVEIRA, 2013), e é com o manifesto dos pioneiros⁴ que o tema da educação passa a ser objeto de análises pedagógicas e, também, sociológicas. Todavia, a formação de professor é para a sociologia, um assunto secundário, pois desde o seu início em 1933-1934, aqui no Brasil, os cursos de habilitação em Ciências Sociais têm o seu direcionamento para a pesquisa e não para a formação docente, logo o bacharelado ganha um destaque maior nessa formação em relação a licenciatura.

“Em 1940 Saviani (2007) nos convida a refletir sobre o modelo de formação de professores conhecido como 3+1” (OLIVEIRA, 2013, p. 137). Trata-se de um modelo de formação onde o estudante tem três anos para cursar disciplinas características do bacharelado e em um ano conhecer, no curso de Pedagogia, disciplinas que o auxiliarão a pensar na docência. Foi dessa maneira que a formação de professores dos cursos de Ciências Sociais deu maior ênfase a pesquisa do que a formação de professores, naquele período, que por sua vez, continuava longe de ser uma das prioridades curriculares dos cursos de Ciências Sociais.

Foi através da reforma Capanema no ano de 1942, reforma que colocou uma série de disciplinas escolares da educação básica como sendo optativas, a exemplo, também, da Filosofia tirando seu caráter obrigatório e colocando-as numa condição secundária na educação; que a licenciatura e a formação de professores são colocadas num plano inferior em termos de *status* em relação à formação do bacharel, essencialmente voltada para a formação da elite intelectual. Podemos mencionar, ainda, a forte influência do positivismo na estruturação dos cursos: uma influência fundamentada na Sociologia francesa de Emile Durkheim e August Comte.

A reforma foi a justificativa usada para retirar a disciplina de Sociologia dos currículos da educação básica, por considerar que “as leituras centradas na afirmação da Sociologia enquanto disciplina perturbadora ideologicamente” (OLIVEIRA, 2013, p.138) seriam uma ameaça ao plano pedagógico pensado para a época, pautado numa

⁴ Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Refere-se a um documento escrito por 26 educadores, em 1932, com o título A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo. Circulou em âmbito nacional com a finalidade de oferecer diretrizes para uma política de educação.

educação tecnicista. E com isto o pensamento crítico reflexivo é retirado das escolas, restringindo – se somente à uma pequena elite intelectual.

Quando emergiu a primeira LDB, por meio da Lei 4024/1961, a Sociologia já aparece, no texto que a retirou dos currículos escolares enquanto disciplina obrigatória, como disciplina optativa já em consequência da reforma Capanema. E dessa forma, essa ciência dissolve-se nos currículos escolares da educação básica naquele período, o que por sua vez fomenta o desaparecimento dessa cadeira.

Nesse contexto, tem-se o processo de industrialização no país e, no tocante a educação, vê-se fortemente o surgimento das escolas técnicas profissionalizantes, que são essencialmente destinadas aos filhos dos operários. O que nos denuncia uma estratégia da elite, que comanda a educação desse país (SAVIANI, 2007).

Quanto à formação de professores nesse período, três são os aspectos mais relevantes a serem destacados, que são: 1 – a formação dos professores primários ficava a cargo das escolas normais secundaristas. 2 – A formação dos professores de ensino médio era feita pelas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. E 3 – a formação de professores de disciplinas técnicas eram feitas em cursos especiais de educação técnica. O que nos revela um caráter bastante articulado e bem planejado por parte dos legisladores com objetivos claros de categorizar o ensino como forma de setorizar as camadas da sociedade e o seu acesso aos níveis de ensino.

No que concerne a formação dos professores de Sociologia, por se tratar de uma disciplina optativa do ensino médio, também seria ministrado pelas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Porém o que se viu foi o seu desaparecimento, pois como não havia sua presença nas escolas, não havia demandas para formar professores desta área, o que consolida o plano de retirada dessa disciplina.

Nesse mesmo período em que a LDB de 1961 é promulgada, tem-se no cenário nacional um golpe militar em curso, e que se consolida em 1964, o qual nos remete a implicações nos direitos políticos, sociais e civis daí desencadeados.

Duas são as questões merecedoras de destaque desse período referentes a educação e a formação de professores: a chamada *reforma universitária de 1968*, fomentando a criação da Faculdade de Educação, com linhas de pesquisa estreitamente ligadas a essa área de conhecimento, onde por sua vez, desencadeou a separação

institucional entre a Educação e as Ciências Sociais, fazendo da Educação não mais um objeto de investigação sociológica. Por outro lado, a reforma gerou maior incentivo a pós-graduação, implicando no crescimento da pesquisa e diminuição da formação docente. O curso de Ciências Sociais passa a dar maior destaque as pesquisas de caráter político, social e cultural, objetos de estudo do Bacharelado e, com isso coloca a Licenciatura a margem de interesse do curso. Fazendo desta modalidade menos relevante, logo menos investimentos e reconhecimento profissional (OLIVEIRA, 2013).

E é nesse cenário que surge a segunda questão a se destacar nesse período da ditadura militar: é a nova LDB de 1971, fenômeno que aponta para uma pedagogia tecnicista, com ênfase na teoria do capital humano⁵. É nesse período onde a Sociologia é abordada enquanto disciplina escolar, como Estudos Sociais, Organização Social e Política do Brasil (OSPB), Educação Moral e Cívica etc. Foram maneiras de usar essa área de conhecimento como normatização social (OLIVEIRA, 2013).

Os anos 1980 e 1990 consolidaram a proposta da LDB de 1971 com vistas a atender a lógica neoliberal para educação proposta pelo Fundo Monetário Internacional - FMI e pelo Banco Mundial - BM que direcionam a educação dos países em desenvolvimento da América Latina com a visão de uma educação essencialmente tecnicista com o lema escola novista: “aprender a aprender”, lema largamente difundido nos dias atuais como um processo educativo pautado numa pedagogia em que o mais importante não é só ensinar, mas sim no aprender, no desenvolver as habilidades, expandir as capacidades cognitivas. Porém o real intuito deste lema é reafirmar políticas keynesianas, isto é, aprender a aprender é adequar-se as necessidades de servir as demandas do mercado; tornando a educação cada vez mais tecnicista e voltada para a empregabilidade dos alunos e não o seu desenvolvimento pessoal e cognitivo (SAVIANI, 2007).

Segundo Saviani (2007, p. 433), “essa visão propagou-se amplamente na década de 1990, como se pode constatar pela sua forte presença no relatório Jaques Delors”. Relatório que intitulado: Educação, um tesouro a descobrir. Revela a base ideológica que fundamenta a nova LDB de 1996 que depois de muitos debates e deliberações por parte

⁵ “O Conceito de capital humano – foi forjado a partir dos conceitos de capital fixo (maruinaría) e capital variável (salários). O capital humano é o capital incorporado aos seres humanos, especialmente na forma de saúde e educação. (PAIVA, 2001, p.187)

do senado, na figura do Senador Darcy Ribeiro, a LDB 9394/96 destaca no artigo 36 que o estudante do ensino médio deverá ser capaz de concluir seus estudos dominando os conhecimentos filosóficos e sociológicos necessários para o exercício da cidadania (OLIVEIRA, 2013).

Entretanto, não aparece na redação desta LDB a presença obrigatória das referidas disciplinas. E com isso mantendo a formação de professores dessa área de conhecimento em segundo plano, visto que não se tinha sua existência efetiva na forma de uma disciplina obrigatória, ministrada por um professor(a) licenciado na área.

Somente no ano de 2006 é que se tem a presença da Sociologia nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's e, também, nas Orientações Nacionais Curriculares – OCN's, que passam a fundamentar as metodologias e os conteúdos de Sociologia; é que esta disciplina ressurge com mais força para os currículos escolares, mostrando a necessidade de professores com formação adequada para ministrar seus conteúdos.

Lançando mais uma vez o olhar para as vicissitudes da formação dos professores de Sociologia, atualmente nos cursos de Ciências Sociais, têm os seguintes modelos distintos de formação: I) A licenciatura e o bacharelado funcionando concomitantemente onde os graduandos devem durante a formação direcionar sua área de atuação. II) formação distinta, uma específica para licenciatura e uma específica para o bacharelado; o que de acordo com Oliveira (2013) gera uma controvérsia entre o ser pesquisador / ser professor.

Ao observarmos a crescente valorização da pesquisa em detrimento da formação docente, se vê que a desvalorização do ser professor, coloca para os docentes de sociologia que lecionam na educação básica mais um desafio: o de como fazer uma adequação dos conteúdos eruditos intrínsecos a disciplina e as metodologias de ensino tornem-se compreensíveis e significativas para os alunos da educação básica?

Esses desafios não são um problema somente das Ciências Sociais, sabe-se que todas as disciplinas têm suas demandas e exigências metodológicas em relação aos seus conteúdos. Porém, na formação do professor de Sociologia, há um empobrecimento metodológico já que essa disciplina não teve, durante muito tempo, espaço de formação docente nas universidades. Esse fato torna o ensino de Sociologia um desafio ainda maior ao se pensar quais metodologias podem vir a ser mais expressivas e próximas da realidade

dos alunos, mostrando a real necessidade de se pensar a formação do professor com vistas a uma educação de qualidade e significativa.

A licenciatura em Ciências Sociais ganha, a partir do ano de 2008 com a Lei 11.684/08 que torna o ensino de Sociologia e Filosofia obrigatório para as três séries do Ensino Médio, mais espaço dentro da universidade e maior importância à Licenciatura.

A formação docente passa a ser não só uma área de atuação profissional, mas também um campo de pesquisa, pois há a necessidade de se pensar novas metodologias, materiais didáticos, e formação continuada para os professores que atuarão nessa área. As políticas de qualificação da formação dos professores de Sociologia conquistam com as Orientações Curriculares Nacionais – OCN's, que desde 2006 vem pensando qual direção os conteúdos e metodologias dessa disciplina devem contemplar, maior eficiência e dignificação para atender a redação do artigo 36 da LDB que prevê a formação crítico reflexiva dos estudantes.

Um dos grandes problemas que se encontram no ensino de Sociologia tem sido a simples transposição de conteúdos e práticas de ensino do nível superior – tal como se dá nos cursos de Ciências Sociais – para o nível médio. Esquecem-se as mediações necessárias ou por ignorância ou por preconceito: por ignorância porque muitos professores de cursos superiores desconhecem metodologias de ensino, estratégias, recursos, etc. Que permitiriam um trabalho mais interessante, mais proveitoso, mais criativo e produtivo; ignora-se mesmo que a aula expositiva seja um caso, talvez o mais recorrente, mas não o único, com que se podem trabalhar os conteúdos de ensino; o preconceito deve-se à resistência a preocupações didáticas ou metodológicas no que se refere ao ensino, acreditando-se que basta ter o conhecimento – as informações? – para que se possa ensinar algo a alguém. É necessário, mas não suficiente. Os professores do nível superior prevalecem-se de uma situação peculiar desses cursos: os alunos que ali estão o fazem por escolha e não por obrigação, enquanto os alunos da escola básica ali estão por obrigação e não por escolha – não estão ali para serem sociólogos, historiadores, matemáticos, físicos ou literatos (BRASIL, 2006, p. 108).

Este é o real desafio que a grande maioria dos professores da educação básica encontram nas suas formações e a conseqüente reprodução de um modelo acadêmico de ensino que é muito diferente da realidade do ensino médio.

Os motivos relatados pelas Orientações Curriculares Nacionais, que referem-se a formação dos professores e o reflexo dessa formação em sala de aula, são aspectos que abrem portas para que se possa pensar em novos métodos de ensino que tornem a educação mais significativa e transformadora da realidade dos jovens estudantes, como o

projetos de vida, gerando protagonismo juvenil e, também, evocando a inserção de recursos didáticos com as tecnologias digitais, que ganham cada vez mais espaço nas escolas.

Dessa forma, o docente que se abre a uma educação libertadora, que inova suas metodologias e deixa de lado uma postura pedagógica tradicional e tecnicista, abandonando a postura de professor reprodutor de conteúdo, lança mão de exercer significativa influência na construção crítica e social do estudante.

Nesse processo o professor foi identificado como o educador, ganhando relevância a dimensão política da atividade educativa, transformando-se a sua principal tarefa, a formação da consciência crítica das classes subalternas, concepção que no debate acadêmico recebeu contornos de confronto entre o necessário desenvolvimento de competências técnicas versus o compromisso político na formação para o magistério (MEDEIROS E OLIVEIRA, 2013, p. 224).

A inserção da disciplina de Sociologia no Plano Nacional de Livro Didático - PNLD⁶ no ano de 2012 traz “o livro didático de Sociologia como um artefato cultural que expressa escolhas sobre a seleção, a organização e o sentido do conhecimento sociológico na escola” (PNLD, 2001, p.13).

São livros produzidos por professores e professoras com experiência na educação básica, onde são selecionados os assuntos e temas que seguem uma cronologia dos fatos. A curadoria do conteúdo dos livros didáticos auxiliam o estudante na construção do seu pensamento crítico reflexivo, pois além da leitura, exercícios, propostas de pesquisas, dicas de filmes, músicas que enriquecem a obra e ajuda ao professor no desenvolvimento das atividades em sala de aula, o livro didático se torna uma ferramenta útil quando bem associado a metodologias que estimulem o aluno a ler, pesquisar e preparar-se para provas, como ENEM e vestibulares e assim despertar o interesse do aluno pela leitura como forma de adquirir conhecimento.

Contudo, é salutar que o professor inclua nas suas metodologias maneiras de não fazer do livro didático a única alternativa de repassar os conhecimentos sociológicos, pois o livro traz a fundamentação teórica dos conteúdos e, com isso, é importante se levar em consideração que a linguagem sociológica presente nesses livros é geralmente formal e

⁶ A escolha dos livros que a escola utilizará a partir de 2012 se dá num momento de obrigatoriedade da Sociologia como componente curricular nos três anos do ensino médio, em decorrência da Lei n. 11.684/08 – E, por esse motivo, a disciplina foi incluída pela primeira vez no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2011, p. 9).

erudita, assim é necessário que o professor adeque essa linguagem a realidade do estudante para que o livro não seja um fardo tanto para o professor quanto para o aluno. Mas sim um facilitador do processo de ensino aprendizagem. Pois, o livro didático muitas vezes não é objeto de interesse de leitura para alguns jovens, exigindo tanto dos professores em sala de aula quanto dos editores dessas obras habilidade em encantar e despertar do discente o fascínio pela leitura.

Ampliando a formação docente já na licenciatura, e uma maneira de o graduando conhecer metodologias que o auxiliem na construção das suas práticas pedagógicas e utilização de materiais didáticos a exempli dos livros, a CAPES com o objetivo de incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, contribuindo para a valorização do magistério, fomenta o PIBID⁷ como forma de elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica inserindo os licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação.

Além de oportunizar a criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. O incentivo que as escolas públicas de educação básica proporcionam, estabelece uma relação entre seus professores e os licenciados como preceptores dos futuros docentes, e com isso tornando-os protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério, contribuindo para a conexão entre teoria e prática necessárias à formação dos futuros professores e professoras, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (CAPES, 2019).

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID “tem possibilitado uma aproximação mais enfática dos cursos de Ciências Sociais com a realidade da Educação Básica” (OLIVEIRA, 2013, p. 147) e encontra bases legais e

⁷ O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino. Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os discentes serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa (CAPES, 2019).

metodologias fomentadas pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, para auxiliar na formação do professor no sentido de ampliar suas ações metodológicas desde o uso do livro didático, como desfrutar das propostas pedagógicas presentes na academia e na escola. Nele, projetos que são propostos nos livros, até a execução da aula na utilização de metodologias mais dinâmicas, proativas e integrativas o que otimiza a relação ensino aprendizagem nos docentes e discentes.

No ano de 2007 a CAPES passa a ser a instituição fomentadora da formação de professores da educação básica, mesmo ano em que o PIBID entra em vigor. No ano de 2008 a Sociologia na forma da Lei 11. 684/08 torna-se disciplina obrigatória no ensino médio, e no ano de 2009 o PIBID de Ciências Sociais é incorporado nas universidades e escolas (SANTOS, 2007). Desse modo,

O PIBID foi instituído no âmbito da CAPES em um contexto de modificações institucionais promovidas naquele órgão pela Lei nº 11.502/2007. Até então vinculada à formação de quadros em nível de pós-graduação, a referida agência incorporou a atribuição de induzir e fomentar ações que objetivassem à integração entre a pós, a graduação (formação de professores) e a escola básica. Conforme o Art. 2º A CAPES subsidiará o Ministério da Educação na formulação de políticas e no desenvolvimento de atividades de suporte à formação de profissionais de magistério para a educação básica e superior e para o desenvolvimento científico e tecnológico do País (SANTOS, 2017, p. 84).

O incentivo a pesquisa em torno do ensino de Sociologia em nível de pós-graduação, mostra que a licenciatura é um campo de pesquisa a ser explorado. E a reaproximação da Educação com as Ciências Sociais como campo de estudo e pesquisa é um real ganho para formação de professores das Ciências Sociais que têm na sua ação um campo investigativo que torna “o professor, como pesquisador de sua própria práticas, transforma-a em objeto de indagação dirigida a melhoria das suas qualidades educativas” (CONTRERAS, 2002, p119).

A reforma do ensino médio recebeu relevante destaque por parte da mídia brasileira por se tratar de um assunto que mexe nas bases da educação. Sancionada pelo Presidente em fevereiro de 2017, foi criada em setembro do ano anterior e surgiu como uma Medida Provisória. Por isso, tinha força de lei desde a sua publicação no Diário Oficial da União.

O novo ensino médio como foi chamado pelo então governo que sancionou a lei, tem como características a flexibilização do currículo do estudante sob argumento de o aluno ser capaz de direcionar sua área de interesse. E, também, aproximar a formação do estudante de ensino médio para o mercado de trabalho dando ênfase aos cursos técnicos de escolas profissionalizantes (TENFEN, 2019).

As mudanças nas escolas tiveram início no ano de 2018 e foram implantadas pelos estados, que são responsáveis por essa etapa de ensino. Não há ainda um prazo para finalização do processo, que deve ser realizado de forma gradual. O que mudou na educação com a reforma foi o currículo que agora passa a ser definido pela Base Nacional Comum Curricular, documento que já era previsto pela LDB 9394/96, mas que ainda não tinha sido construído de forma a direcionar as disciplinas do ensino médio (TENFEN, 2019).

A BNCC prevê cinco áreas de conhecimento: Linguagem e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Formação Técnica e Profissional. Nesse novo formato o estudante poderá escolher quais dessas áreas de conhecimento pretende direcionar seus estudos, diferente do que funcionava anteriormente quando o aluno cursava 13 disciplinas no ensino médio todas em caráter obrigatório.

Com o novo ensino médio as disciplinas de Linguagem, Matemática e Língua Inglesa serão obrigatórias à todas os alunos nas três séries do ensino médio. Já as disciplinas de Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física, são colocadas como estudos e práticas e não mais como disciplinas obrigatórias, o que vai de encontro com a resolução da Lei 11. 684/08, que estabelece como obrigatório o ensino de Filosofia e Sociologia no ensino médio (TENFEN, 2019).

A carga horaria, também é um ponto que a reforma altera no novo ensino médio que amplia de 800 horas anuais cumpridas em 200 dias letivos para 1.400 horas anuais. As escolas terão cinco anos para adequar-se a essa nova proposta de carga horária de forma que passarão a ser escolas em tempo integral.

As mudanças empreendidas na educação geraram posicionamentos diversos na sociedade civil, encontrando tanto apoiadores quanto críticos, pessoas que aceitaram e vêm nesta reforma a alternativa para solucionar os baixos índices educacionais que o

Brasil apresenta já a muito tempo. Bem como há aqueles e aquelas que questionam por que a reforma na educação não foi discutida com a sociedade, ou qualquer consulta aos professores da rede foi feita sobre como as reformas propostas encontrarão estruturas e condições para alcançar todas as escolas de forma equânime.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC, documento homologado pela portaria nº 1570, publicada no Diário Oficial da União de 21/12/2017.

É um conjunto de orientações que deverá nortear os currículos das escolas, redes públicas e privadas de ensino, de todo o Brasil. A Base trará os conhecimentos essenciais, as competências e as aprendizagens pretendidas para crianças e jovens em cada etapa da educação básica em todo país. A BNCC pretende promover a elevação da qualidade do ensino no país por meio de uma referência comum obrigatória para todas as escolas de educação básica, respeitando a autonomia assegurada pela Constituição aos entes federados e às escolas (TENFEN, 2019).

A BNCC organiza a educação em etapas divididas em competências e habilidades específicas para a educação infantil, ensino fundamental e o ensino médio. “Os alunos devem desenvolver as dez competências⁸ gerais da Educação Básica, que pretendem assegurar, o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento e uma formação humana integral” (TENFEN, 2019. P.25).

⁸ 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária. 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e inventar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas. 3. Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 4. Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. 5. Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas. 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo. 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer. 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (TENFEN, 2019, p. 470).

De acordo com a “BNCC, o Ensino Médio está organizado em áreas de conhecimento, conforme determina a LDB” (TENFEN, 2019, p.32). Cada área de conhecimento tem as suas respectivas competências e Habilidades que serão desenvolvidas durante as três séries do Ensino Médio e “tem como objetivo definir claramente às aprendizagens essenciais a ser garantidas aos estudantes nessa etapa” (TENFEN, 2019, p.25).

Os sistemas de ensino e as escolas devem construir seus currículos e suas propostas pedagógicas, considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes. Nesse contexto, os itinerários formativos, previstos em lei, devem ser reconhecidos como estratégicos para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, possibilitando opções de escolha aos estudantes (TENFEN, 2019, p. 471).

O texto da BNCC quando versa sobre a necessidade de se flexibilizar a implantação da base comum levando-se em consideração as características sócio – culturais de cada região, propõe uma transformação significativa na educação se tornando:

referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação (TENFEN, 2019, p.8).

Porém, o que se questiona é que o estudante, ao protagonizar as suas escolhas em relação a suas formação intelectual dentro das competências e habilidades previstas na base comum, este ainda é muito dependente do modelo escolar que historicamente se construiu um modelo tecnicista, hierárquico, onde se deposita todo o saber na figura do professor e coloca o aluno como um ser sem luz.

Como alternativa a esta questão a BNCC prevê as Dez competências gerais onde o estudante poderá desenvolver “atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (TENFEN, 2019, p. 8).

A reforma na educação e as novas propostas curriculares trazidas pela BNCC, estão no cerne de uma discussão sobre formação de professores e construção de uma nova forma de pensar a educação básica, o que ainda requer um debate mais alinhado com a realidade de cada escola, cada licenciatura e o que se propõe como habilidades e competências que os professores devem trabalhar com os jovens. Saber o que as juventudes pensam sobre a reforma, conhecer qual o reflexo dessa transformação para os jovens é um desafio a mais na formação dos professores.

2.3. Juventudes

O sistema educacional tem dificuldades de integrar nas suas matrizes curriculares a concepção propedêutica do ensino com as necessidades cotidianas que atendam as demandas sociais como politização, comunicação social, e tecnologias digitais, tornando-se tão somente preparatória ao ensino superior, aos exames escolares e o mercado de trabalho e não levando em consideração que “o problema das gerações é suficientemente importante para merecer uma consideração séria, para a compreensão das estruturas intelectuais” (MANNHEIN, 1990, p.129). A visão de uma escola com concepção homogeneizadora do currículo, com dificuldades para considerar as experiências e as especificidades dos diversos sujeitos sociais vão de encontro com as exigências proeminentes dos maiores implicados nessas questões que são os jovens.

Esse conceito de juventudes está presente no que Mannhein (1990) coloca como o problema das gerações, que para ele é tarefa da Sociologia fazer o delineamento do problema dada a sua dinamicidade e historicidade. Juventudes passou a ser pauta da Sociologia desde meados do século XX, abordado sob perspectivas reformistas e revolucionárias, isto é, a primeira vê na juventude formas de construir a sociedade seguindo padrões sociais pré-estabelecidos a serem cumpridos. E a segunda vê nessa categoria formas revolucionárias de se construir os espaços sociais. Mas é na “concepção da juventude como direito, não apenas um portador de direitos, mas ator, agente, sujeito presente na vida pública e nas decisões políticas” (GORPPO, 2017, p.13), que esta pesquisa se debruça no sentido de estudar o uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, onde através de redes sociais os jovens encontram maior espaço de afirmação do seu lugar social e autonomia do seu desenvolvimento cognitivo.

As juventudes possuem o potencial de fazer da escola um espaço onde as diversidades têm lugar, e que o protagonismo dos jovens sejam a construção do seu papel social e não “se apoie em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito com as diversidades e diferenças” (SILVA, 2001, p.73), mas seja a construção da escola que desejam pautadas na alteridade, onde a identidade seja construída não na negação do outro, mas compreender a diferença deste. O professor que lança mão de metodologias que colocam o aluno numa postura ativa do seu processo de aprendizagem seja por meio de tecnologias, sejam oportunizando o protagonismo do aluno, abre a oportunidade de proporcionar para si enquanto educador e para as juventudes uma aula que auxilia na construção de um multiculturalismo fundamentado na possibilidade de se trabalhar as diferenças enquanto se edifica o seu projeto de vida.

A ascensão das mídias digitais como espaço de socialização e formação de opinião pública e massificação de debates, encontra em discussões político-partidárias, desigualdades sociais, economia, consumo e consumismo, movimentos sociais, cultura, ética, estética, temas que despertam o interesse dos jovens.

Quando o professor pensa suas metodologias de maneira a integrar tecnologias as suas aulas, associadas a métodos que envolvam o aluno mais ativamente, de forma bem planejada, este desperta no estudante o interesse pela disciplina. O que quer dizer que muitos dos jovens têm nas “tecnologias digitais acesso rápido a uma grande quantidade de informações, modificando as formas de pensar e de construir conhecimento” (BACICH et al., 2015, p. 48) e mesmo com acesso a informações não implica dizer que os jovens são mais bem instruídos e intelectualizados, aqui está o papel que o professor pode desempenhar ao direcionar e estimular, dessa forma, um uso mais pedagógico das mídias digitais, a exemplo das redes sociais que pode ser utilizadas em sala de aula como um aliado do professor que inclui esse instrumento as suas metodologias.

O lugar social do jovem é, por vezes, um lugar não definido. Não é mais criança, mas, também, não é, ainda, um adulto. Constantemente lhes são exigidos posicionamentos com maturidade de adultos ao passo que as restrições que lhe colocadas como se fossem crianças. Há nessa controvérsia um terreno fértil de manifestações, debates, divergências de valores, que os jovens encontram nos ambientes digitais o espaço para manifestarem suas demandas e anseios, utilizando o ciberespaço que é a

interconexão de computadores ligados a uma rede de internet que atualmente é largamente utilizada por indivíduos das mais variadas faixas etárias.

É nesse espaço que os jovens constroem, muitas vezes, as suas pré-noções sobre assuntos sexuais, familiares, políticos, legais, entre outros, que formam as categorias as quais todos os indivíduos numa sociedade têm para poder relacionar-se sócio moralmente.

Cada pessoa com acesso à internet faz parte do ciberespaço quando troca informações, compartilha dados, publica alguma informação, enfim usa essa infraestrutura técnica. Embora seja possível estabelecer algumas distinções, pode-se dizer que, ao se conectar à internet, o indivíduo está presente no ciberespaço. (MARTINO, 2015, P.29).

E mais, é nesse espaço que a Sociologia encontra lugar para alcançar as demandas que os jovens expressam com mais profundidade do que no espaço de sala de aula, que por sua estrutura institucionalizada e cheia de regras, que acabam moldando os jovens a se tornarem um adulto, podendo sua criatividade e sua capacidade crítico-reflexiva para atender, na maioria das vezes, um padrão avaliativo desconectado com a realidade dos jovens.

Os temas sociológicos, por trazerem abordagens cotidianas, conceitos eruditos que se misturam aos movimentos sociais mais recentes, tem o potencial, através das redes sociais, de produzir nas juventudes o despertar para o caráter que a Sociologia chama de juventude revolucionária. Com real poder de transformação das relações sociais desde um pensamento político mais social e igualitário até uma atitude mais sustentável respeitando o meio ambiente propondo formas de se reciclar, reduzir e reutilizar o produto do consumismo capitalista que aflige não só o meio ambiente, mas também a saúde mental das pessoas. Os movimentos sociais ocorrem também nos ambientes virtuais. De acordo com Lévy (1996) não se trata de um espaço não real, mas sim um espaço de infinitas possibilidades de se refazer o real, de se transformar a realidade.

Portanto a Sociologia, através de técnicas do ensino híbrido tem o potencial de reestabelecer uma forma pedagógica de construção social por meio de uma sociedade que já vive a muito tempo em rede. Esse conceito de Sociedade em Rede desenvolvido pelo Sociólogo Manuel Castells, nos auxilia a encontrar o lugar pedagógico do professor que, utilizando-se de TCC's nas suas metodologias, encontra nessa grande rede global de internet, múltiplas formas de chegar nos jovens de forma a favorecer e orientar suas potencialidades estimulando a ação protagonista do aluno na sua formação.

2.3.1 Protagonismo Juvenil

Os jovens, em idade escolar de ensino médio entre 14 e 18 anos, vivenciam um dilema, que por vezes se torna gatilho para uma crise existencial. Pois, a adolescência é uma idade marcada por muitas descobertas, experiências, variações de maturidade, e escolhas fundamentais para se tornar um adulto. O que enfatiza Dayrell (2007, p. 1108) quando “refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida”, aponta para a necessidade de se voltar a atenção para a formação sócio – intelectual dos jovens oferecendo-lhes maior aparato no que se refere a sua formação social, cognitiva e afetiva.

O cotidiano juvenil tornou-se muito mais versátil e intenso no que diz respeito as relações sociais com o advento das tecnologias de informação e comunicação. Estas tecnologias digitais transformaram as relações sociais entre as pessoas, através do que Castells (1999) define como sociedade em rede⁹. As pessoas conectadas a internet, a espetacularização do ser via redes sociais, a disseminações de informações, passou a ser um determinante das relações de identidade, cultura e consumo. Os desdobramentos em termos de formação humana, faz com que as relações entre os jovens se tornem cada vez mais influenciáveis, superficiais e alienados pelas redes.

Em contra partida, vê-se com clareza que as tecnologias digitais, por meio das rede sociais tornam-se um instrumento de força e amplitude no que tange aos movimentos sociais, manifestações, e organização de protestos como viu-se no mundo árabe no ano de 2010, quando déspotas foram destituídos de seus lugares por movimentos essencialmente organizados pela rede social Facebook que teve na juventude a força motriz dessas ações. Mannheim, alerta que:

A unidade de uma geração não consiste primariamente num laço social da espécie que conduz a formação de um grupo concreto, embora possa algumas vezes acontecer que um sentimento de unidade de uma geração se torna consistentemente a base para a formação de grupos concretos (MANNHEIN, 1990, p.131).

⁹ Castells (1999) define rede como um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação

Nessa perspectiva Martino afirma que “a tecnologia interessa por que está ligada às práticas e ações das pessoas” (2015, p. 127), visto que as tecnologias digitais têm em si maior amplitude e poder de influência. Em termos políticos, econômicos e culturais observamos uma sociedade onde os valores, as práticas sociais e as relações interpessoais já não são guiadas pelo tradicionalismo familiar, por regras religiosas ou por leis estatais, mas sim por uma modernidade líquida que de acordo com Bauman (2011) o mundo fluido que obedece a lógica capitalista e globalizante do consumo e da espetacularização, passa a definir ideologicamente os valores intrínsecos da sociedade, fazendo, por vezes, as pessoas reafirmarem uma sociedade de consumo onde mais vale o que se tem do que o que verdadeiramente se é.

O potencial de desenvolvimento intelectual que as mídias digitais possuem só pode ser comparada ao seu alto poder alienante. Pois, à medida que se incorpora as mídias digitais no cotidiano das pessoas, evidencia-se cada vez mais a necessidade de se debruçar sobre o desafio de perceber que “o uso das novas tecnologias, em especial das redes sociais, revela a peculiaridade da cognição e da socialização de um público que está transformando as relações sociais à sua volta” (FIALHO E SOUSA, 2019, p. 209), e que os jovens que encontram-se numa idade onde a formação de opinião e de identidade são marcadas por múltiplas relações sociais, que agora, encontra nas redes sociais um espaço de pluralização das suas ideias e multiplicação de suas condutas, o que acaba formando sua identidade não somente num ato individual, ou de negação do que não é, ele é branco, ela não é brasileira, ele é religioso. Mas sim, o resultado da compreensão de si e do outro numa construção das relações sociais e culturais pautadas na alteridade, compreendendo o outro como ele é e não como quero que o diferente seja.

Contudo, a construção identitária na era da cibercultura é tão fluida quanto as relações sociais descritas por Bauman onde “na era da modernidade líquida a hospitalidade à crítica da sociedade segue o padrão do acampamento” (BAUMAN, 2001, p. 35), padrão que faz referência a um lugar social aberto a quem quiser ocupar, e o que se exige deste é estar à vontade para desfrutá-lo. “Em troca não pretendem desafiar a autoridade dos administradores e pagam o aluguel no prazo” (BAUMAN, 2001, p. 35). Alusão a forma com que as pessoas se relacionam e constroem suas identidades e definem as diferenças. No ciberespaço, esta construção é uma vida em rede, e para se compreender

as juventudes contemporâneas é necessário que as compreendamos no contexto da cibercultura.

Aos jovens os quais o protagonismo é estimulado e oportunizado na escola, recebendo atribuições e responsabilidades, se diferencia pela busca de uma identidade própria, ações que surpreendem pela capacidade crítico reflexiva, não se deixa levar por notícias e postagens com conteúdo duvidoso influenciarem nas suas decisões.

Nesse contexto, estimular o uso inteligente das mídias digitais sobretudo das redes sociais, que hoje em dia é bombardeada com as conhecidas ‘Fake News’ ou notícias falsas é uma caminho que o hibridismo do ensino usando tecnologias é capaz de proporcionar ao docente que na sua formação continuada projeta suas metodologias direcionando-as práticas inovadoras.

E assim, movimentos sociais, como os ambientalistas, movimentos contra violência de qualquer natureza seja étnica, de gênero ou sexual, além de uma luta por direitos e liberdade de expressão, é também um trabalho de semear o bem e estão presentes nas mesmas redes sociais, onde o docente ao trabalhar a conscientização e construção de valores e, para isso, usa mídias digitais, encontrará solo fértil e acrescentará as suas metodologias a linguagem que os jovens compreendem. (BERNARDIM, 2013).

Proporcionando aos jovens se conscientizarem do que é uma prática sustentável onde suas aplicações no cotidiano se estendam para a rede e suas ações no ciberespaço influenciem diretamente nas suas relações, e com isso praticar o que de bom se é postado na internet, é também uma consequência positiva da aplicação de estratégias de ensino para o ensino de Sociologia.

A experiência docente que motivou esta pesquisa é um exemplo de como jovens que tinham em si o potencial de serem protagonistas no ambiente escolar por exercerem influência sobre os outros alunos, utilizaram uma rede social não só para entretenimento, mas também para estudar, auxiliar colegas com mais dificuldades em outros conteúdos, descentralizar a figura do professor de maneira não desrespeitosa, mas com o verdadeiro intuito de auxiliar na própria aprendizagem e na aprendizagem de outros.

“Por muito tempo imperou a tomada da juventude a partir dos fatores biológicos e psicológicos característicos da fase da vida que transita entre a infância e a vida adulta” (BERNARDIM, 2013, p.92). Criando um estigma no que diz respeito ao ser jovem, o que

é ser jovem? Em que momento começa a juventude, e que momento finaliza? Sobre essas questões:

não há uma definição que possa abranger todo o campo semântico que o indivíduo jovem pode adquirir. O que existe é um universo de percepções juvenis que são relacionadas a diferentes teorias. Por isso, ao invés de falar em jovem ou juventude, considera-se que há jovens e juventudes, por compreender tal categoria como temporal, dinâmica, plural e diversa que não se define apenas etariamente, mas desde o contexto social, cultural e econômico (FIALHO E SOUSA, 2019, p. 208).

Por se tratar de uma fase da vida em que as relações sociais e culturais são vividas com mais entusiasmo, os jovens se depararam constantemente com o conflito de ainda não serem adultos, mas também, de não serem mais criança. As juventudes são uma categoria que desperta o fascínio da Sociologia, pois no tocante a formação da identidade, ressalta Silva (2011) além de definições de identidade e diferenças, é uma relação de poder que demarca “a diferenciação ente o nós e o eles” (SILVA, 2001, p.82). Onde o “nós” é a definição destes jovens enquanto categoria.

Os jovens, nesse momento sente que há uma necessidade de se auto afirmar socialmente. E nas redes sociais digitais as juventudes encontram espaços e possibilidades de encontrar e forjar suas identidades, “é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados” (CASTELS, 2008, p. 8), que de forma mais autônoma e plural com a sociedade a qual os jovens estão inseridos, constrói suas características pessoais e sociais. Ou seja, o jovem enquanto categoria social é um ser essencialmente plural, o que move a diversidade e, numa rede social da internet o jovem negro ou negra, rico ou pobre, homo ou hétero, seja a que etnia, gênero ou classe se encontre, este consegue expressar-se e encaixar-se em categorias diversas e moldar a sua maneira sua identidade e assim encontrar a tribo ou as tribos as quais têm afinidades.

Segundo Martino (2015, p. 127) “a vida social online existe, paradoxalmente, quando um indivíduo está sozinho diante da tela. A conexão com os outros acontece no acesso a páginas e aplicativos diversos”. Os seus computadores, smartphones, tablets e outros eletrônicos que cabem na palma da mão, põem os muros da escola abaixo no sentido que as informações que entram e saem do espaço escolar (sendo esse um dos espaços de maior sociabilidade dos jovens) não são somente os trocados em sala de aula ou na sala dos professores e diretores.

Com o advento e universalização das redes sociais da internet, esse espaço virtual passou a ser um espaço de sociabilidade e reformulação das relações sociais. Onde o jovem encontra espaços mais férteis, do que na escola, para se expressar com mais autonomia e influência. As mídias digitais são mais do que uma ferramenta tecnológica, tornaram-se uma nova forma das pessoas relacionarem-se com o saber. O que torna a presença do jovem nesses espaços digitais motivo de reflexão acerca de que saberes esses jovens estão ora consumindo ora produzindo a partir de suas escolhas e posicionamentos? Por isso a necessidade de uma pedagogia que trabalhe o uso de mídias digitais no processo de construção cognitiva, social e cultural da juventude na construção protagonizada dos seus projetos de vida.

No entanto, não se pode perder de vista que esse espaço virtual oferece um contexto onde o potencial construtivo é igualmente proporcional ao potencial alienante, isto é, sem a devida cautela e orientação, essas mídias tornam-se meros espaços de futilidade, julgamento sem critério, e massificação de opinião pública. Sendo assim, se faz necessário que a educação possa pensar os espaços virtuais como ambientes com potencial no processo de escolarização, de construção de valores sociais através do uso de novas tecnologias de informação e comunicação, trazendo para o cotidiano do estudante uma linguagem que este ou esta tenha acesso e, mais importante, interesse em construir os seus valores de forma consciente e não alienada.

Logo, pensar num jeito jovem de ser é algo muito delicado visto que a construção social é elemento definidor de muitas das características do ser social, por isso “podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade” (DAYRELL, 2007, p. 111). Deixando de ser uma dimensão meramente espacial e física e ganha em sua dimensão socializadora e promotora de sociabilidades diversas importante papel no desenvolvimento e afirmação das identidades juvenis na escola.

Mas não se pode esquecer que se trata de estudantes usando internet, isto é, precisa-se de acompanhamento e orientação. O professor entra em cena como um agente facilitador dessa autonomia do aluno quando se coloca frente as demandas com soluções sistêmicas para combater a dispersão em sala de aula causada pelo uso de eletrônicos, utilizando os próprios eletrônicos como via de acesso aos seus conteúdos, através do “uso

de tecnologias na escola, possibilitando a personalização do ensino” (BACICH et al., 2015, p. 51).

Ao direcionar os recursos eletrônicos para um uso pedagógico, mesclando a aula tradicional e as novas demandas trazidas pelos próprios alunos, seja com aulas invertidas, pesquisas online, uso de redes sociais etc. São recursos que o professor pode utilizar quando se torna um curador em sala de aula ao selecionar melhor os temas, recursos e integrando ao interesse dos alunos, trabalhando assim, a transformação da informação em conhecimento.

Os jovens, têm na escola o espaço físico para desenvolver o que se define em legislações presentes nas diretrizes e parâmetros curriculares nacionais do ensino médio, como protagonismo juvenil¹⁰, que, enquanto a ação educativa, possibilita aos jovens não só envolver-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, mas, também, atuar na construção de sua identidade, trabalhando uma cultura escolar voltada para liberdade e compromisso no tocante as ações transformadoras construindo uma intersubjetividade no tocante a uma cultura juvenil. E dessa forma

O protagonismo juvenil deve ser para o jovem uma leitura de ação do reflexo de sua ansiedade em conquistar objetivos, porém de realizações concretas, ações que o façam concluir temas, conceitos e, o mais importante, que o leve a estabelecer uma relação de segurança com seu próprio crescimento (SILVA et al., 2013).

Os jovens têm uma pluralidade de vivências cotidianas que os levam a construir as suas identidades, pois a formação de uma identidade social envolve elementos como música, roupas, linguagem, arte, e tudo que envolve autoafirmação e estilo de ser, pensar, agir e existir.

Essa diversidade suscita uma questão fundamental para a qual os professores precisam escolher: que competências deve-se desenvolver nos nossos jovens estudantes? Essa é uma questão que necessita clareza no que diz respeito a “materialização de um profundo individualismo no plano das relações sociais capitalistas” (FRIGOTO, 1996, p.7) onde a lógica do capital é a lógica do consumo e da alienação; e é nesse momento que a escola e a educação têm papel preponderantes na formação social dos jovens, visto

10 Principal ator. Pessoa que ocupa o primeiro lugar em qualquer acontecimento. Promotor. Interveniente em episódios da vida cotidiana. Etimologia (origem da palavra *protagonista*). Do latim *protagonistés*. (AURÉLIO, 2018)

que essa formação não se dá somente no âmbito escolar, mas em todo o alcance que a construção social feita pela escola consegue alcançar na formação da identidade do jovem protagonista da sua vida.

Contudo, ainda que as influências as quais os jovens são submetidos cotidianamente na família, na comunidade em que mora, no bairro que passa todos os dias, nos grupos sociais com os quais se envolve, e, ainda, as redes sociais da internet que surgem como mais um elemento de formação de identidade; ressalta-se a importância de se formar jovens cujo desenvolvimento intelectual e sensível possa auxiliá-los na dissolução do dilema entre ser um cidadão consciente de sua realidade sócio-política ou ser mais um alvo do mercado, isto é, um jovem que pensa e age de forma autônoma com a autenticidade das juventudes.

É a ação reflexiva do professor influenciando a formação de uma juventude que vive na era digital e desenvolve suas relações culturais no ciberespaço, formando o que Levy (1999) aprofunda as definições da chamada cibercultura como o ambiente cultural dentro da rede de internet que possuem os mesmos elementos da cultura histórica, mas consegue ter maior abrangência visto o raio de ação que a internet oferece aos usuários.

2.4. Cibercultura

O termo Cibercultura foi proposto na década de 1990 pelo filósofo francês Pierre Levy e expressa o conjunto de práticas culturais gerados pelas TIC's. Levy (1999, p.92) o define a cibercultura como: “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. É a fusão semântica da palavra cultura ao termo ciber., cujo significado amplia-se para a melhor compreensão dos sistemas cibernéticos da informação e seu alcance sociocultural no sentido de formação de opinião pública, determinantes de comportamentos sociais, e alcance midiático das informações globais (LEMOS, 2010).

Cibercultura não é somente uma materialização das informações digitais, mas também uma forma infinita de informações em que pessoas acessam e produzem constantemente (LEVY, 1999).

Nesse ambiente virtual¹¹ é crescente o desenvolvimento das comunidades virtuais que “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 1999, p.127). E as comunidades são espaços férteis para a multiplicação da inteligência coletiva “uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa” (LÉVY, 2007, p. 212).

Levy (1999), aponta que a Cibercultura surge como movimento social entre os jovens que de alguma maneira não encontravam aceitação na cultura social vigente, dessa forma as TIC's, o poder midiático, político e econômico encontrou nesse movimento social juvenil o solo fértil para crescer.

De acordo com Lemos a Cibercultura é um produto social e cultural que por meio da virtualização das relações sociais pelas tecnologias de informação e comunicação, fomentando “uma atitude social de apropriação criativa (vitalista, hedonista, presenteísta) das novas tecnologias.” (LEMOS, 2010, p. 259).

Na Cibercultura, o uso das redes sociais passam a ser o meio “onde as trocas informacionais redefinem a comunicação entre as pessoas” (CASTRO FILHO et al., 2016, p. 3), isto é, a criação de perfis dão maior amplitude a ação social do usuário da internet, já que na rede social os jovens sentem-se mais livres para expressarem suas opiniões e seus entendimentos sobre temas que, no ambiente físico, são considerados assunto de adulto, como economia, política, arte, ética, ou porque estão protegidos pela rede virtual de relações sociais. As pessoas podem ser muito cruéis e hostis no ambiente virtual também. Há um outro viés de aprendizado aí. As regras de convivência são mais flexíveis na internet.

A Internet, de acordo com Lemos (2010 p.116), “[...] age como potencial descentralizadora do poder técnico industrial-midiático abrindo 'uma rede verdadeiramente aberta e acessível' [...]”. Espaço favorável para a criatividade de uma juventude ávida por conhecimento e novas experiências, que, nesse ambiente, encontram lugar para expandir sua rede de saberes, interesses e afetividade.

¹¹ “A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis* derivado por suavidade de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar – se, sem ter passado, no entanto, a concretização efetiva ou formal. (LÉVY, 1997, P. 15)”

O desenvolvimento mais recente de tecnologias móveis, em especial, dos smartphones ampliou a dimensão da Cibercultura, permitindo não somente incluir um número maior de indivíduos, mas também ampliando a capacidade de produção e comunicação. (CASTRO FILHO et al., 2016, p. 4)

Dessa forma, as informações e a comunicação ganham uma intensidade e velocidade de propagação de informações que nos faz questionar quem acelerou quem: se os desejos ávidos dos jovens por mais informação e comunicação, ou se as tecnologias é quem inspiram os jovens a consumir essa cultura cibernética de forma tão avassaladora visto que todos os dias aparecem novas e diferentes mídias digitais que oferecem conteúdos voltados para esse público.

“A Cibercultura provoca mudanças também na maneira como aprendemos. Os estudantes de hoje têm muito mais acesso às informações e formas de se comunicar do que há uma década (CASTRO FILHO et al., 2016, p. 5). Via de acesso contínuo e certo pelos jovens, as tecnologias de informação e comunicação penetram nos muros da escola criando um universo paralelo ao que se processa no mundo físico da sala de aula.

Contudo, o professor que se mostra resistente a essa tendência acaba por entrar num embate feroz com os aparelhos eletrônicos dos alunos em sala de aula. Os espaços físicos da escola, as salas de aula, e as relações interpessoais entre alunos, professores gestores e funcionário já não são mais a única relação social que os jovens têm no período em que estão em sala de aula.

Neste sentido, Lévy coloca em xeque a organização do sistema educacional e o papel do professor. Ambos devem levar em conta o crescimento do ciberespaço e o avanço da cibercultura. O professor deveria deixar o papel historicamente construído de centralizador do conhecimento para se tornar um incentivador da inteligência coletiva. (JOAQUIM, 2018, p.1)

O docente ao agregar nos seus recursos didáticos as tecnologias, perceberá que não se trata de um objeto eletrônico em sala de aula, mas sim um universo presente no ciberespaço que desenvolve a cibercultura e está por sua vez reflete nas relações sociais cotidianas entre as pessoas. A escola que ainda não se adaptou a esse cenário que cresce entre os jovens vê a relação professor – aluno ser constantemente alvo de conflitos, que muitas vezes uma metodologia que faz uso integrado de tecnologias e conteúdo, tem

capacidade de otimizar o ensino – aprendizagem e assim estreitando as relações entre professores e estudantes.

Porém, ainda há professores que fundamentam sua resistência ao uso de celulares em sala de aula, baseados na lei¹² que proíbe os alunos de fazerem qualquer uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula, ainda vêm o uso de eletrônicos como os smartphones uma atitude antipedagógica e indisciplinar por parte do aluno.

Segundo Dayrell (2007, p.115) “a escola também assiste a um ruir dos seus muros, tornando-se mais permeável ao contexto social e suas influências.” E as devidas consequências desse ruir de muros não é algo negativo como a expressão pode parecer, mas sim uma desconstrução de muros que aprisionam a expansão dos saberes e de horizontes que edificam novos conhecimentos. Podemos citar a concorrência cada vez maior da informação difundida pelos meios eletrônicos, pois “as tecnologias digitais começam a fazer parte da rotina escolar, encorajando muitos educadores para a mudança de mentalidade” (BACICH et al., 2015, p. 48), de atitude pedagógica ao não oferecer resistência as novas demandas e sim agregando ao se leque de possibilidades pedagógicas novas metodologias mais ativas, trata-se de abrir a mente para o mundo digital de forma a integrar esse universo com a educação tradicional.

2.5. Ensino Híbrido e a Sala de Aula Invertida

O ensino híbrido é uma modalidade de aprendizagem que tem o estudante como foco central de suas metodologias, de forma que a sinergia entre a gestão e a cultura escolar são aspectos fundamentais no processo de construção da autonomia do aluno no processo de aprendizagem. Dessa forma, o papel do professor na construção do aprender do aluno envolve uma melhor adequação do espaço de sala de aula, utilizando-se das tecnologias para repensar esses espaços com vistas ao uso, também, do ciberespaço como campo de aprendizagem. Moran (2015, p. 40) nos auxilia a compreender essa modalidade de ensino afirmando que

¹² LEI Nº 14.146, DE 25.06.08 (D.O. DE 30.06.08) Dispõe sobre a proibição do uso de equipamentos de comunicação, eletrônicos e outros aparelhos similares, nos estabelecimentos de ensino do Estado do Ceará, durante o horário das aulas.

O ensino híbrido é um programa de educação formal no qual o aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo de estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora da sua residência.

A definição para hibridismo utilizada por Moran (2015) versa sobre o mesmo significado de misturado, mesclado, utiliza-se da palavra “blended” que por sua vez tem o mesmo sentido. Pensando nessa era digital em que vivemos, o ensino híbrido torna-se mais difundido, pois a internet favorece a mescla necessária para se ter esse tipo de ensino, isto é, “com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo, podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplas formas” (MORAN, 2015, p. 27) com variadas possibilidades de adequação as diversas realidades de sala de aula.

O professor ganha maior amplitude na sua ação docente quando amplia sua área de atuação, isto é, a educação é híbrida porque ocorre num contexto de uma sociedade plural, com alto nível de diversidade, onde numa única sala de aula tem-se alunos em níveis diferentes de cognição. “Híbrido também é articulação de processo de ensino e aprendizagem. Implica em misturar e integrar áreas profissionais e alunos diferentes, em espaços e tempos distintos” (MORAN, 2015, p. 29).

Vive-se numa era em que a produção do conhecimento e o consumo dele foi acelerado pelas redes digitais de acesso à internet. Hoje, encontra-se facilmente conhecimento de uma diversidade de assuntos a um “click” de um site de busca ou rede social, seja na forma de vídeos, texto, imagem, música etc. Em consequência disso, tornamo-nos tanto consumidores quanto produtores de conhecimento. E as mídias digitais são as plataformas utilizadas na disseminação desse conhecimento. É bem sabido que os jovens buscam em redes sociais como YouTube¹³ conteúdos voltados aos seus estudos. E não só buscam, como também, produzem esses conteúdos; de forma que a metodologia híbrida leva essa realidade em consideração e apropria-se desses recursos para alcançar interesse dos jovens. O ensino híbrido busca utilizar-se do entretenimento como uma

¹³ YouTube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. O termo vem do Inglês “you” que significa “você” e “tube” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”. Portanto, o significado do termo “youtube” poderia ser “você transmite” ou “canal feito por você”. A ideia é idêntica à da televisão, em que existem vários canais disponíveis. A diferença é que os canais são criados pelos próprios usuários, onde podem compartilhar vídeos sobre os mais variados temas.

forma de ensino, para tornar este mais prazeroso e significativo, pois “não basta estar conectado para aprender o essencial” (MORAN, 2015, p. 31).

Há uma real necessidade de se adequar o currículo escolar quando se pretende fazer uso de métodos de aprendizagem ativa do aluno, pois o “currículo e a aprendizagem são narrativas que também se constroem ao longo do percurso” (MORAN, 2015, p. 30). Como expressa bem Contreras (2002, p. 118) “o currículo necessita ser sempre interpretado, adaptado e, inclusive, (re)criado por meio do ensino que o professor realiza.” Afirmando ainda que o conhecimento não precede a ação está na própria ação em que o docente tem a capacidade, de forma reflexiva sobre sua prática, de oferecer uma educação de qualidade e significativa aos alunos.

Para tanto, o professor passa a ser pesquisador de sua ação e “como pesquisador de sua própria prática, transforma-a em objeto de indagação dirigida à melhoria de suas qualidades educativas” (CONTRERAS, 2002, p. 119), pois tem consciência que “de pouco adianta saber muito se não saímos do nosso egoísmo nem praticamos o que conhecemos” (MORAN, 2015, p. 30).

Com efeito o ensino híbrido oferece ao docente a possibilidade de ao passo que ensina o que sabe, aprender o que os estudantes têm a ensinar. É o que o professor Cortella (2015) nos auxilia a compreender o “só sei que nada sei” atribuído a Sócrates, dizendo que não há nada do que eu saiba que outro não possa saber, e não há nada que eu e outro juntos não possamos saber mais. Bacich et al. (2015, p. 35) mostram que

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos em seu íntimo, quando eles acham sentido nas atividades propostas, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos criativos e socialmente relevantes. Em um mundo tão dinâmico, de múltiplas linguagens, telas, grupos e culturas, cada um de nós precisa, junto com todas as interações sociais, encontrar tempo para aprofundar, refletir, reelaborar, produzir e fazer novas sínteses.

A reflexão do professor é fruto do conhecimento implícito em confronto dialético com sua ação, assim como a pesquisa da prática educativa é o caminho para um currículo significativo (CONTRERAS, 2002). Para tanto, estratégias metodológicas como pesquisas, sala de aula invertida, integração na sala de aula e atividades on-line, precisam ser coerentes com os objetivos pretendidos em sala de aula. Moran (2015, p.34) nos auxilia a compreender como funciona o método proposto, mostrando que

As atividades podem ser muito mais diversificadas, com metodologias ativas, que combinem o melhor do percurso individual e grupal. As tecnologias móveis e em rede que permitem conectar todos os espaços e elaborar políticas diferenciadas de organização de processos de ensino e aprendizagem adaptados a cada situação, aos quais são mais proativos e aos mais passivos; aos muito rápidos e aos mais lentos; aos que precisam de muita tutoria e acompanhamento e aos que sabem aprender sozinhos. Conviveremos nos próximos anos com modelos ativos não disciplinares e disciplinares com graus diferentes de misturas, de flexibilização, de hibridização. Isso exige uma mudança de currículo, da participação dos professores, das organizações das atividades didáticas e da organização dos espaços e do tempo.

Essas questões tornam-se muito salutar no que tange a necessidade de uma melhor qualidade na formação dos professores, na infraestrutura da escola, no afinar de instrumentos entre gestão e professores, pois como o ensino híbrido tem no aluno o seu principal foco, o centro dessa metodologia passa a ser atender a todos os alunos em sua pluralidade cognitiva.

A professora Lilian Bacich (2015) ao tratar de estratégias metodológicas como o ensino híbrido, leva em consideração a existência de alunos diferenciados em sala de aula, uns que têm maior facilidade de compreensão dos conteúdos e os que apresentam mais resistência ou até mesmo dificuldades na aprendizagem.

A alternativa proposta pela educadora com o Ensino Híbrido, é encontrar o equilíbrio entre aulas superficiais ou muito complexas; onde por meio das metodologias que põem o aluno no centro do seu processo de aprendizagem, o educador tem a possibilidade de aproximar – se cada vez mais das potencialidades dos alunos e reconhecer quais as suas limitações, a fim de proporcionar uma experiência exitosa em sala de aula ao transmitir o conteúdo proposta pela disciplina. Para tanto contar com os recursos tecnológicos, mídias digitais e uma formação continuada, faz desses recursos e métodos se tornarem aliados do professor.

“O modelo híbrido, misturado, com foco em valores, competências amplas, projeto de vida, metodologias ativas, personalizadas e colaboração das tecnologias digitais” (MORAN, 2015, p. 42) possibilita ao professor aproveitar melhor os potenciais que existem nas salas de aula, onde os alunos com maior rendimento passam a protagonizar seu aprendizado dividindo com os colegas, que têm maior dificuldade, aqueles conteúdos aprendidos, estudados e (re)significado em sala de aula.

As metodologias ativas, sobretudo as que utilizam as tecnologias digitais, possibilitam através de jogos, projetos, postagens, redes sociais, atividades usando

computadores, smartphones, tablets etc. um melhor aprendizado por parte dos alunos se compararmos ao modelo convencional de aulas expositivas. Porém, é importante destacar que a metodologia híbrida não descarta o espaço físico da sala de aula, é híbrido exatamente porque mistura o espaço físico com os espaços digitais, e outros espaços da escola e do cotidiano do aluno. O que torna a aula presencial, coletiva, em sala de aula diferente e mais atrativa. Com isso,

o papel do professor é mais o de curador e de orientador. Curador, que escolhe o que é relevante em meio a tanta informação disponível e ajuda os alunos a encontrarem o sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido de cuidador: ele cuida, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e cada aluno (BACICH et al., 2015, p. 42).

O professor se torna cada vez mais um facilitador das habilidades e inteligências e menos um detentor único dos saberes acadêmicos ao passo que expande sua área de atuação nos campos educacionais quando leva em consideração novas formas de pensar a sua ação docente. As metodologias por meio do ensino híbrido abrem portas para essa nova cara do professor da era digital, tornando cada vez mais real a necessidade de mudanças na ação docente e os espaços escolares.

III - A PESQUISA: O COTIDIANO DO PROFESSOR E AS NOVAS TECNOLOGIAS

3.1. Tecnologia e o Cotidiano Escolar

As novas tecnologias de informação e comunicação, tornaram-se uma realidade no cotidiano escolar, tornando-se um desafio a mais no dia-a-dia do professor, que além de dar conta das suas atividades habituais, como preparar aula, atividades complementares, provas, diários, notas e, ainda, a rotina de sala de aula que muitas vezes não é uma tarefa fácil dar conta de tantas turmas e alunos com as mais plurais características socioculturais; o professor depara-se com mais um obstáculo para enfrentar no seu fazer pedagógico: utilizar as tecnologias de forma didática e ainda encontrar formas de adequar seus conteúdos e metodologias a essa nova era da informação digital.

Nesse sentido, o uso pedagógico das tecnologias requer do profissional que este reinvente suas metodologias e recursos didáticos. É bem sabido que o uso dos celulares em sala de aula é uma ação que foge ao controle do professor, quando este não o utiliza para fins acadêmicos, o que suscita o questionamento, como usar celulares em sala de aula sem que os alunos estejam usando somente as redes sociais?

A década de 1990 inaugurou o sentido digital das redes sociais, desde o advento da internet e das conexões de livre acesso entre as pessoas, vimos que esse fenômeno se tornou nas décadas seguintes a maneira mais rápida, prática e democrática de comunicação. Hoje vemos que as redes sociais fazem parte das relações entre as pessoas e sobretudo entre os jovens de maneira muito efetiva.

As redes sociais são o canal de comunicação e expressão entre os jovens, onde a linguagem desde a escrita até a maneira de expressar opiniões e sentimento têm uma identidade própria da juventude.

O que faz com que o(a) professor(a) tenha no mínimo de duas formas de observar essa questão: 1) como algo muito distante de forma a criar uma barreira na relação que estabelece com seus alunos e no processo de ensino-aprendizagem; 2) como uma possibilidade de interação e comunicação. O professor que se abre para uma experiência com o ensino através de tecnologias e métodos mais participativos, percebe que as redes sociais podem ser o canal aberto de comunicação e proximidade e que pode alcançar maior eficácia na sua práxis docente.

A internet, ao alcance de um “clic” na palma da mão da maioria das pessoas, carrega a possibilidade de ampliar a ação docente através de metodologias mais significativas. Para Horn (2015) o ensino on-line oferece a chance de darmos a oportunidade sob medida para cada estudante onde uso de tecnologias digitais na educação torna-se uma prática disruptiva dos paradigmas existentes no ensino aprendizagem, e assim possibilitando que as teorias mais eruditas cheguem ao cotidiano dos estudantes de uma forma interativa.

A necessidade de integrar tecnologia e educação é hoje uma realidade a qual os professores precisam se adaptar. Nessa perspectiva defendemos que por meio de metodologias participativas, os docentes têm a possibilidade de ampliar sua ação reflexiva em sala de aula, pois traz o estudante para o centro da sua aprendizagem quando oportuniza este a usar múltiplas formas de aprendizado.

3.2. Usando WhatsApp em Sala de Aula Invertida

Levando em consideração que o fenômeno do uso de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, ainda é um desafio muito grande para alguns profissionais, a pesquisa em questão tem como objeto de estudo o uso dessas metodologias por meio da rede social WhatsApp; onde professores da rede estadual têm a possibilidade, mediante a formação proposta, de agregar às suas metodologias técnicas como Ensino Híbrido e a Sala de Aula Invertida.

O escopo dessa pesquisa está na formação do professor e em como uma formação voltada para o uso de redes sociais na internet possibilita o uso de Ensino Híbrido e de métodos mais atuantes no ensino de Sociologia.

É fundamental que a formação seja capaz de se adequar a realidade de cada professor no tocante as suas habilidades com tecnologias digitais até a infraestrutura da escola, abrindo espaço para a criação e recriação das metodologias de acordo com a necessidade de cada profissional pesquisado.

Os professores pesquisados, são formados em Licenciatura em Ciências Sociais¹⁴ pela Universidade Regional do Cariri. O professor Bethoven Simplício graduou-se em

¹⁴ O curso de Ciências Sociais na Universidade Regional do Cariri foi criado no ano de 2005, com sua 1ª turma iniciando no ano de 2006, fruto de uma decisão político-pedagógica da Universidade, quando por meio da Resolução nº 005/2005 CONSUNI, de 11 de novembro de 2005, desmembrou o Departamento de Ciências Humanas, gerando mais duas instâncias de conhecimento: o Departamento de História e o Departamento de Ciências Sociais. O Departamento de Ciências Sociais, desde antes do desmembramento, vem desenvolvendo várias atividades acadêmicas e se afirmando por meio dos trabalhos de ensino, de pesquisa, de extensão e de pós-graduação do corpo docente, composto por 22

Ciências Sociais no ano de 2010. E o professor Francisco Steferson da Silva graduou-se no ano de 2011. Ambos foram aprovados no concurso público para professor do Estado do Ceará no ano de 2009. Os dois professores têm especialização em ensino de Filosofia pela Universidade Federal do Cariri – UFCA, no ano de 2012.

O professor Simplício começou a lecionar numa escola de um distrito no Município do Crato – CE, Ponta da Serra. E somente no ano de 2018 o docente deu sequência ao seu trabalho na EEEP. Governador Virgílio Távora, também no Município do Crato – CE. O professor Silva desde o ano de 2011, é professor da EEFM. Teodorico Teles, onde leciona até o momento desta pesquisa.

Iniciada pesquisa de campo, foi possível observar que há uma disparidade significativa entre as escolas pesquisadas no tocante a infraestrutura, pois a formação se deu parte na escola profissionalizante e parte na regular.

As escolas profissionalizantes recebem cada vez mais investimento do governo que pode ser comprovado pela estrutura física das escolas, como disponibilidade de rede WiFi para professores e alunos, salas de aula e laboratórios bem equipados com materiais novos e de qualidade, recursos áudio visuais como data show, caixas de som e computadores a disposição dos professores, refeitório com suporte para atender todos os alunos, uma biblioteca atualizada e com bom volume de livros de todas as áreas e disciplinas, três laboratórios de informática, devidamente equipados com computadores suficiente para atender três turmas ao mesmo tempo, com suporte de internet e de profissionais qualificados para acompanhar os alunos nas atividades que os professores acharem conveniente. Todavia, mesmo sendo uma escola adaptada, vê-se que as estruturas, mesmo não planejadas têm mais qualidade e investimentos se compararmos a escola regular.

A escola regular pesquisada apresenta um cenário bem diferente: dispõe de um único laboratório de informática, sem suporte suficiente para atender as turmas. Não dispõe de internet de qualidade nem para os professores nem para os alunos. A estrutura física da escola no tocante a laboratórios, salas de aula e recursos áudio visuais são antigos e não conseguem atender a todos os professores e aulas. Os professores deparam-se com uma realidade onde o Datashow passa a ser a única alternativa de usar tecnologia em sala

professores/pesquisadores, efetivos, com formação e pós-graduação nas áreas de Sociologia, Antropologia, Ciência Política, História, Filosofia, Economia, Psicologia e Letras. Nesse percurso, por meio das atividades supracitadas, os professores contribuíram para a construção da identidade das Ciências Sociais dentro da Universidade, fomentando um terreno propício para a criação do curso de Ciências Sociais (Conselho Estadual de Educação) Documento na íntegra no Anexo II.

de aula, quando este está disponível para uso, pois não há equipamento em número suficiente para atender a todos.

Um dos achados desta pesquisa foi que independente da qualidade da infraestrutura, os professores apresentaram desconhecimento de técnicas que facilitem o uso de métodos e técnicas que integrem tecnologias e os seus conteúdos. Não pensavam as suas metodologias de forma a integrar as tecnologias digitais no seu cotidiano escolar. Mesmo a escola dispondo de recursos como rede de internet e laboratórios bem equipados, não se torna útil se o docente não pensa sua aula de forma a utilizar os recursos digitais.

Trabalhar conceitos, teorias e teóricos que exigem do estudante uma leitura mais apurada: desafia o docente a repensar sua disciplina, e proporcionar aprendizagem a aluno suscitando o desejo de aprender e com isso chegar até sua realidade fazendo-o enxergar os conteúdos que são trabalhados na disciplina de forma mais significativa e integrada ao seu cotidiano escolar.

Por isso mesmo, refletir sobre técnicas de ensino participativo para a disciplina de Sociologia em tempos de tecnologias digitais, incita do profissional atento aos novos caminhos que a educação associada a tecnologias exige da formação do docente, onde de forma continuada esta agregará mais qualidade e novos horizontes no desenvolvimento de metodologias que ampliem o ensino de Sociologia.

3.3. A Pesquisa Ação e a Interação com o Campo

A pesquisa ação de acordo com Thiollent (2011), é a metodologia mais utilizada em pesquisas dentro da educação, devido a sua capacidade de oferecer ao pesquisador a profundidade necessária para se alcançar os objetivos, pois com essa metodologia o pesquisador deixa de ser observador do campo e do objeto e passa a interagir diretamente com ambos.

A formação feita com os professores de Sociologia, com objetivo destes aprenderem a utilizar tecnologias digitais com fins acadêmicos incorporando essas técnicas nas suas metodologias, teve início com a criação de um grupo de WhatsApp onde o pesquisador e os pesquisados pudessem usar um espaço digital para se trabalhar alguns passos da formação, e também, para que desde o início a utilização das redes sociais encontrem – se presentes nas metodologias propostas.

A criação do grupo no WhatsApp faz parte da formação, pois o pesquisador já orienta os pesquisados a criar passos importantes na construção da rede social como instrumento metodológico, funcionando assim:

I. Ao abrir o aplicativo; no canto superior direito da tela tem um menu, nele o primeiro item é: *criar grupo*. Ao escolher essa opção, selecione quais participantes serão adicionados no novo grupo, estes devem estar nos seus contatos.

II – Ao selecionar os participantes, é hora de dar um nome ao grupo de até 25 caracteres, onde se pode lançar mão de nomes relacionados a disciplina e a turma para qual será criado. Selecione, também, uma imagem que tenha relação com a temática da disciplina para caracterizá-lo. Criado o grupo, dê um click no nome e isso levará para um menu onde aparecerão opções, como: Adicionar Descrição, silenciar notificações, Notificações personalizadas, Visibilidade de mídia, Criptografia, configurações do grupo, adicionar participantes e convidar via link.

No terceiro passo, III - Crie uma descrição do grupo. Por se tratar de uma metodologia e não um entretenimento, o professor deve deixar claro qual a finalidade, informando o que deve ser ou não postado, quais os horários e dias em que se deve fazer postagens. Dessa forma o professor garante a funcionalidade, de maneira a não virar desordem, ou mais um grupo em que a pessoa queira silenciar por um ano.

Para melhor administração do professor e evitar que o grupo vire bagunça ou evite postagens acidentais e indesejadas. No menu *configurações do grupo*, o professor pode escolher a opção de somente administradores poderem *editar dados do grupo e enviar mensagens*, podendo dessa forma decidir quais dias e horários o professor abrirá para a participação dos alunos. De maneira que o docente como curador da disciplina adeque aos seus horários para ter maior produtividade.

Esses passos são importantes e fundamentais para que se crie uma ordem no grupo, mas não precisa engessar de forma a acabar com a espontaneidade. É uma forma de otimizar o seu uso. O quarto passo consiste em uma vez criado, regras estabelecidas, é hora da curadoria da disciplina. O professor tem a possibilidade de criar espaço para debates, vídeos, músicas, áudios, links, textos e tudo mais que ache necessário para se trabalhar os conteúdos ministrados em sala de aula. Com isso otimizar o seu tempo antes, durante e depois da aula.

Partindo dessas proposições, a criação do grupo de WhatsApp para uma turma, torna-se uma extensão da disciplina fora de sala de aula e dentro do Ciberespaço com a efetiva participação dos alunos de uma maneira ordenada e pedagógica, que pode e deve ser consultada a qualquer momento, inclusive em sala de aula.

A pesquisa, por se tratar de uma formação, viu a necessidade dos professores, antes de usar as metodologias com alunos, terem a experiência de usar a rede social com um fim didático e analisar a sua funcionalidade e aplicabilidade nas suas disciplinas.

3.4 O Primeiro Contato com os Professores

Ao iniciarmos a pesquisa com a criação de um grupo de WhatsApp, foi imprescindível mostrar a diferença de um grupo para entretenimento e um grupo com fins pedagógicos. Isso se deu com a criação de regras e metas bem claras com relação a finalidade do grupo.

Ao criar o grupo, o pesquisador procurou apresentar os direcionamentos e regras que um grupo com essa finalidade deve ter. A criação dessas regras é fundamentada na técnica¹⁵ do educador Doug Lemov (2011, p. 81) que propôs as seguintes diretrizes: I) que o grupo tenha a finalidade precípua de estabelecer contato e informações pertinentes tão somente a formação dos professores; II) não é um grupo para divulgações de eventos de outra natureza que não a pesquisa e a formação; III) os conteúdos a serem postados lá são todos com a finalidade de levantar dados para a pesquisa e informações pertinentes aos encontros presenciais; IV) funcionando como um canal direto entre o pesquisador e os pesquisados, podendo estes trocarem informações, dúvidas e sugestões; e V) funcionou para a troca de materiais didáticos utilizados para a formação no formato digital.

Dessa forma, com as diretrizes estabelecidas e compreendidas pelos pesquisados, iniciamos a formação que teve como primeiro passo mostrar como funciona a metodologia - Sala de Aula Invertida e Ensino Híbrido, trabalhando os conceitos e suas aplicações e possíveis práticas em sala de aula. Os professores ao utilizarem o grupo de WhatsApp, puderam acessar os conteúdos que seriam trabalhados na formação antes de termos o nosso primeiro encontro presencial. Algumas perguntas e dúvidas sobre como funciona a metodologia começaram a aparecer já no grupo, o que otimizou

¹⁵ LEMOVO Doug. Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência/ Doug Lemov.; tradução de Leda Back; consultoria e revisão técnica Guiomar Namó de Mella e Paula Lozano. – São Paulo: Da Boa Proza: Fundação Lema, 2011, P.81

significativamente nosso encontro presencial, pois não chegaram alheios ao tema, mas com uma base teórica que auxiliou a despertar seus interesses em pensar suas disciplinas no formato híbrido.

Para melhor desenvolvimento da formação, utilizou-se além da rede social WhatsApp, um formulário no Google Drive¹⁶, com a finalidade de direcionar a leitura do material teórico, bem como mostrar como associar os dois instrumentos digitais para fins pedagógicos. Assim, no grupo foi enviado textos que continham os conceitos de Sala de Aula Invertida e Ensino Híbrido¹⁷, essa leitura foi direcionada por meio de um questionário eletrônico que apresentou perguntas que nortearam a leitura dos professores que fizeram parte da formação.

A metodologia utilizada na formação, é a proposta metodológica que foi oferecida para os professores, de forma que mesmo antes de fazerem parte da formação presencial, nós já a iniciamos utilizando a sala de aula invertida. Isto é, trabalhamos a leitura conceitual previamente, e no encontro presencial pudemos aprofundar os seus entendimentos e visualizar as suas respostas do formulário como um parâmetro para nos basearmos sobre o que se compreendia antes da leitura.

Durante a formação presencial conseguimos ampliar o raio de ação da metodologia no ato de pensar suas disciplinas por meio da metodologia proposta. Quando ambos os professores ao debater os conceitos, questionaram sua aplicabilidade e já pensaram na realidade da escola, nas turmas em que teriam êxito e, também, nas turmas que teriam alguma dificuldade.

O professor da escola regular, viu que a direção da escola iria gostar da ideia de reduzir impressões de papel com as provas e trabalhos, visto que usar o Google Forms possibilita ao educador usar plataformas digitais, como o laboratório de informática ou até mesmo o celular do aluno. Na mesma perspectiva o professor da Escola Profissional viu que com os alunos do curso de Informática essa metodologia seria eficaz, pois os alunos já se identificam com esse universo tecnológico.

¹⁶ O [Google Drive](#) é o novo serviço de disco virtual que o [Google lançou, oferecendo 5 GB de espaço gratuito para seus usuários](#). O serviço permite o armazenamento de arquivos na nuvem do Google e possui aplicativos para sincronização para [Windows, Mac e Android](#). (TECHTUDO, 2019) TECHTUDO. **O que é Google Drive e como funciona?** DISPONÍVEL em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-google-drive-e-como-usar.html> ACESSO EM 17/04/2019.

¹⁷ textos do livro Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação da professora Lilian Bacich / cap. 2, 3 e 4. / P. 43 - 80. 2015.

3.5. A Formação Presencial

Já no primeiro encontro presencial da formação, pudemos aprofundar os conceitos trabalhados no grupo, a partir das respostas que os professores deram no formulário do Google Drive, onde foi possível aprofundar o que os professores já conseguiram responder sobre as questões trabalhadas no formulário digital, como com as seguintes questões: o que é o ensino híbrido? O que é a sala de aula invertida? Como aplicar essas técnicas em sala de aula?

Os conceitos e técnicas trabalhados na formação permitiu aos docentes pesquisados refletir sobre o real sentido do ensino híbrido, e como este possibilita o educador inverter a sala de aula por meio de uso das tecnologias e da rede social. O ensino não é somente a distância nem exclusivamente em sala de aula, é a integração das duas formas para que o professor, utilizando recursos tecnológicos, otimize suas aulas, fazendo o trabalho de curadoria da própria disciplina valendo-se dos recursos físicos e digitais (BACICH et al., 2015).

Portanto, possibilita compreender com mais clareza como se inverte a aula; o que não significa que o aluno toma o lugar do professor ou que o professor fica no lugar de aluno, mas sim, a inversão tradicionalista das metodologias que pauta as aulas na ação do professor(a) passar conteúdos na lousa para que os alunos copiem nos seus cadernos; o ensino híbrido permite uma educação personalizada onde o professor tem a possibilidade de estender sua ação pedagógica para além dos exercícios de casa e aulas expositivas, por meio de rede social, vídeos interativos, músicas que os alunos podem ter acesso fora de sala de aula em ambientes virtuais mais convidativos e que atraem a atenção do estudante. Refletindo assim na sua participação e aprendizado de conteúdos (SUNANGA e CARVALHO, 2015).

Na sala de aula invertida, é exatamente isso que se inverte, os alunos têm acesso ao conteúdo da aula com antecedência, fazem exercícios e estudam os conteúdos antes da aula, o que gera no aluno uma série de dúvidas e questionamentos, que serão durante a aula presencial debatidas, aprofundadas e explicadas com mais clareza. O(a) aluno(a) chega em sala de aula já sabendo do que se trata a aula, o que amplia sua capacidade de compreensão, debate e interação com os conteúdos. É este o trabalho de curadoria que o professor tem a fazer quando se usa essa metodologia, um trabalho de selecionar quais materiais, recursos e métodos podem ser utilizados para que o aluno tenha acesso ao conteúdo da aula antes da aula.

A união entre a rede social e o Google Drive, teve um efeito estratégico para melhor desenvolvimento das metodologias utilizadas para formar os professores de sociologias das escolas pesquisadas, no sentido de estes serem capazes de incorporar o Ensino Híbrido pela Sala de Aula Invertida nas suas disciplinas e fazendo com que a sua disciplina ganhe a modalidade de aprendizagem híbrida, combinando práticas pedagógicas do ensino presencial e do ensino a distância, auxiliando no desempenho dos alunos das duas formas.

Já nesse primeiro encontro os professores sentiram a necessidade de se incorporar a formação uma oficina de como elaborar questionários no Google Forms. Desse modo, o segundo encontro, realizado no laboratório de informática de uma das escolas pesquisadas num turno que a escola não estava funcionando para os alunos, foi direcionado a construção de formulários e a utilização da ferramenta Google Forms que está no Google Drive. A escolha de usar o laboratório da própria escola, foi para que os professores, pudessem usar seus espaços de trabalho para produzir suas metodologias de avaliação.

Inicialmente foram apresentadas as ferramentas que são possíveis no formulário, desde como elaborar questões discursivas, de múltipla escolha, de livre associação, listas suspensas, até como editar as respostas, ver os possíveis gráficos que cada questão pode gerar, onde o professor tem a possibilidade de mensurar quais questões os alunos mais acertaram, ou mais erraram. É uma forma de, ao passo em que se quantifica a avaliação usando recursos tecnológicos, se qualifica o processo de ensino aprendizagem.

Foi mostrada uma maneira de minimizar possíveis trocas de informações não permitidas na hora de uma avaliação digital por meio do formulário, que é a ferramenta que possibilita ao aluno só responder um único formulário, não podendo editar depois de enviar para o professor.

O professor pode enviar os formulários para os alunos, ou por e-mail, ou por um link diretamente do grupo de cada turma. De maneira tal que este pode criar quantos formulários achar necessário, e enviar um formulário para cada turma e ainda há a opção de embaralhar a ordem das perguntas, fazendo com que os alunos realmente respondam pesquisando as respostas e com isso otimizando o estudo dos alunos, e direcionando de forma prática, digitalizada, com uma linguagem de internet, aplicando metodologias associadas a tecnologias digitais.

Há, por fim a possibilidade, se o professor achar necessário e a escola dispuser de internet suficiente, de utilizar esse recurso em sala de aula mesmo, onde o aluno estará com o celular na mão, usando rede social, abrindo e-mail, para estudar a disciplina do professor. Trata-se tão somente de integrar o uso da tecnologia as metodologias que o professor já tem.

IV - SALA DE AULA INVERTIVA: FORMAÇÃO E METODOLOGIA NA REDE SOCIAL

4.1 – Ações Propostas

Diante do que foi trabalhado na formação, e para melhor compreensão da metodologia que foi utilizada com os professores, uma entrevista foi feita com ambos, sendo essa uma etapa fundamental para que se consolide o nosso trabalho. É nesse momento que se pode perceber como os professores compreenderam as técnicas da Sala de aula Invertida por meio da rede social WhatsApp e o Google Drive, como eles a aplicaram de forma a adequá-las as suas realidades, suas capacidades de criação, bem como as ações propostas, as dificuldades encontradas e como solucionaram as adversidades. As técnicas oferecidas na formação, são somente um protótipo em que cada professor adequará as suas expertises e necessidades metodológicas.

As entrevistas foram feitas individualmente, com os professores que participaram da pesquisa, com o objetivo de investigar os reais efeitos e resultados da formação, os acertos, o que precisaram fazer para adequar as suas realidades, quais dificuldades enfrentaram desde a aplicação da técnica, passando por enfrentamentos de resistência de alunos, e até mesmo de colegas professores e professoras, as avaliações que foram feitas, os resultados pedagógicos.

A forma com que os docentes se apropriaram das técnicas, e suas dificuldades estão presentes nas suas falas, e com isso revelaram como as ações metodológicas que foram propostas, possibilitaram aos pesquisados instrumentalizar-se metodologicamente para enfrentar as dificuldades que se apresentaram durante a aplicação da proposta metodológica.

Na escola regular Teodorico Teles, o professor Francisco Steferson da Silva, selecionou duas turmas de primeiro ano, o 1º ano “A” e o 1º ano “B”. Na turma “A” foi proposta a utilização da rede social WhatsApp e na turma “B” a utilização do Facebook, já na escola profissional Governador Virgílio Távora, com o professor “Simplicio” foram escolhidas duas turmas de segundo ano, sendo uma turma do curso técnico de Enfermagem e a outra do curso técnico de Informática, sendo o WhatsApp utilizada na primeira e o Facebook na segunda.

De acordo com Silva (2019, p. 1)

a surpresa que eu tive foi: na turma onde se utilizou o WhatsApp, a metodologia se tornou mais eficaz pela praticidade do uso do celular, e comecei a levar em consideração que pelo fato dos alunos estarem com o WhatsApp com mais frequência do que o Facebook, isso facilitaria, também tornar os alunos mais comunicativos.

Na medida em que o professor encontrou muita dificuldade na turma em que propôs o uso do Facebook, segundo ele: a proposta feita ao 1º ano” não teve o efeito esperado, pois ao criar o grupo no Facebook, com a ajuda da sua monitora da disciplina iam adicionando os alunos da turma ao grupo e sem apresentar nenhum interesse pelo grupo os alunos começaram a sair sem mesmo poder dar início a metodologia. O professor relata que não houve adesão, pois, usar esta rede social implicaria ter que baixar o aplicativo do Facebook nos seus celulares e os alunos não queriam fazer isso, só para esta metodologia, visto que os jovens dessa turma já não utilizam mais o Facebook.

Corroborando com Silva (2019), Simplício (2019) sinaliza que houve uma resistência semelhante por parte da turma em que se propôs o uso do Facebook. E o argumento utilizado foi que ninguém da turma tinha mais facebook e que todos usam WhatsApp. Ao ponderar esses argumentos o professor achou melhor e mais funcional usar o WhatsApp, pois é mais prático por poder criar um link com todo material necessário e poder acompanhar melhor a resposta dos alunos.

O que mostra que a rede social Facebook já não é mais tão popular entre os jovens, o que se evidencia nas palavras de Simplício (2019, p. 1) quando relata a reação dos estudantes “facebook é coisa da minha mãe”, a escolha pelo WhatsApp se deu por ser a rede social mais utilizada pelos jovens. Segundo o professor:

Na turma de informática todas as pessoas têm WhatsApp e na turma de enfermagem somente uma pessoa não tem. E com essa pessoa que não tem a rede social, eu solicitei a monitora da disciplina para ficar sempre encaminhando as mensagens e tudo que estava sendo trabalhado no grupo em relação a disciplina. A monitora da turma é uma aluna excelente, fez todo o trabalho de acompanhamento com tranquilidade e a aluna que não tinha a rede social pode acompanhar com tranquilidade os conteúdos (SIMPLÍCIO, 2019).

O uso de monitores na disciplina de Sociologia, é um recurso utilizado por ambos os professores. O docente da escola profissionalizante faz uma seleção por meio de uma prova de conhecimentos sociológicos em que os alunos interessados na monitoria se submetem a esta seleção e aquele ou aquela que é selecionado passa a auxiliar o professor

da disciplina diretamente no funcionamento das metodologias que são propostas para a turma.

Já o professor da escola regular fez a seleção dos seus monitores por meio de convite aqueles ou aquelas que se interessassem. Para que as metodologias pudessem realmente ter mais efetividade, contar com os monitores é um caminho produtivo, faz com que as propostas metodológicas que o professor faça ganhe mais a cara do jovem, e com isso o professor oportuniza que o protagonismo juvenil, possibilitado pelo uso de metodologias ativas, neste caso, o Ensino Híbrido facilitado pelo uso de redes sociais, seja um facilitador do processo de ensino aprendizagem da disciplina de Sociologia

A decisão pelo WhatsApp facilitou o engajamento dos alunos à medida que os professores foram selecionando as atividades e ações que fizessem os alunos praticar a união entre o uso da rede social e o conteúdo aplicado em sala de aula, Simplício (2019, p. 2) relata que

normalmente eu procurava fazer o uso da metodologia da seguinte forma: minhas aulas eram as quartas feiras a tarde na turma de informática e na quinta-feira pela manhã na turma de enfermagem, o nosso planejamento são normalmente as quintas feiras a tarde, então eu planejava quais seriam os conteúdos a se trabalhar no grupo e elaborava uma pergunta. Quando era a noite que eu chegava em casa, para não usar a internet da escola que geralmente não é boa, eu enviava para os alunos já na quinta feira a noite. E durante a semana eu solicitava que a monitora enviasse para a aluna que não tem o WhatsApp o que estávamos trabalhando no grupo.

Já Silva (2019, p. 6) nas suas aplicações da metodologia afirma que

nós não utilizamos o livro em sala de aula, e eu já enviava na terça – feira a atividade como um pequeno texto ou artigo sobre o assunto da aula, e eles fizeram uma análise escrita desse texto juntamente com a análise do vídeo que se tornou uma forma mais ilustrativa do que estava no texto. A minha intenção é que ao construírem uma resenha sobre o texto, eles pudessem assistir ao vídeo e encontrar no vídeo elementos que eles leram e escreveram. Pois vídeos que se podem encontrar no youtube têm conteúdo que se podem relacionar as disciplinas. E com isso trabalhar de forma lúdica, porém com uma proposta educacional.

Em cada turma as ações propostas tiveram características particulares, o que faz o docente exercitar a reflexão na sua ação (CONTRERAS, 2002). Destaca Simplício (2019, p.2) em relação a turma de informática que

a experiência foi diferente, como todo mundo tinha a rede social, e há uma diferença no perfil das pessoas que fazem o curso de informática em relação as que fazem o curso de enfermagem; fez com que as

peessoas do curso de informática fossem procurar as informações em outros links, outras fontes na internet, até mesmo por que eles gostam desses espaços virtuais.

Em contrapartida, a metodologia que Silva (2019, p. 3) trabalhou, mostra que:

as primeiras atividades que forma feitas dessa forma, os alunos fizeram, entregaram do jeito que tinha sido proposto para eles. Houve aqueles alunos que não fizeram a atividade previamente, mas que se posicionaram e fizeram seus comentários em sala de aula. Alguns alunos me entregaram os seus resumos, outros fizeram no seu caderno e eu dei um visto nos seus cadernos para efeito de avaliação. Vejo que errei em não ter recebido o material de todos, como por exemplo aqueles que escreveram algumas linhas nos seus cadernos e eu dei somente um visto, vejo que era para eu ter recebido como forma de registrar as atividades.

Nesse sentido, Contreras (2002, p. 98) considera que “diante de situações dessa natureza, os professores devem se valer de habilidades [...] recursos criativos, intuição, improvisação como elementos considerados artísticos da prática profissional.” Essa é uma concepção que nos convida a refletir sobre o papel de curadoria que o professor exerce nas suas disciplinas, permitindo ao docente perceber a “reflexividade como consciência dos seus próprios atos, isto é, da reflexão como conhecimento” (PIMENTA, 2005, p. 56). E com isso lançar mão de metodologias que alcancem o universo do aluno de maneira a estimular no estudante o desejo do conhecimento, fazendo-o enxergar aprendizado tanto em sala de aula quanto na rede social.

A exemplo de uma ação reflexiva, e uso intuitivo dos recursos digitais disponíveis e em consonância com que estava sendo trabalhado em sala de aula, Simplicio (2019, p. 3) relata que

houve uma vez que eu permiti o uso do celular em sala de aula, pois eu estava trabalhando um tema da Sociologia Urbana, e trabalhei uma música no grupo, a música – A Cidade, do Chico Science e a Nação Zumbi – onde pedi para que eles fizessem uma relação entre a música e os conceitos de Sociologia Urbana que trabalharíamos em sala de aula. Entretanto muitos alunos não tinham ouvido a música, então pensei vamos pelo menos ler a letra da música; tentei até cantar a música na hora, mas não lembrei da letra na integra e nesse momento eu solicitei que um aluno, que estava com o celular para que ele procurasse a letra da música na internet, não foi nem no grupo.

Em consequência disso, é possível perceber a real funcionalidade da metodologia, porém vale salientar que a intuição do professor e sua ousadia foram de grande valia, ou a sua ação reflexiva, no ato de sua ação docente, otimizaram a metodologia e o uso pedagógico de tecnologias em sala de aula e ainda estimulando o protagonismo juvenil.

Na perspectiva de Bacich: “Há muito se discute a possibilidade de um ensino que atenda às necessidades de aprendizagem do aluno; entretanto, hoje, contamos com um facilitador: o uso das novas tecnologias” (2015, p. 68). Não se fala de um uso indiscriminado e aleatório do celular e de redes sociais em sala de aula, mas sim em agregar esses instrumentos ao planejamento de metodologias em sala de aula pensando nas diferentes realidades educacionais que o professor se depara no seu cotidiano escolar.

4.2 O desafio de engajar o aluno e promover aprendizagem significativa

A utilização de métodos que chamam o aluno para o centro da sua aprendizagem tornando-o mais ativo e participativo durante as aulas, é uma forma de motivar o aluno a ter uma participação mais efetiva durante a aula. Uma maneira de fazer o discente se interessar pelos conteúdos e assim ampliar sua capacidade de aprendizado. Para tanto é preciso que a proposta metodológica além de motivar o aluno, tenha a capacidade de engajamento do mesmo, ou seja, que o aluno não esteja motivado apenas uma aula, mas sim envolvido pela metodologia de forma mais contínua, a cada aula o aluno ter sempre ações cognitivas a cumprir e assim despertar o real interesse pelo aprendizado.

A proposta metodológica feita aos professores, proporciona que o docente tenha uma extensão da sua aula, para além do tempo de escola e das paredes da sala de aula, onde a rede social sendo usada como instrumento didático da técnica sala de aula invertida serve “para antecipar a aula, nesse sentido teve um aluno que disse que a aula até parece que fica maior, porque a gente já vem sabendo o que precisa fazer em sala de aula” (SIMPLÍCIO, 2019, p.6). De acordo com Bacich quando se pensa em “promover a aprendizagem do aluno é um desafio para o professor. O que fazer diante disso? Pensamos que a solução possa partir, inicialmente, de três aspectos: planejamento, foco na pesquisa e no desenvolvimento de projetos e uso das tecnologias” (2015, p. 71).

O planejamento de uma aula, em que se pensa nos recursos, no tempo, nas particularidades de cada turma, torna-se a chave de uma aula de sucesso, pois ao abrir o leque de possibilidades que recursos tecnológicos podem oferecer, possibilita ao professor engajar o aluno e este protagonizar seu aprendizado.

O uso dos formulários do Google Drive, eu fiz de duas formas: 1 – enviei um formulário no grupo do WhatsApp para eles responderem e levarem as respostas para sala de aula e 2 – fiz formulários para serem

respondidos em sala de aula, onde levei os alunos para o laboratório de informática (SIMPLÍCIO, 2019, p.6).

Com isso, o professor, quando pode contar com os recursos que a escola dispõe, encontra na metodologia Sala de Aula Invertida “um ensino personalizado, que exige muito mais do estudante, que tem de ter autonomia e responsabilidade a ponto de ir atrás de suas necessidades, curiosidades e interesses” (BACICH et al., 2015, p. 73).

Dessa forma, o professor Simplício na sua experiência com a método proposto pela pesquisa, começou a alcançar o “papel principal do especialista ou docente, que é o de orientador, tutor dos estudantes individualmente e nas atividades em grupo, nas quais os alunos são sempre protagonistas” (MORAN, 2018, p. 2).

Já em Silva (2019, p. 1) quando sinaliza que a “turma que mostrou resistência ao Facebook, pediu para que fosse utilizado o WhatsApp.” Explica que a ideia foi aceita pelos alunos, mas ainda assim a turma do 1º ano “B” não houve aceitação em nenhuma das duas redes sociais. Mesmo sendo uma turma que o professor afirma ter um bom relacionamento, “com isso não julgo que o motivo de não ter havido aceitação tenha sido algum problema na relação aluno professor. Muito pelo contrário, acredito que não tenha acontecido um despertar nos alunos da turma” (SILVA, 2019, p.1). O que não significou que a metodologia proposta tenha sido um fracasso, pois, segundo relato do professor:

no 1º ano “A” houve a aceitação, os alunos usaram bem o grupo, perguntando, fazendo as atividades propostas, os que não faziam as atividades era porque ou estavam sem internet ou ainda não tinham visualizado a atividade no grupo. Normalmente eu passava a atividade na terça-feira, seguindo a orientação da formação que nos grupos de WhatsApp fossem orientados dia, hora e prazos para fazer as atividades. Na quinta-feira eu usava o grupo para tirar dúvidas sobre a atividade, e na sexta-feira era o dia da aula (SILVA, 2019, p.2).

De acordo com Moran (2018) uma aprendizagem progressiva e motivada alcança o verdadeiro engajamento do aluno no projeto proposto pelo professor parte de uma personalização da aprendizagem, isto é, o educador deve ter a habilidade de personalizar suas metodologias a fim de adequar a realidade de condições tanto da escola, como de cada turma e cada característica que a necessidade educacional apresenta.

O jovem, quando estimulado intelectualmente a partir do seu universo, encontra mais motivação para aprender; o que possibilita ao professor fazer das suas metodologias um processo de aprendizagem mais significativa (MORAN, 2018).

Segundo o professor Silva (2019), nas duas primeiras atividades propostas houve o engajamento dos alunos, no entanto, a partir da terceira atividade os jovens não realizavam as atividades propostas e davam justificativas pouco convincentes como a falta de internet, esquecimento do celular. O que levou o professor a sugerir o uso de outros canais.

A essa sugestão, segundo o relato do professor um aluno o questionou sobre o porquê a escola não disponibilizar para eles o WiFi. O que na compreensão do professor, a escola não disponibilizar internet para os alunos, “representa um retrocesso nas relações sociais. “E com isso vejo que um dos motivos de eles não aceitarem mais a metodologia foi uma forma de protesto contra a direção da escola” (SILVA, 2019), uma maneira que os alunos encontraram para reivindicar WiFi liberado para eles.

Segundo Sunanga e Carvalho (2015, p. 144) “é fundamental que escolas possuam computadores e internet” para que, mesmo que os recursos sejam limitados, o ensino híbrido possa utilizar-se também dos espaços escolares e não só dos espaços virtuais. Visto que as metodologias que esse método possibilita empregar conta com práticas e didáticas que permitem que todos os alunos em forma de pequenos grupos possa usar e ter acesso a tecnologia, “permitindo que todos tenham o mesmo direito e tempo de utilização de tais recursos” (SUNANGA e CARVALHO, 2015, p. 144).

Quando o planejamento metodológico do professor leva em consideração o processo autônomo da aprendizagem do aluno, a inversão da sala de aula se torna produtiva na construção do conhecimento do aluno, pois ele passa a protagonizar as suas responsabilidades no tocante a sua construção intelectual. Simplício (2019, p.5) relata que

iniciou a metodologia da maneira que foi trabalhada na formação, com o professor coordenando o grupo, mas o que vi foram os alunos tomando de conta do grupo e isso se tornando algo muito melhor, onde eles realmente estavam participando da metodologia. E eu penso que o professor não pode atrapalhar o estudo dos meninos, então ao invés de somente eu direcionar, os alunos foram se sentindo à vontade para ir fazendo postagens, auxiliando os colegas que tinham mais dificuldades na disciplina.

Segundo Moran (2018) um ensino personalizado, que pensa nas habilidades e deficiências do aluno possibilita ao docente está sempre renovando suas metodologias e adequando o uso de tecnologias de acordo com a necessidade e as demandas de cada turma. É uma prática que proporciona ao professor uma maior precisão avaliativa das

habilidades dos seus alunos, o que possibilita ao docente conhecer quais são os alunos que estão compreendendo melhor os conteúdos que estão sendo trabalhados ao passo que estes sentem-se mais confiantes em auxiliar aqueles alunos que ainda precisam de mais atenção. É uma forma de descentralizar o conhecimento, que por sua vez soma e agrega mais da sua experiência ao entendimento dos discentes tanto em sala de aula quanto na rede social, na internet, no uso pedagógico das tecnologias digitais.

Ainda no relato de Simplício (2019, p. 5) este mostra como funcionou na sua prática a metodologia da sala de aula invertida na construção do processo autônomo dos seus alunos mostrando que ao trabalhar alguns conceitos sociológicos clássicos, solicitou que os alunos elaborassem trabalhos em forma de seminários, dividindo o tema em três partes para que todos os grupos pudessem apresentar e serem avaliados. Porém:

Teve um aluno que montou um material e que explicava os três assuntos dos seminários e postou no grupo do WhatsApp para todos. Eu não fiz nada, foram eles mesmos que pegaram o que eu tinha solicitado e fizeram acontecer. Tem grupo de algumas turmas que eu não tenho trabalho nenhum, eles é quem fazem e eu fico só supervisionando no grupo e avaliando em sala de aula. E o resultado é bem positivo. Ou seja, diferente de quando começamos eu não faço mais intervenções no grupo, eu só administro as atividades deles.

Esse relato mostra como o professor no cotidiano das suas aulas pode adaptar de forma muito prática e estimular nos alunos o desejo de aprender por eles mesmos, pois “o conhecimento não precede a ação, mas, sim, está na ação” (CONTRERAS, 2002, p. 107) e a ação reflexiva proporciona tanto aos alunos quanto ao professor repensar e adaptar suas metodologias, tornando-as mais precisas e eficazes na construção da aprendizagem em sala de aula.

Segundo Contreras (2002, p.107) “um profissional é um especialista que enfrenta repetidamente determinados tipos de situação ou casos que constituem o âmbito da sua especialidade.” O que desafia o profissional a está constantemente vigilante da sua ação docente no processo de reflexão da sua própria prática.

Segundo Contreras (2002) ao pontuar a reflexão-na-ação trabalhada por Schön, como sendo uma prática em que o profissional se dispõe a compreender que a ação realizada no cotidiano escolar pode e deve ser analisada e adaptada para se alcançar o máximo que a metodologia proposta tem a oferecer para o aluno no tocante ao seu aprendizado. A prática docente e o uso de metodologias que desafiem o docente a inovar

seus métodos é “um processo que se abre não só para a resolução de problemas de acordo com determinados fins, mas à reflexão” (CONTRERAS, 2002, p. 109).

Isso mostra que quando se sabe utilizar a internet pode-se alcançar voos tão altos quanto se desejar, é preciso somente quem oriente. Nesse sentido a metodologia proposta pelo ensino híbrido, torna o professor não somente um detentor de conhecimento e fiscal de sala de aula, mas sim um curador da sua disciplina, exercendo suas funções pedagógicas com um sentido de curadoria, isto é, selecionando o que de mais produtivo e útil existe na sua área de atuação e distribuindo para os alunos de forma adequar as suas capacidades e inteligências.

4.3 A Escola, o Professor e as Novas Metodologias

A cultura escolar muitas vezes se apresenta para o professor, que tem metodologias inovadoras e pouco tradicionalistas, como um desafio a ser enfrentado e faz com que o docente enfrente algumas resistências seja de alunos, colegas professores, e até mesmo de pais de alunos.

A cultura escolar tradicional aqui referida é uma prática essencialmente voltada a racionalidade técnica mencionada por Contreras (2002) ao refletir sobre a autonomia ilusória, que o professor que volta sua prática somente para a execução de técnicas acabam fazendo a mesma aula por anos e anos, sem levar em consideração a possibilidade de agregar novas formas de se pensar e fazer suas aulas.

Esse fato acaba por tornar alguns professores resistentes a metodologias inovadoras, fazendo com que o docente além de pensar nas novas práticas, leve em consideração o que relata Simplício (2019, p. 3) “No final das contas os alunos do curso de informática se empolgaram muito com a ideia de poder usar o celular na escola, porque essa é uma questão tabu na escola, não se pode usar o celular”.

Diante deste tabu, o professor relatou que o incomoda alguns relatos de professores que ao ver um aluno usando o celular em sala de aula, toma o celular, chama os pais e criam, por vezes, uma situação constrangedora. E por esse motivo Simplício afirma que evita ao máximo usar o celular em sala de aula.

Com isso, Simplício (2019) relatou que procura evitar qualquer conversa em que seu nome apareça como o professor que permite os alunos usarem o celular em sala de aula, como se ele estivesse transgredindo as regras da escola deliberadamente. Pois na época em que o professor iniciou a nova metodologia, este tinha chegado na escola recentemente e ele não queria se indispor com a direção da escola.

Então traçou a seguinte estratégia metodológica com seus alunos: quando estiverem sem internet em casa, ou não conseguirem por algum motivo acessar o material do grupo, usem a internet da escola, nos horários de intervalo, onde os alunos têm acesso a internet. E se ainda assim não conseguir ter acesso ao material pelo seu próprio dispositivo, procure um colega que já tenha conseguido ter acesso a atividade.

Dessa forma o professor deu opções do aluno não ir de contra as regras estabelecidas pela escola, aproveitando os espaços que a escola disponibiliza, e possibilitando o discente efetivar a sala de aula invertida, onde os estudantes fazem atividades de estudo da disciplina em casa e para sala de aula trazem suas dúvidas e demandas, o que favorece o desenvolvimento da aula.

Diferentemente da escola profissionalizante, a escola regular pesquisada, não disponibiliza internet para o aluno em nenhum horário. O que por vezes acaba impossibilitando um maior uso de metodologias ativas envolvendo tecnologias nesta escola. O professor Silva (2019) relatou que entrou em contato com os órgãos competentes para tentar trazer mais internet para escola, mas não obteve sucesso, foi informado que a escola não tem estrutura suficiente, nem investimento para que se possa oferecer internet de qualidade para todos.

Não obstante, Silva (2019) encontra semelhante resistência por parte de alguns colegas professores que segundo o docente

quando na sala dos professores falei sobre a pesquisa e que estava participando de uma formação que ensina como usar redes sociais em sala de aula, e que a coordenação da escola apoiou e aprovou a ideia, alguns colegas se posicionaram contra dizendo que não viam a aplicabilidade da metodologia nas suas disciplinas, a exemplo do professor de Matemática.

Diante da fala do professor de Matemática, Silva (2019) complementa dizendo que muita da resistência dos professores, ou é por não saber usar as tecnologias, ou por estarem tão acostumados com as mesmas aulas, as mesmas técnicas de dar aulas, avaliar

os alunos, atribuir notas por provas, que acabam temendo qualquer possibilidade de mudança nos seus métodos, sentindo-se muitas vezes ameaçados pelos professores que inovam e que se abrem a novas formas de trabalhar os seus conteúdos, desde a aula até o processo avaliativo. O educador Luckesi (2011, p. 215) acredita que:

A compreensão teórica da avaliação da aprendizagem escolar no Brasil, tem-se ampliado bastante, os discursos pedagógicos, sejam eles de autores especializados ou de educadores em seu cotidiano escolar, são cada vez mais alvissareiros nesse sentido, o que é qualitativamente positivo, entretanto, no cotidiano da sala de aula, e dos sistemas escolares de ensino, observamos ainda resistência na maior parte das vezes inconscientes, pois nossos educadores acatam os novos conceitos, porém não os traduzem em práticas diárias em sala de aula (LUCKESI, 2001, p. 215).

O que nos auxilia a refletir sobre a importância da formação continuada de professores, no tocante a renovação das práticas pedagógicas muitas vezes ultrapassadas. Mas não é somente o ato de fazer formações, aperfeiçoamentos ou pós-graduações; é uma questão de pôr em prática o que renova, recria, e reinventa a educação para o seu desenvolvimento, e com isso trazer os alunos mais para perto do conhecimento e do desenvolvimento intelectual, e assim tornar-se pesquisador da própria prática docente ao atualizar continuamente a suas práxis.

Ao ouvir do professor de Matemática que não via aplicabilidade de uso de tecnologias em sala de aula, Silva (2019) retrucou mostrando que a postura do professor em se fazer resistente a novas formas de se ensinar, é um passo para trás que a educação dá. E mesmo diante de argumentações sobre o uso indevido que alguns alunos fariam das tecnologias, como numa avaliação em que se usa o Google Drive e permite-se que o aluno possa fazer pesquisas na internet, Silva (2019) reflete sobre esse assunto mostrando que:

Numa prova online, usando o Google Drive, em que ele tem acesso à internet, que ele não faça pesquisa, ou seja, que ele não cole, o que se pode trabalhar também é a conscientização do aluno no tocante ao seu conhecimento. E o professor disse, desse jeito todo mundo vai tirar nota dez. E eu respondo que talvez não, sobretudo aqueles que tem já uma consciência sobre a sua aprendizagem, que utilizaram da metodologia para experimentar novas formas de aprender e não de burlar a disciplina. Mas claro que sempre haverá aqueles alunos que vão se aproveitar da oportunidade de se favorecer e procurar o caminho mais curto só para conseguir a nota (SILVA, 2019, p.5).

Diante desse relato, Silva (2019) pondera mostrando que ao se utilizar esse tipo de metodologia, não se deve levar em consideração somente que o aluno usara de má fé

para colar nas avaliações, mas que o professor deve ser um estimulador de um uso inteligente e pedagógico dos recursos tecnológicos para que se possa propor um ensino e aprendizagem, e até mesmo avaliações que sejam diferenciadas do modelo tradicional.

Porém:

Mesmo assim alguns professores continuam resistentes ao uso de tecnologias nas suas disciplinas. E esse discurso e prática de alguns professores, e a cultura da escola de proibir o uso de celulares, fomenta no aluno o desinteresse por esse tipo de metodologia (SILVA, 2019, p.5).

Mesmo sabendo que o uso de tecnologias é, hoje em dia, uma fonte de informação que os jovens acessam constantemente. Com isso o docente ao utilizar esses recursos como forma de ampliar o alcance de suas metodologias, dá um passo adiante no processo de ensino-aprendizagem de forma qualitativa.

Complementa Lima e Moura (2015, p.89) mostrando que “em contraste com a linha de evolução das tecnologias digitais aconteceu a evolução das salas de aula. Mesmo com a presença de multimídias na sala, a forma de ensinar, avaliar e orientar sofreu poucas mudanças”.

O que leva o aluno muitas vezes a não procurar mais o professor, pois a sala de aula digital funcionar mais do que o modelo tradicional. O docente por sua vez, ao não atualizar suas práticas avaliativas e metodológicas, está sujeito a dificuldades em sala de aula, como não despertar no aluno o interesse por suas disciplinas por não inovar sua prática, o que de acordo com Silva (2019) faz alguns alunos preferirem assistir a vídeo aulas às aulas presenciais.

Certa vez uma aluna do 3º ano me falou que estava usando o YouTube para estudar para redação, assistindo vídeo aulas de regras gramaticais e que auxiliaram bastante ela; de forma que ela disse que conseguiu uma nota dez na disciplina de redação com o auxílio da rede social. Isso mostra que há um pequeno interesse por parte dos alunos em usar a tecnologia com intuito educacional, e não só por entretenimento, mas quando se proíbe uso dos celulares e de toda e qualquer forma de tecnologia na escola, inibe o aluno a se interessar e ver que existe um uso educacional nas tecnologias (SILVA, 2019, p.7).

O professor relata que a escola, tem mais políticas que coíbem o uso didático das tecnologias digitais do que fomentam o uso pedagógico dela, o que acaba criando tanto nos professores quanto nos alunos uma visão deturpada do que é a inserção de metodologias ativas e tecnologias digitais em sala de aula.

Uma das professoras que gostou da ideia do uso das redes sociais quando eu comentei com ela disse: meu filho quando terminou o 3º ano ele ficava em casa só comendo, dormindo, usando o celular e o computador. E um dia cheguei em casa cansada e estressada, e reclamei daquele comportamento foi que eu vim perceber que ele não estava só perdendo tempo, ele fez um curso online de línguas e com isso conseguiu um trabalho e hoje está trabalhando numa empresa de turismo na Argentina (...) Então eu vejo que ao nos depararmos com um aluno que só faz uso do WhatsApp para mandar mensagens para a namorada ou então para ver besteiras, e trazemos orientações e direcionamentos como por exemplo, procura esse canal, olha esses vídeos, lê esse site, e orientamos um uso educacional da internet é uma forma de despertar no aluno o interesse de estudar determinado assunto usando uma linguagem que ele conhece que é a linguagem da internet. Com isso, ao invés de chagar na escola e usar o celular para ficar vendo e mostrando conteúdos banais, ele poderá influenciar outras pessoas a conhecer um uso mais educativo da internet. Pois o estudante, principalmente o estudante de ensino médio, é muito de estímulos, e ao passo que vamos estimulando, estamos plantando uma semente que a longo prazo vai florescer (SILVA, 2019).

A sala dos professores torna-se um campo de observação e reflexão das práticas docentes quando se pensa em uso de metodologias ativas e práticas educacionais integradas com tecnologias digitais, porque assim o professor tem de repensar suas ações metodológicas cotidianas, e é sabido, ainda, da existência de uma parcela significativa de professores que ministram a mesma aula a dez anos, com o mesmo caderno de dez anos atrás sem levar em consideração que os alunos de hoje já não são mais os mesmos.

Uma barreira que percebi e tenho que deixar claro aqui é com relação ao uso do celular: que para finalidade educacional pode e deve ser utilizado e é essa a proposta da metodologia, mas o discurso de não utilizar o celular na escola ainda é muito forte. Até porque enquanto eu sou um dos poucos professores que não tem problema na utilização dos celulares na escola através da metodologia proposta pela formação, muitos colegas professores não gostaram da ideia (SILVA, 2019).

Em Simpício (2019)

Para você ter uma ideia de como é o comportamento dos professores no tocante ao uso de celulares em sala de aula: existe o Professor Diretor De Turma¹⁸ e uma professora que é diretora de uma turma, fez uma

¹⁸ Vigente desde 2008, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do professor diretor de turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais, junto aos seus estudantes. (SEDUC – CE. Projeto Professor Diretor de Turma – PPDT. Portal do Governo do Estado do Ceará. Acesso em: 18/04/2019. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/>)

caixa com pequenas divisórias e em cada divisória tem um número e essa caixa fica em cima do birô do professor onde cada aluno deve colocar seu celular no devido número que corresponde ao número da sua chamada. O aluno que não botar, ou é porque faltou, ou porque não levou o celular, ou porque não tem o celular ou é porque está com o celular na bolsa. (...) Outra professora fez algo semelhante, fez o seguinte: (...) ela fez um suporte de pano e costurou bolsinhos nesse pedaço de pano de forma que coubesse os celulares, eu vejo uma mistura de um Banner com guardador de sapatos pendurado na parede. É gigante, de cor verde. Quando ela chegou na porta da sala para botar, eu estava dando aula, perguntei logo se era a bandeira do Icasa¹⁹. E ela retrucou explicando que era para botar o celular (SIMPLÍCIO, 2019).

Mostrando com isso o caráter fiscalizador e inibidor que alguns professores ainda têm em relação ao uso de celulares em sala de aula. Este é um exemplo de personalização não produtiva do uso de tecnologias. Segundo Schneider (2015, p.68)

A personalização acontece nos diferentes espaços escolares, entre eles – e talvez em primeiro lugar – a sala de aula. Entretanto, para isso, é preciso reorganizar os saberes, aliando a presença das tecnologias na educação, ou seja, não é suficiente incluir as tecnologias na sala de aula sem, antes, repensar o papel do aluno e do professor.

Manifestando assim, que algumas ações são pensadas para coibir o uso do celular, mas não são pensadas nas consequências que essas ações terão no decorrer das atividades escolares.

O interessante é que nessa turma, eu dou a primeira aula na quinta feira, então eu entro na sala junto com os alunos e os meninos vão chegando e botando os celulares e fiquei observando aquele movimento, e depois na sala dos professores eu questionei a professora que teve a ideia: - e se sumir um celular daqueles, o que você vai fazer? Ela não soube responder (SIMPLÍCIO, 2019).

Diante desse relato, o que se observa são ações de contenção do uso do celular, sem um direcionamento pedagógico, ou um planejamento estratégico eficaz no controle do uso de aparelhos celulares em sala de aula. E sim só mais um contingenciamento coercitivo da autoridade do professor, ou seja, o professor ou professora manda, os alunos obedecem, mas não educa o uso e a prática do aluno com relação aos celulares. É somente proibição sem educar a prática.

Nesse momento eu pensei comigo: se você não quer que o aluno use a celular peça para todos os alunos que têm celulares, deixá-los sobre a mesa, o professor vai ter a certeza que eles não estão usando o celular escondido. Porque eu penso assim, se o professor não quer que o aluno use, o celular estando em cima da mesa todos vão saber onde está o celular, e o que acontecer com esse celular, ele estará na posse do seu

¹⁹ Time de futebol do interior do Ceará.

dono. Se sumir, ou foi o dono que perdeu ou alguém próximo que pegou. Fica mais fácil de fiscalizar. Agora deixar o celular numa parede distante do dono do celular muita coisa pode acontecer, vai que toca, a pessoa esquece de deixar no silencioso, eu mesmo já fiz isso, esquecer de botar no silencioso e o celular tocar durante a aula, e o pior é que a o toque do celular era uma música bem engraçada. O que acontece é que atrapalha a aula (SIMPLÍCIO, 2019).

As escolas pesquisadas mostram a necessidade de se pensar metodologias que tragam o uso de tecnologias para mais próximo da realidade de sala de aula dos professores, uma vez que havendo inevitabilidade para inibir o uso excessivo de celulares em sala de aula, é porque os alunos querem fazer uso desse instrumento. Como refletiu Silva (2019) ao pontuar que o professor pode ser a pessoa que orienta os alunos a fazer um uso educacional do celular, para tanto “é preciso que o professor reveja as propostas desenvolvidas em sala de aula, de forma a oportunizar ao aluno a efetiva participação na construção do conhecimento” (SHNEIDER, 205, p. 68).

4.4 A Formação, o Professor e a Autonomia do Aluno

Promover aprendizagem é um desafio que todo professor se depara no seu cotidiano profissional. E uma das finalidades que o ensino híbrido tem, é a de desenvolver no aluno a sua autonomia na construção do próprio conhecimento.

A formação continuada se apresenta para o professor, que pensa e quer que as suas aulas ganhem cada vez mais sentido e agregue verdadeiramente conhecimento do estudante, como um caminho de desenvolvimento e estreitamento as novas técnicas e tecnologias atreladas ao ensino – aprendizagem.

Na formação continuada do professor nas escolas brasileiras, tanto públicas quanto particulares, pouco foi desenvolvido em relação às novas habilidades, sobretudo aquelas necessárias para o uso intencional de tecnologias digitais, o que reflete diretamente na continuidade de práticas pedagógicas ultrapassadas, muitas das quais, por sua vez, são reflexo de uma graduação incompatível com o cenário atual das salas de aula (LIMA E MOURA, 2015, p.90).

Levy (1999); Bacich (2015) e Moran (2015) ressaltam a importância do docente ser capaz de exercer a função de animador, até mesmo curador da sua disciplina, para que em sala de aula os alunos estejam sempre motivados a usar as metodologias que lhes são oferecidas para desenvolver seu intelecto.

Com isso, o uso das técnicas e a prática docente associada a metodologia oferecida pela formação possibilitou que Simplício (2019), tivesse a seguinte percepção:

o que observei é que, quando eu enviava atividades e direcionamentos para o grupo de WhatsApp, os alunos se comportavam assim: ah! Moleza é só copiar e colar as respostas. Então para muitos perdeu a seriedade da metodologia. Digo isso porque certa vez eu passei um formulário do Google Drive com uma atividade para eles, e um aluno perguntou assim, professor pode compartilhar as respostas do grupo? E eu respondi, já que você pretende fazer isso, crie pelo menos um grupo para fazer isso; não faça no mesmo grupo não. Porque você sabe que quem pega as respostas compartilhadas não aprende nada. Porém eu não proibi que o fizesse, mas disse que ficaria pelas suas consciências. E o interessante é que a prova de Filosofia, e o conteúdo das questões do formulário eram sobre Ética. Então eu disse fica a seu critério, se você acha que compartilhar respostas é certo, então beleza. E se vocês acham que não é certo, também, beleza. É uma questão de consciência. E falei se você vai pescar na prova de Ética, é mesmo que tirar um zero, pode até tirar um dez, mas não terá valor (SIMPLÍCIO, 2019, p. 3).

Mesmo na prova de Ética, os jovens de uma era líquida, como nos faz refletir Bauman (2013) com seu conceito de modernidade líquida, uma ideia que nos leva a compreender um mundo sem formas, onde as convicções, as construções sociais e os valores éticos são tão fluidos e perenes quanto a água de um rio.

Pode dizer que em nenhuma outra época a necessidade de fazer escolhas foi tão profunda, nem o ato de escolher se tornou tão dolorosamente embaraçador, conduzido sob constante ameaça de ficar para trás e ser excluído do jogo, impedido de voltar a ele e pela incapacidade de atender às novas demandas (BAUMAN, 2013, p.23).

É uma época em que tanto docentes quanto discentes deparam-se com frequentes conflitos de interesses, seja o professor que tem que cumprir sua meta de conteúdos planejados, pois será cobrado por isso, seja o estudante que por vezes absorve um conteúdo de forma tão alheia que depois da prova não se recorda de nada que estudou, tornando o método avaliativo tradicional cada vez mais ineficaz, pois não explora do estudante o seu verdadeiro potencial ao concentrar-se somente em aprovação e reprovação por meio de testes que muitas vezes não dá para o aluno um sentido reflexivo sobre sua prática cotidiana (RODRIGUES, 2015).

Assim sendo, as novas demandas chegam tanto para professores que se vêm na necessidade de uma formação continuada, quanto para os alunos que por sua vez precisam dar uma resposta as demandas sociais, familiares, trabalhistas, morais e éticas. “Na perspectiva do ensino híbrido, os fundamentos ético-políticos são aqueles que

determinam os valores explícitos adotados pela escola” (CANNATÁ, 2015, p.155). As inovações, metodologias associadas a tecnologias e práticas integrativas entre o tradicional e o tecnológico quando incentivada pela escola, fazendo parte do seu projeto, apresenta-se no cenário escolar como uma alternativa ao professor na construção de princípios e convicções para os alunos, usando um meio de comunicação que se aproxima dos jovens.

Contudo, o professor Simplício (2019) relatou que mesmo ao trabalhar questões de valores e práticas justas na disciplina de Filosofia, ao tratar do tema Ética viu desenrolar-se no grupo de uma das turmas uma discussão sobre uma prática justa ou injusta na hora de responder a prova de ética, onde um:

Aluno que criou outro grupo de WhatsApp, compartilhou as respostas da prova. E como sempre tem aqueles alunos que não concordam, fizeram um print das conversas do outro grupo e enviou para mim. O que pude fazer foi não dar nota dez para o aluno que colou na prova de Ética. De forma tal que toda a turma ficou com nota dez, menos o aluno que compartilhou. E fiz isso e esperei o aluno se posicionar. E ele não disse nada, não questionou nem reclamou, só aceitou. Isso aconteceu numa turma de Informática (SIMPLÍCIO, 2019).

De acordo com Bauman (2013) paira sobre os cidadãos do mundo o que o Sociólogo chama de “superfluidade” que nesse contexto cabe-nos refletir sobre a ação do estudante ao usar o grupo do WhatsApp para colar na prova, reflete uma atitude de uma modernidade que se liquefez e consigo a noção de ética, justiça e coletividade deram lugar ao individualismo e interesses particulares, não importando quais as consequências.

O professor atento as características das suas turmas, tem a possibilidade de “inserir as tecnologias como recursos potencializadores do processo de ensino e aprendizagem” (SHNEIDER, 205, p.78) na construção da autonomia intelectual dos alunos.

Para tanto uma formação continuada é importante para que o professor esteja sempre revendo suas metodologias, conhecendo novas formas de, as suas práticas pedagógicas acompanharem o fluxo das relações ensino aprendizagem e aluno professor. A formação continuada faz do docente um constante estudante. A arte de ensinar passa pela prática do aprender, não há como instruir, lecionar sem instruir-se. Segundo Simplício (2019)

o que essa formação ofereceu para mim enquanto educador, foi a possibilidade de repensar de forma crítica o uso do celular em sala de aula. E outra coisa, é que o meu tempo é algo muito limitado, são só 50 minutos de aula, então essa metodologia me ajuda muito porque eu ganho um tempo de aula extra, onde os alunos continuam pensando sobre a disciplina fora de sala de aula. E que eu mal faço nada, fico só administrando o conteúdo. Então nesse sentido, o melhor da formação foi oferecer essa extensão da disciplina para os grupos de rede social e poder trabalhar melhor os conteúdos das disciplinas.

De acordo com Santos (2015) nas últimas três décadas transformações nas formas de produção econômica e nas relações sociais são evidenciadas cotidianamente, sobretudo no que se refere a comunicação e transmissão de informações e conhecimento, contudo o espaço escolar continua o mesmo de séculos anteriores. Com uma estrutura de sala de aula que não atende mais as demandas dos jovens que estão sempre conectados. Isto é, “o espaço escolar continua formatado para atender às demandas de uma sociedade que não existe mais” (SANTOS, 2015 p. 104).

Agora tem uma coisa que eu sou avesso é: usar a rede social para digitar, trabalhar oferecer matérias e ter de digitar no celular, eu pareço um ancião mexendo em tecnologias. O que me auxiliou muito, que a formação me mostrou e eu não sabia que existia, foi o WhatsWeb, usar o WhatsApp no computador, auxilia muito na hora de selecionar os textos, digitar os comentários, enviar materiais, ler o que eles estão postando no grupo (SIMPLÍCIO, 2019, p.6).

O docente ao se colocar no lugar de aprendiz, conhecedor de novo conhecimentos e maneiras diferentes de se enxergar o mundo dá um passo importante na sua construção como educador, pois o faz se lembrar de como é não saber de alguma coisa, e que uma metodologia cativante e envolvente, descomplica o que outrora parecia impossível de aprender. “Então eu vejo que as três ferramentas trabalhadas na formação dão para ampliar as minhas metodologias. Eu preciso só explorar mais as possibilidades dos instrumentais ensinados na formação” (SIMPLÍCIO, 2019, p.6), que foram o WhatsApp, o WhatsWeb e o Google Forms. O que reforça mais uma vez a necessidade de uma formação contínua e transformadora.

No relato de Silva (2019) este reflete sobre a eficácia da metodologia proposta pela formação, e como os alunos e seus pais encararam a metodologia.

A metodologia é eficiente o que não é eficiente é a forma como o povo enxerga a educação porque tem uma visão muito tradicional; e querendo ou não os jovens acabam trazendo consigo esse tradicionalismo que os pais têm, como por exemplo os pais querem ver o livro do filho sendo utilizado, os cadernos com os conteúdos copiados,

isto é, atividades tanto marcadas nas páginas do livro quanto copiadas do quadro para o caderno para o estudante resolver essas questões em casa, eles resolverem e o professor dá um visto na atividade, os pais precisam ver isso. É esse fato que chamo de tradicionalismo.

Aqui o professor leva em consideração a eficiência da metodologia trabalhada na formação, porém tece críticas a visão tradicionalista que os jovens acabam trazendo nas suas práticas cotidianas, reflexo da compreensão tradicional de alguns pais que ainda preferem que seus filhos usem seus cadernos e levem deveres de casa para que esses pais vejam seus filhos estudando, por não considerarem que usar rede social configure uma forma de, também adquirir conhecimento e não só entretenimento.

Então pensar em uso de tecnologia digitais é diferente, pois se o pai e a mãe quiserem acompanhar as atividades dos filhos, ou acompanham o uso do celular do filho ou vem até a escola para falar com o professor, e não acontecem nem um nem outro, pois os pais preferem acompanhar somente pelo caderno do filho, aqueles que fazem algum acompanhamento do filho no tocante a escola (SILVA, 2019).

Diante desse relato, é fundamental salientar a importância que uma proposta metodológica desse porte ser sempre dialogada com a comunidade escolar, na presença de pais, coordenação pedagógica, direção e não só entre professores e alunos, pois essa metodologia trabalha fortemente a inserção de um recurso tecnológico que é mais usado para o entretenimento das pessoas.

O que se propõe com esta formação é um uso educacional do recurso tecnológico digital, a rede social WhatsApp e os conteúdos trabalhados em sala de aula. Logo é fundamental que o professor possa adequar a sua realidade e manter um diálogo o mais próximo possível com os pais dos alunos, para que estes pais ao passo que compreendem a proposta, tornam-se, também um facilitador da metodologia.

O Ensino Híbrido, como já mencionado, é uma eficaz técnica de inserção de tecnologias em sala de aula, não é o fim da escola, mas a sua adaptação as novas relações sociais. E ao contrário do que se pode parecer, a tecnologia é capaz de aproximar cada vez mais o aluno e o professor (SANTOS, 2015).

Então diante de todas essas questões, os alunos demonstraram uma boa aceitação da proposta. Mesmo aquela turma de 1º ano “B” que se mostrou resistente as duas redes sociais e a metodologia em si, houve um pequeno grupo que gostou da metodologia, da proposta e durante a feira de ciências me convidaram para fazer uma ponte digital sobre os seus projetos, isso mostra que ali foi plantada uma semente de interesse da metodologia para futuramente se trabalhar com mais profundidade.

Eles estão usando a ideia do grupo na rede social para pensar suas comunicações e funcionamento dos seus projetos, isso já mostra uma adaptação que os alunos fizeram da proposta da disciplina para outros práticas na escola (SILVA,2019).

É fundamental que o professor ao levar em consideração inserir nas suas metodologias, o uso integrado de tecnologias digitais, rede social e práticas com metodologias ativas, busque um recurso tecnológico que o faça sentir-se confortável e que veja a real possibilidade de uso, pois não será somente a formação que resolverá todos os problemas do docente que inicia um trabalho com o universo digital, mas todo o esforço em que o professor exercerá para aprender e dominar a técnica até transforma-la e recria-la com suas características e da sua escola.

A ferramenta que a formação ofereceu, que para mim foi muito boa e útil foi o Google Drive. O Drive foi maravilhoso, tanto na elaboração de atividades como na execução delas. A dificuldade que eu senti em usar essa ferramenta foi: em eu mesmo elaborar as questões e produzir os formulários de questões para os alunos. O que senti de facilidade foi em copiar questões que eu já trabalharia de forma impressa e com o Google Drive pude só copiar para os formulários e trabalhar em formato digital (SILVA, 2019).

A frase atribuída ao filósofo grego Sócrates – “Só sei que nada sei” – não significa que não se sabe de coisa alguma, mas que não há nada do que se saiba que não se possa conhecer mais. Não há nada do que sei que outro não possa saber também. Não há nada do que sei que eu e outro juntos não possamos conhecer mais e melhor. A intensão dessa formação é de se proporcionar ao professor a importância de se colocar no lugar de estar sempre aprendendo para se tornar melhor. Não melhor do que os outros, mas sim, desafiar-se a superar as próprias limitações.

Ainda em Silva (2019) quando no final da sua entrevista, faz uma avaliação sobre a formação, este reflete sobre suas percepções mostrando que sente a real necessidade aprofundar-se mais nos estudos sobre como usar tecnologias na sua disciplina, ressaltando a importância de uma continuidade da formação, pois percebeu que há um maior engajamento dos alunos nos desenvolvimento dos conteúdos e com isso um resultado no processo de ensino aprendizagem mais significativo no tocante a apropriação dos conceitos sociológicos por parte dos alunos seja no uso da rede social, no dia-a-dia na escola, e até mesmo nas avaliações.

O professor mostra ainda a sua satisfação com a associação feita entre o WhatsApp e o Google Drive, pois “se o aluno esquecer o celular em casa ele pode ir para o laboratório da escola e fazer o exercício no computador da escola” (SILVA, 2019).

Vejo que essa ponte entre WhatsApp e o Google Drive é a melhor forma de se trabalhar a disciplina de sociologia usando as mídias digitais. Como foi a proposta da formação de juntar a rede social e o exercício pelo Drive é muito eficaz. Porém eu não consegui usar bem o drive, o que preciso fazer é tentar explorar mais o drive, de forma que dá para ser utilizado tanto no 1º quanto no 2º e 3º ano, o que vejo que é realmente uma metodologia viável, funciona, é muito bom mesmo! Fiquei encantado pela praticidade” (SILVA, 2019).

Para trabalharmos melhor a formação e sanar quaisquer dúvidas que os professores venham a ter, foi desenvolvido um site, onde o professor encontrará todos os passos metodológicos que foram dados durante a formação, bem como dicas de leituras de metodologias ativas, espaço para troca de ideias e experiências exitosas e um espaço aberto e contínuo na construção de metodologias que alcancem cada vez mais os objetivos dessa formação que é desenvolver metodologias ativas e significativas tanto para os professores quanto para os alunos.

O site intitulado *Sociologia Ativa* pode ser encontrado pelo endereço eletrônico: www.sociologiaativa.educacao.ws / e nesse site encontram-se os passos de como criar grupos de WhatsApp e como associar os formulários Google de forma a criar a sala de aula invertida.

PASSO A PASSO DA CRIAÇÃO DO GRUPO DE WhatsApp

www.sociologiaativa.com.br

OBJETIVO:

- ➔ Criar grupo no WhatsApp para uso de Ensino Híbrido – Sala de Aula Invertida.

MATERIAIS:

- ➔ Smartphone e/ou Computador
- ➔ Pacote de internet
- ➔ Aplicativo do WhatsApp

MÉTODOS:

- ➔ **1º PASSO:** Ao abrir o aplicativo, no canto superior direito da tela tem um menu, nele o primeiro item é: CRIAR GRUPO. Ao escolher essa opção, selecione quais participantes serão adicionados no novo grupo, estes devem estar nos seus contatos.
- ➔ **2º PASSO:** Participantes selecionados, é hora de dar um nome ao grupo de até 25 caracteres, onde você pode botar o nome da disciplina e a turma para qual será criado o grupo. Selecione, também, uma imagem para o grupo que tenha relação com a temática da disciplina.
- ➔ **3º PASSO:** Criado o grupo, de um click no nome do grupo e isso te levará para um menu onde aparecerão opções, como: Adicionar Descrição, silenciar notificações, Notificações personalizadas, Visibilidade de mídia, Criptografia, configurações do grupo, adicionar participantes e convidar via link.
- ➔ **3.1:** Crie uma descrição do grupo. Por se tratar de uma metodologia e não um entretenimento, o professor deve deixar claro qual a finalidade do grupo informando o que deve ser postado no grupo, o que não deve ser postado, quais os horários e dias em que se deve fazer postagens. Dessa forma o professor garante a funcionalidade do grupo, de maneira a não virar bagunça ou mais um grupo em que a pessoa queira silenciar por um ano.
- ➔ **3.2:** Para melhor administração do professor e evitar que o grupo vire bagunça ou evite postagens acidentais e indesejadas. No menu CONFIGURAÇÕES DO GRUPO, o professor pode escolher a opção de somente administradores poderem **editar dados do grupo e enviar mensagens**, podendo dessa forma decidir quais dias e horários o professor abrirá para a participação dos alunos no grupo. De maneira que o professor adequar aos seus horários para ter maior produtividade.
- ➔ **3.3:** O passo 3.1 e 3.2 são importantes para que o professor crie uma ordem no grupo, mas não precisa engessar de forma a acabar com a espontaneidade do grupo. É uma forma de otimizar o seu uso.
- ➔ **4º PASSO:** O grupo criado, regras estabelecidas, é hora da curadoria da disciplina. O professor tem a possibilidade de criar espaço para debates, vídeos, músicas, áudios, links, textos e tudo mais que o professor ache necessário para que se trabalhar os conteúdos que serão ministrados em sala de aula. Com isso otimizar o seu tempo antes, durante e depois da aula.

- 4.1: É a criação de uma extensão da disciplina fora de sala de aula e dentro do Ciberespaço com a efetiva participação dos alunos de uma forma ordenada e pedagógica, que pode e deve ser consultada a qualquer momento, inclusive em sala de aula.

PASSO A PASSO DO GOOGLE FORMS

Objetivo: Criar no Google Forms banco de questões que possam ser anexadas ao grupo de WhatsApp e facilitar a metodologia Sala de Aula Invertida.

MATERIAIS:

- Ter uma conta de Gmail;
- Está logado ao Gmail;
- Pacote de internet.

MÉTODO:

- **1º PASSO:** Está logado no Gmail. No canto superior direito da tela do computador, você encontrará um menu onde contém algumas ferramentas do Google. Selecione o Google Drive.
- **2º PASSO:** Depois de selecionar o Drive, no canto superior esquerdo terá um ícone com o sinal de mais (+) e escrito NOVO. Ao clicar neste ícone aparecerá outro menu com opções de edição de texto, planilhas, apresentações. Clique na opção *MAIS* e aparecerá um ícone *FORMULÁRIOS GOOGLE*.
- **3º PASSO:** Ao selecionar o ícone Formulários Google, aparecerá um formulário em branco com ferramentas para edição e criação de questionários.
- **3.1:** No canto superior direito encontraremos opções de *personalizar* o formulário, onde podemos escolher desde cores diversas até imagens que farão parte do cabeçalho do formulário. Tem uma opção de *Visualização* que serve para quando quisermos ver como está ficando o formulário é só clicar, ele já dá um panorama de como ficará o produto. Uma opção de *Configurações*, onde se trabalha a finalização do formulário (falaremos mais sobre essa opção mais adiante). E a opção *ENVIAR* (falaremos mais sobre ela mais a frente).

→ **4º PASSO Criando o formulário:** Nessa etapa vamos usar as possibilidades que a ferramenta disponibiliza, inicialmente pede um título e uma descrição. Depois tem um campo para elaborar a questão. Do lado direito a pergunta, há uma opção onde se pode escolher que tipo de questão será elaborada conforme o professor (a) queira abordar o conteúdo. As opções são:

- ✓ **MULTIPLA ESCOLHA;**
- ✓ **RESPOSTA CURTA;**
- ✓ **PARÁGRAFO (Para questões abertas);**
- ✓ **LISTA SUSPENSA (Para questões com muitas alternativas);**
- ✓ **CAIXA DE SELEÇÃO (Para questões com mais de uma alternativa);**
- ✓ **ESCALA LINEAR (Para questões de correspondência, mais usado para as exatas);**
- ✓ **GRADE DE MULTIPLA ESCOLHA E GRADE DE CAIXA DE SELEÇÃO (Para questões que relacionam uma coluna com outra)**
- ✓ **HORA E DATA (Opção para se fazer um formulário para agendar atividades).**

→ **4.1:** Essas opções dão ao professor um leque de variedades para se trabalhar conteúdos de diversas formas e diversas disciplinas.

→ **4.2:** Ao lado direito tem uma coluna de ferramentas com as opções:

- ✓ **ADICIONAR NOVA PERGUNTA (Onde na mesma sessão se faz perguntas relacionadas ao conteúdo);**
- ✓ **ADICIONAR TÍTULO E DESCRIÇÃO (Serve para o professor indicar qual assunto se trabalhará nas questões);**
- ✓ **ADICIONAR IMAGENS;**
- ✓ **ADICIONAR VÍDEOS;**
- ✓ **ADICIONAR NOVA SESSÃO (Serve para quando o professor quer mudar de conteúdo no mesmo formulário).**

→ **4.3:** No canto inferior direito de uma sessão de perguntas tem as opções de: *duplicar a questão, excluir a questão e tornar a resposta da questão obrigatória.* (Essa opção de tornar obrigatória, faz com que apareça um asterisco vermelho na questão que não forma respondida, onde o aluno só finalizará o questionário se responder à questão. Evitando assim esquecimentos.

→ **4.4:** Depois de criada as questões aparecerá no canto inferior esquerdo de cada questão a opção *chave de resposta* o clicar nessa opção o professor poderá atribuir pontuação para cada questão e já deixar a resposta correta selecionada, para que

o programa mesmo faça a correção das questões e ao final dê o resultado das avaliações feitas pelos alunos.

- **5º PASSO:** Questionário pronto, agora é só personalizar, no ícone que fica no canto superior direito da tela, você poderá alterar as cores e o layout do formulário.
- **5.1:** No ícone ao lado visualizar, é possível verificar o resultado até então produzido antes de finalizar e enviar para o aluno.
- **5.2:** No ícone configurações você encontrará uma janela com três opções
 - ✓ **GERAL** (Onde pode solicitar a coleta do e-mail de quem está respondendo; limitar o aluno a uma única resposta para que este não fique editando e colando respostas de outros colegas depois de enviar suas respostas;
 - ✓ **APRESENTAÇÃO** (Onde cria-se uma barra de progresso de resolução das questões, pode-se embaralhar a ordem das questões para evitar que o aluno copie as respostas de outro colegas;
 - ✓ **TESTE** (Ao virar a chave, o teste será criado, e o professor pode liberar a nota do aluno ou não fica a seu critério nessa opção).
- **6º PASSO:** Teste criado, personalizado, visualizado, agora é hora de *ENVIAR* o formulário para os alunos, que pode ser feito de algumas formas:
 - ✓ **VIA E-MAIL** (É só anexar o formulário ao e-mail do aluno)
 - ✓ **LINK** (Essa é a opção que possibilita o uso direto do link gerado pelo formulário e enviá-lo diretamente para o grupo de WhatsApp dos alunos, onde estes poderão abrir o formulário pelo próprio celular, desde que estejam com internet.
- **6.1:** Essa é opção mais indicada para se promover a metodologia Sala de Aula Invertida, pois com ela o professor tanto pode enviar o link para casa e o aluno responder questões, assistir vídeos, fazer leituras, testes que direcionem a leitura do capítulo que será trabalhado em sala de aula, atribuir uma nota para essa atividade como moeda de barganha para o aluno cumprir com seu papel na metodologia, quanto o professor pode utilizar em sala de aula, num forma de trabalhar o uso do celular em sala de aula, em equipes, duplas, trios, fazendo com que os alunos responda questões que o professor envia interativamente para os alunos ao passo que as respostas são o direcionamento da aula. Fica a critério do professor.
- **7º PASSO:** Por fim o formulário do Google tem a opção de visualizar as respostas depois que o professor determinar o fechamento do formulário e não permitir mais receber respostas.

- ➔ 7.1: nesta opção o professor visualiza as respostas individualmente. E as questões de múltipla escolha produzem gráficos em pizza mostrando as questões que mais foram respondidas, as que menos foram respondidas, as perguntas que os alunos mais acertaram, as perguntas que os alunos mais erraram. O que possibilita ao professor uma avaliação mais profunda e sequenciada do seu conteúdo, verificando qual assunto os alunos ainda têm mais dificuldades.
- ➔ 7.2: nessa opção ainda se produz uma planilha onde o professor terá de forma escrita, e discriminada a resposta de cada aluno, por dia, hora e sequência de dados fornecidos ao formulário. Onde o professor pode ter acesso aos e-mails individuais de cada aluno, caso precise falar com o aluno diretamente.

Essa ferramenta possibilita ao professor um alcance qualitativo dos seus testes avaliativos, de forma a conhecer o perfil de uma turma com mais profundidade, pois com essa ferramenta, é possível avaliar com mais fidedignidade onde os alunos estão indo bem e onde estão tendo mais dificuldades, saber individualmente a dúvida de cada aluno. O que facilita o trabalho de curadoria do professor em relação ao seu conteúdo.

CONCLUSÃO

O uso de celulares em sala de aula é, muitas vezes, motivo de conflitos entre professores e alunos, onde o docente passa a disputar a atenção do estudante com o aparelho eletrônico, o que na maioria dos casos o professor acaba perdendo essa contenda, pois muitos alunos ao se conectarem com as redes sociais acabam se desligando da aula, pois a rede social passa a ser mais atrativa pela sua dinamicidade, entretenimento e interatividade, o que torna uma aula expositiva, onde somente o docente fala e não convida o escolar a compartilhar o seus saberes, desejos e interesses, está fadado a não ter a atenção da sua turma.

As tecnologias digitais de comunicação e informação ainda representa um desafio para alguns professores, tanto quando o aluno usa em sala de aula quanto ao professor é provocado a usar novas metodologias que o instiga a servir-se desse tipo de inovação. O que aponta a necessidade de se pensar constantemente na formação continuada do docente, seja para abrir novas formas de se pensar a profissão seja para aquele que já se abriu ao novo, adquirir as técnicas para ampliar suas ações docentes.

Nesse sentido, a formação de professores de Sociologia em metodologias ativas através do ensino híbrido, mostrou que a rede social, neste caso o WhatsApp, mostrou-se como um instrumento didático que provoca no aluno o interesse em participar, por ser uma ferramenta dinâmica e interativa e que trabalha com a linguagem dos jovens, tornando-o um instrumento didático e integrativo das metodologias tradicionais e as metodologias ativas.

Formar professores para o uso de metodologias ativas e ensino híbrido foi possível ao passo que a metodologia permitiu que pudesse aproximar da realidade dos professores, à medida que estes apresentaram suas demandas, suas ideias, e a forma como adequaram as suas necessidades.

Proporcionou não só para os pesquisados, mas também para mim, enquanto professor uma reflexão contínua da ação, isto é, ao passo que trabalhávamos as técnicas, aprendíamos juntos a como utilizar a tecnologia a favor de uma pedagogia que motive tanto professores quanto alunos a um ensino – aprendizagem mais ativo com mais espaço para o protagonismo dos jovens envolvidos, trabalhando a autonomia destes.

As manifestações dos anseios e dúvidas que os professores apresentaram durante a formação, foi chave para se pensar de maneira mais eficaz a utilização da rede social, e do Google Forms na execução da Sala de Aula Invertida, apontada pelos professores pesquisados como a ampliação da aula de Sociologia para além da sala de aula, como sendo um fator que torna a metodologia mais próxima e significativa para o aluno.

Aqui levamos em consideração os históricos e sucessivos ataques que a disciplina de Sociologia sofreu desde a sua inserção na educação brasileira. Vimos que somente no ano de 2008, depois de muita luta, essa disciplina, juntamente com a Filosofia, retornam em caráter obrigatório aos currículos escolares, o que gerou a necessidade de se pensar metodologias, materiais e métodos para se lecionar para as juventudes, que em sua diversidade, pode encontrar na Sociologia e seus conteúdos maneiras de se expressarem, se compreenderem e agir comunicativamente contribuindo para as suas construções sociais.

Para tanto, as técnicas que foram propostas nesta pesquisa, geraram segundo os relatos dos professores reações nos jovens que utilizaram o WhatsApp para estudar, maior engajamento com as aulas, participação mais ativa, e autonomia em alguns alunos que foram mais além no uso do grupo de WhatsApp do que o professor havia solicitado.

O Ensino Híbrido por meio da Sala de Aula Invertida possibilitou, enquanto técnica, que a rede social ganhasse outro sentido, um direcionamento mais voltado para a intelectualização e não somente para alienação e disseminação de notícias falsas. Proporcionou tanto aos professores quanto os alunos conhecer a cibercultura de uma maneira que proporcione aprendizado. E ainda, por se tratar de uma disciplina que trabalha a visão crítica, tornou o WhatsApp um ciberespaço de discussão, leitura, e intelectualização associado com o entretenimento e a diversão.

Porém, algumas limitações foram encontradas no decorrer da pesquisa, como a necessidade de mais formações para se pensar e conhecer melhor os recursos que tanto o WhatsApp quanto o Google Forms dispõem, para que assim o professor possa planejar melhor suas ações pedagógicas futuras. Alguns alunos criaram resistências de várias formas, desde não querer deliberadamente participar das atividades, não ter internet para acessar os conteúdos, proibição de pais e mães de usar dos celulares, até mesmo resistência por parte de alguns colegas professores, que rechaçaram a proposta

metodológica, e, problemas com recursos e infraestrutura da escola seja por falta de a manutenção ou por não ter materiais como computadores para todas e todos, internet de qualidade, laboratório de informática bem equipado.

Um dos elementos mais fortes no tocante as dificuldades que a pesquisa encontrou foi a sala dos professores, que por desconhecer e por terem medo de usar tecnologias em sala de aula, pautam suas práticas somente ao tradicionalismo e ainda criam mecanismos coercitivos do uso de tecnologias em sala. Criando um ambiente adverso a tentativas de inovação.

Apesar disso, vivemos numa era disruptiva de práticas tradicionalistas, o que transforma o trabalho do professor não mais como um reprodutor de conhecimentos, mas um curador das suas expertises, isto é, aquele que aprende ao ensinar, divide ao aprender, recria ao inovar; é aquele que ao ajudar as pessoas a se formarem, forma-se como pessoa humana, profissional e ser social.

O professor ao abrir -se para novas metodologias, abre portas para metodologias mais eficazes que se somarão com os métodos tradicionais já utilizados. Visto que a dinamicidade das redes sociais, a emergência das metodologias, e as demandas das juventudes, esta pesquisa abre caminhos a novas perspectivas no sentido de recriar e inovar seja a prática docente na construção de uma pedagogia que percebe nas tecnologias o cativar do aluno para novos conhecimentos seja para pensar o que ainda não se pensou.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida** / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzen. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversando com Ricardo Mazzeo** / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BERNARDIM, Márcio Luiz. **Juventude, Escola e Trabalho: Sentido atribuído ao Ensino Médio por Jovens da Classe Trabalhadora**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná – UFPA. Curitiba, 2013.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre Sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (**Orientações curriculares para o ensino médio**; volume 3)

BRIDI, Maria Aparecida; ARAUJO, Silvai Maria de; MOTIM, Benilde Lenzi. **Ensinar e aprender Sociologia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRUZZI, Demerval Guillarducci. Uso da tecnologia na educação, da história à realidade atual. **Rev. Polyphonia**, v. 27/1, jan./ jun. 2016

BRASIL, CAPES, Fundação. **Pibid - Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação a docências**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/pt/educacao-basica/capespibid/pibid>
Acesso em: 29/06/2019.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Edição revisada e atualizada. Paz e Terra, 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas** [livro eletrônico] / Bernard Charlot. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2014.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores** / José Contreras; tradução de Sandra Trabucco Valenzuela; – São Paulo: Cortez, 2002.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Qual a tua obra?** inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética / Mario Sergio Cortella. 24. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COSTA, A.C.G. **Protagonismo Juvenil**: O que é e como praticá-lo. Disponível em: <https://www.4pilares.net/text-cont/costa> Acesso em 08/05/2019.

COSTA, A.C.G. **A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa**. 2ª Ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

ESPÍNDOLA, Rafaela. **Como funciona a sala de aula invertida**. Tudo sobre EaD. Edools. Disponível em: <http://www.edools.com/sala-de-aula-invertida/>
ACESSO: 22/03/2019

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. **JUVENTUDES E REDES SOCIAIS**: interações e orientações educacionais. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 9, N° 1, p. 202 - 231, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 44. ed. – RIO DE JANEIRO. ED. PAZ E TERRA, 2005.

GORPPO. Luís Antônio. **Juventudes e políticas públicas**: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. Densidades vol.14 Rio de Janeiro mar. 2017.

JOAQUIM, Bruno dos Santos. O uso do Facebook no ensino de Sociologia: um relato de experiência docente. **Revista café com Sociologia**. Vol. 3, nº 1. jan. 2014. Disponível

em:<https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/viewFile/173/pdf> / Acesso em: 14/05/2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEVY, Pierre. **O Que é Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, Leandro Holanda de; MOURA, Flavia Ribeiro de. **O professor no ensino híbrido**. In: Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. / Cipriano Carlos Luckesi – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MANNHEIN, Karl. **Sociologia do Conhecimento**. / Tradução: Maria da Graça Barbedo. Ed. Portuguesa em 2 volume. Rés-Editora. 1990.

MARQUES, Raquel Maria Garcez. **Os nossos alunos e as suas Redes Sociais: um estudo etnográfico sobre a relação dos alunos com as comunidades virtuais e sua integração na escola**. 2009. P. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Minho. Portugal - Braga, 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARX, Karl. **El Capital**- Crítica de La Economía. Ciudad de México: FCE, 1999. Libro II. _____. Manuscrito Económico-Filosófico. São Paulo: Boitem - po, 2004.

McCOMBS, Maxwell. A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAN, José. Metodologias Ativas Para uma Aprendizagem Mais Profunda. In: **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, José Moran. – Porto Alegre: Penso, 2018.

MOREIRA, Marco Antônio; MASINI, Elcie. **Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel**. 2 ed. São Paulo: Centauro. 2001.

OLIVEIRA, Otair Fernandes de; JARDIM, Antonio de Ponte. **O retorno da sociologia no ensino médio no rio de janeiro: uma luta que merece ser pautada!** Disponível em: http://www.cp2.g12.br/UAs/se/departamentos/sociologia/pespectiva_sociologica/Numero2/Artigos/Retorno%20da%20Sociologia%20%20-%20Otair%20e%20Jardim.pdf. Acesso em: 04 jul. 2018.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Famílias, Poder e Riqueza: redes políticas no Paraná em 2007. **Sociologias**, Porto Alegre, Ano 9, Nº 18, p. 150-169. jun – dez. 2007.

RODRIGUES, Eric Freitas. **A Avaliação e a Tecnologia**. In: Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015.

SANTOS, Glauco de Sousa. **Espaços de Aprendizagem**. In: Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015.

SAVIANI, Demerval. / DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 45 set./dez. 2010 P. 422 - 590

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil** / Dermeval Saviani. – 4. Ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013. – (Coleção memórias da educação)

SHNEIDER, Fernanda. **Otimização do espaço escolar por meio do modelo Ensino Híbrido**. In: Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SUNANGA, Alexandro; CARVALHO, Camila Sanches de. **As tecnologias digitais no Ensino Híbrido**. In: Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015.

TAVARES, Augusto de Oliveira. TOLOVI, Carlos Alberto. MAIA, Roberto Jose Siebra. Aprendendo a pensar a sociedade com Karl Marx. In: CORDEIRO, Domingos Sávio (Org.). **Aprendendo a pensar a sociedade com os clássicos da sociologia**. Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013. P. 41-98.

TENFEN, Danielle Nicolodelli. Editorial: **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 1-2, abr. 2016. ISSN 2175-7941. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/2175-7941.2016v33n1p1>. Acesso em: 27 jun. 2019. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2016v33n1p1>.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa – Ação**. 14º ed. São Paulo – SP: Cortez. Abril / 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa – Ação**. Texto revisado e aumentado a partir da 14º edição. Editora Cortez. 2005.

TRIPP, David. **Pesquisa – Ação: uma introdução metodológica**. Universidade de Mordoch. 2005.

VALENTE, José Armando. **Aprendizagem Ativa no Ensino Superior**: a proposta da sala de aula invertida. Depto. de Multimeios, Nied e GGTE - Unicamp & Ced – PucSP. Disponível em: http://www.pucsp.br/sites/default/files/img/aci/27-8_agurdar_proec_textopara280814.pdf ACESSO: 22/03/2017.

APÊNDICE I

ENTREVISTA DE FEEDBACK DA PESQUISA COM O PROFESSOR BETHOVEN SIMPLICIO – DIA 02/04/2019 – EEEP. GOV. VIRGÍLIO TÁVORA

Após a formação, eu selecionei duas turmas para iniciar o uso da metodologia, forma as turmas do 2º ano “D” de Enfermagem e do 2º ano “A” de informática. E a proposta inicial foi que eu utilizasse numa turma o Facebook e em outra utilizar o WhatsApp. Com a ideia de utilizar a rede social para disponibilizar uma parte do livro ou do conteúdo para que eles pudessem ter acesso ao conteúdo, jogar uma questão provocativa, para que os alunos possam vir com a questão pelo menos parcialmente respondida para aula e dali nós dávamos continuidade à discussão que eles já tinha iniciado usando a rede social.

A ideia que tive foi de utilizar a metodologia para as duas disciplinas que leciono que são Sociologia e Filosofia. Então criou-se um grupo que engloba as duas disciplinas. Então primeiro decidi com a turma de Enfermagem a utilização do WhatsApp e depois com a turma de informática a utilização do Facebook. Porém a turma de informática foi muito resistente ao uso do face book afirmando que todos tinham WhatsApp, mas nem todos tinha Facebook. Por isso na turma de informática, também foi utilizado o WhatsApp, por ser mais prático e possibilitar um link com os materiais necessários para todos acessarem.

Num segundo momento nos utilizamos, também o formulário Google. Nós fizemos duas avaliações utilizando o formulário do Google, onde eu utilizei o grupo do WhatsApp para enviar o link para eles responderem, estabelecia um prazo para eles responderem e foi tudo tranquilo, todos fizeram a atividade. Fizemos duas avaliações em cada turma desse jeito.

➔ ESCOLHA DA REDE SOCIAL A SER USADA

Foi escolhido o WhatsApp em relação ao fecebook, pois primeiro, a maioria não usa o facebook. Alguns até tinham o facebook, porém estava em desuso. Eu me lembro da fala de um dos alunos que disse – “facebook é coisa da minha mãe”. Então eu disse assim: vamos usar o WhatsApp mesmo.

Então eu pensei que seria melhor usar só o WhatsApp mesmo, do que usar as duas plataformas só para ver a diferença. Então é melhor usar o que será mais utilizado. Na turma de informática todas as pessoas têm WhatsApp e na turma de enfermagem somente uma pessoa não tem. E com essa pessoa que não tem a rede social, eu solicitei a monitora da disciplina para ficar sempre encaminhando as mensagens e tudo que estava sendo trabalhado no grupo em relação a disciplina. A monitória da turma é uma aluna excelente, fez todo o trabalho de acompanhamento com tranquilidade e a aluna que não tinha a rede social pode acompanhar com tranquilidade os conteúdos.

→ USANDO A METODOLOGIA

Eu sempre fazia assim: vamos usar hoje um tema, aí sobre esse tema eu indicava a página do livro onde eles deveriam estudar o assunto e enviava junto uma pergunta que norteasse suas leituras, de forma que para responder as perguntas que eram feitas no grupo, a resposta estava nas páginas que eu solicitava que os alunos lessem.

Normalmente eu procurava fazer o uso da metodologia da seguinte forma: minhas aulas eram as quartas feira a tarde na turma de informática e na quinta-feira pela manhã na turma de enfermagem, o nosso planejamento são normalmente as quintas feira a tarde, então eu planejava quais seriam os conteúdos a se trabalhar no grupo e a pergunta, quando era a noite que eu chegava em casa, para não usar a internet da escola que geralmente não é boa, eu enviava para os alunos já na quinta feira a noite. E durante a semana eu solicitava que a monitora enviasse para a aluna que não tem o WhatsApp o que estávamos trabalhando no grupo.

Então os alunos tinham uma semana para trabalhar a questão, e pelo fato de a escola ser em tempo integral, só o que os alunos têm é tempo para estudar, então muitas vezes os alunos debatiam durante a semana, vinha perguntar para mim antes da aula. Isso aconteceu com a turma de enfermagem.

Já com a turma de informática, a experiência foi diferente, como todo mundo tinha a rede social, e há uma diferença no perfil das pessoas que fazem o curso de informática em relação as que fazem o curso de enfermagem; fez com que as pessoas do curso de informática fossem procurar as informações em outros links, outras fontes na internet, até mesmo por que eles gostam desses espaços virtuais.

E na enfermagem eu senti que por ser uma área que está muito ligada as ciências da natureza, me pareceu que boa parte da turma não se interessavam muito pelo estudo de Sociologia e de Filosofia, por exemplo: quando se lançava as perguntas provocativas sobre o tema da aula, com os alunos da informática os alunos respondiam e já puxavam o assunto para outros temas e a debate fluía. Mas na enfermagem, eles até respondiam as perguntas, mas somente, sem procurar debater para mais além do que se estabelecia. Dificilmente se tinha debates na enfermagem, dificilmente não, na verdade não tinha debates na enfermagem.

No final das contas os alunos do curso de informática se empolgaram muito com a ideia de poder usar o celular na escola, porque essa é uma questão tabu na escola, pode não se pode usar o celular. E por esse motivo, dentro de sala de aula eu evitei ao máximo usar o celular. Isso porque na sala dos professores é sempre aquela conversa de - “ah! Fulano de tal estava usando celular em sala de aula... e eu tomei o celular e a mãe dele vai ter que vir aqui...”

Então para não parecer tão aquela coisa de um dia aparecer aquela conversa dizendo assim, ah! Bethoven permite que os alunos usem celulares na sala, indo contra os outros professores... E como eu era novo na escola, não estava querendo comprar essa briga, então combinei o seguinte com os alunos: vou enviar o link pelo grupo no WhatsApp, quem tiver internet em casa pega, quem não tem internet em casa, vai no vizinho, se o vizinho é chato e não dá a senha o WiFi, e você ainda não aprendeu a hackear a internet desse vizinho, então vamos tentar usar a internet da escola nos horários de intervalo, horário de almoço. E se por algum motivo vocês não conseguirem acessar internet de forma alguma, procurem um colega que tenha conseguido e procure saber qual a atividade a ser feita. Mas evitem usar o celular, mesmo para essa metodologia, em sala de aula.

Porém, houve uma vez que eu permiti o uso do celular em sala de aula, pois eu estava trabalhando um tema da Sociologia Urbana, e trabalhei uma música no grupo, a música – A Cidade, do Chico Science e a Nação Zumbi – onde pedi para que eles fizessem uma relação entre a música e os conceitos de Sociologia Urbana que trabalharíamos em sala de aula. Entretanto muitos alunos não tinham ouvido a música, então pensei vamos pelo menos ler a letra da música; tentei até cantar a música na hora, mas não lembrei da

letra na íntegra e nesse momento eu solicitei que um aluno, que estava com o celular para que ele procurasse a letra da música na internet, não foi nem no grupo.

Assim pedi para o aluno ler a letra da música e foi um uso muito rápido do celular, ele terminou de ler a letra e eu falei - agora guarda o celular. Então dentro de uma necessidade eu senti que poderia quebrar aquela barreira de usar o celular em sala de aula. Mas assim, em todos os casos que poderia ter usado o celular para dar funcionalidade a metodologia, eu não o fiz por receio mesmo. Por alguns motivos, como lei de proibição, eu era novo na escola, e não estava querendo sair daquela escola, pois trabalhava muito distante e foi trabalhoso está onde estou, então preferi não usar. Mas aí quem sabe esse ano, que eu já estou mais firme na escola, eu possa até tentar usar mais vezes?

TABU DO USO DO CELULAR NESTA ESCOLA

Para você ter uma ideia de como é o comportamento dos professores dessa escola no tocante ao uso de celulares em sala de aula: existe o Professor Diretor De Turma²⁰ e uma professora que é diretora de uma turma, fez uma caixa com pequenas divisórias e em cada divisória tem um número e essa caixa fica em cima do birô do professor onde cada aluno deve colocar seu celular no devido número que corresponde ao número da sua chamada. O aluno que não botar, ou é porque faltou, ou porque não levou o celular, ou porque não tem o celular ou é porque está com o celular na bolsa.

Outra professora fez algo semelhante, fez o seguinte: é até engraçado, eu não deveria nem está rindo, pois deve ter dado trabalho. Ela fez um suporte de pano e costurou bolsinhos nesse pedaço de pano de forma que coubesse os celulares, eu vejo uma mistura de um Banner com guardador de sapatos pendurado na parede. É gigante, de cor verde. Quando ela chegou na porta da sala para botar, eu estava dando aula, perguntei logo se era a bandeira do Icasa. E ela retrucou explicando que era para botar o celular.

²⁰ Vigente desde 2008, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do professor diretor de turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais, junto aos seus estudantes. (SEDUC – CE. Projeto Professor Diretor de Turma – PPDT. Portal do Governo do Estado do Ceará. Acesso em: 18/04/2019. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/>)

O interessante é que nessa turma, eu dou a primeira aula na quinta feira, então eu entro na sala junto com os alunos e os meninos vão chegando e botando os celulares e fiquei observando aquele movimento, e depois na sala dos professores eu questioneei a professora que teve a ideia, e se sumir um celular daqueles, o que você vai fazer? Ela não soube responder. Nesse momento eu pensei comigo: se você não quer que o aluno use a celular peça para todos os alunos que têm celulares, deixá-los sobre a mesa, o professor vai ter certeza que eles não estão usando o celular escondido. Porque eu penso assim, se o professor não quer que o aluno use, o celular estando em cima da mesa todos vão saber onde está o celular, e o que acontecer com esse celular, ele estará na posse do seu dono. Se sumir, ou foi o dono que perdeu ou alguém próximo que pegou. Fica mais fácil de fiscalizar. Agora deixar o celular numa parede distante do dono do celular muita coisa pode acontecer, vai que toca, a pessoa esqueci de deixar no silencioso, eu mesmo já fiz isso, esquecer de botar no silencioso e o celular tocar durante a aula, e o pior é que a o toque do celular era uma música bem engraçada. O que acontece é que atrapalha a aula.

RECURSOS UTILIZADOS PARA A METODOLOGIA

Inicialmente eu usei as duas redes sociais, facebook e WhatsApp, e vimos que o WhatsApp é melhor, e o formulário do Google Drive. Esse ano eu já estou utilizando em todas as turmas de 1º, 2º e 3º anos, porém nos 1º anos funcionou bem melhor do que nos 2º anos porque nos primeiros anos os monitores deram um gás no uso da metodologia mais do que os alunos dos 2º anos.

Eu iniciei a metodologia da maneira que foi trabalhada na formação, com o professor coordenando o grupo, mas o que vi foram os alunos tomando de conta do grupo e isso se tornando algo muito melhor, onde eles realmente estavam participando da metodologia. E eu penso que o professor não pode atrapalhar o estudo dos meninos (*aqui ele se refere a autonomia, o protagonismo dos jovens*) então ao invés de somente eu direcionar, os alunos foram se sentindo à vontade para ir fazendo postagens, auxiliando os colegas que tinham mais dificuldades na disciplina.

Por exemplo, foi trabalhar os conceitos sociológicos de Durkheim e solicitei que isso fosse feito em forma de seminários, dividi em três equipes cada uma ficaria com uma parte dos conceitos trabalhados e tudo certo. Teve um aluno que montou um material e

que explicada os três assuntos dos seminários e postou no grupo para todos. Eu não fiz nada, foram eles mesmos que pegaram o que tinha solicitado e fizeram acontecer. Tem grupo de algumas turmas que eu não tenho trabalho nenhum, eles é quem fazem e eu fico só supervisionando no grupo e avaliando em sala de aula. E o resultado é bem positivo. Ou seja, diferente de quando começamos eu não faço mais intervenções no grupo, eu só administro as atividades deles.

Minha forma de administrar é a seguinte: o grupo tem que ser algo para ensinar e aprender, é um espaço de aprendizagem, só que não gosto de nada muito sério, eu não sou uma pessoa que gosto das coisas muito serias porque se não fica chato. Gosto de aprender e que os alunos aprendam, e se puder aprender rindo melhor ainda, porque se tem uma forma de aprender alguma coisa é por meio de piadas, piadas a gente sempre lembra. Então eu procuro fazer do grupo um lugar descontraído de aprendizagem sem muita burocracia e os alunos podem aproveitar mais. Agora tem que ter um direcionamento, não dá para virar bagunça ou perder o propósito.

Outro dia mandaram uns slides de Química no grupo de Sociologia, ei não tem condições, o que vocês querem no grupo de Sociologia com slide de Química? Criem um grupo com o nome Química 1º ano “C”, e vocês botam esse material lá. Porque esse material aqui eu não posso orientar nada.

FUNCIONALIDADE DA METODOLOGIA.

Usar a rede social para antecipar a aula, nesse sentido teve um aluno que disse que a aula até parece que fica maior porque a gente já vem sabendo o que precisa fazer em sala de aula. Agora o uso dos formulários do Google Drive, eu fiz de duas formas: 1 – enviar um formulário no grupo para eles responderem e levarem as respostas para sala de aula e 2 – fiz formulários para serem respondidos em sala de aula, onde levo os alunos para o laboratório de informática.

O que observei é que, quando eu enviava para o grupo os alunos se comportavam assim ah! Moleza é só copiar e colar as respostas. Então para muitos perdeu a seriedade da metodologia, pensando assim aqui eu faço de qualquer jeito. Digo isso por que certa vez eu passei um formulário com uma atividade para eles, e um aluno perguntou assim, professor pode compartilhar as respostas do grupo? E eu respondi, já que você pretende

fazer isso, crie pelo menos um grupo para fazer isso não faça no mesmo grupo não. Porque você sabe que quem pega as respostas compartilhadas não aprende nada. Porém eu não proibi que o fizesse, mas disse que ficaria pelas suas consciências.

E o interessante é que a prova de Filosofia, e o conteúdo das questões do formulário eram sobre Ética. Então eu disse fica a seu critério, se você acha que compartilhar respostas é certo, então beleza. E se vocês acham que não é certo, também, beleza. É uma questão de consciência. E falei se você vai pescar na prova de Ética, é mesmo que tirar um zero, pode até tirar um dez, mas não terá valor.

E mesmo assim, com esse discurso politicamente correto, o aluno criou outro grupo de compartilhou as respostas, e sempre tem aquele que não concorda e fez um print das conversas do outro grupo e enviou para mim, o que pude fazer foi não dar nota dez para o aluno que colou na prova de Ética. De forma tal que toda a turma ficou com nota dez, menos o aluno que compartilhou. E fiz isso e esperei o aluno se posicionar. E ele não disse nada, não questionou e reclamou, só aceitou. Isso aconteceu numa turma de Informática.

Já na turma de Enfermagem, houve notas diferentes para desempenhos diferentes.

O que essa formação ofereceu para mim enquanto educador, foi a possibilidade de repensar de forma crítica o uso do celular em sala de aula. E outra coisa, é que o meu tempo é algo muito limitado, são só 50 minutos de aula, então essa metodologia me ajuda muito porque eu ganho um tempo de aula extra, onde os alunos continuam pensando sobre a disciplina fora de sala de aula. E que eu mal faço nada, fico só administrando o conteúdo. Então nesse sentido, o melhor da formação foi oferecer essa extensão da disciplina para os grupos de rede social e poder trabalhar melhor os conteúdos das disciplinas.

Agora tem uma coisa que eu sou a vesso é: usar a rede social para digitar, trabalhar oferecer matérias e ter de digitar no celular, eu pareço um ancião mexendo em tecnologias. O que me auxiliou muito, que a formação me mostrou e eu não sabia que existia, foi o WhatsWeb, usar o WhatsApp no computador, auxilia muito na hora de selecionar os textos, digitar os comentários, enviar materiais, ler o que eles estão postando no grupo.

Então eu vejo que as três ferramentas trabalhadas na formação dão para ampliar as minhas metodologias. Então o WhatsApp, o WhatsWeb e o Google Forms são muito

bons. Eu preciso só explorar mais as possibilidades dos instrumentais ensinados na formação.

APÊNDICE II

ENTREVISTA DE FEEDBACK DA PESQUISA COM O PROFESSOR FRANCISCO STEFERSON – DIA 01/04/2019 – TEODORICO TELES

→ SELECIONANDO AS TURMAS

Eu utilizei a metodologia em duas turmas, foi o 1º ano “A” e o 1º ano “B”. Utilizei o WhatsApp no 1º ano “A” e o Facebook no 1º ano “B”. Para poder fazer um paralelo entre as duas disciplinas, conforme foi orientado na formação, buscando orientar os alunos sobre qual a melhor forma de usar a metodologia (sala de aula invertida).

“A surpresa que eu tive foi: na turma onde se utilizou o WhatsApp, a metodologia se tornou mais eficaz pela praticidade do uso do celular, e comecei a levar em consideração que pelo fato de os alunos estarem com o WhatsApp com mais frequência do que o Facebook, isso facilitou também tornar os alunos mais comunicativos” (SILVA, 2019, P.1).

A outra surpresa foi: os alunos da outra turma o 1º ano “B” já tem uso no Facebook, como já estava usando no 1º ano “A” o WhatsApp, e por ter os alunos do 1º ano “B” no facebook imaginei que seria mais fácil, porém na aplicação da metodologia, não obtivemos êxito, e pra mim foi uma surpresa muito grande nós criamos o grupo no facebook, o nós que falo, foi eu e mais duas monitoras da disciplina, onde criaram o grupo junto comigo e adicionar os colegas, mas o pessoal não teve absolutamente nada de participação. Foi uma triste surpresa para mim, pois imaginei que eles se envolveriam mais.

Por outro lado, essa turma que mostrou resistência ao Facebook, pediu para que fosse utilizado o WhatsApp. A ideia foi aceita, criamos o grupo no WhatsApp, porém essa turma do 1º ano “B” não houve aceitação em nenhuma das duas redes sociais. Mesmo sendo uma turma que tenho um bom relacionamento, com isso não julgo que o motivo de não ter havido aceitação tenha sido algum problema na relação aluno professor. Muito pelo contrário, acredito que não tenha acontecido um despertar nos alunos da turma.

Já no 1º ano “A” houve a aceitação os alunos usaram bem o grupo, perguntando, fazendo as atividades propostas, os que não faziam as atividades era porque ou estavam sem internet ou ainda não tinham visualizado a atividade. Normalmente eu passava a atividade na terça-feira, seguindo a orientação da formação que nos grupos de WhatsApp fossem orientados dia, hora e prazos para fazer as atividades. Na quinta-feira eu usava o grupo para tirar dúvidas sobre a atividade, e na sexta-feira era o dia da aula.

Forma aplicadas duas atividades que foi bem marcante, pois os alunos se envolveram com a atividade propostas, de fato fizeram o que tinha sido solicitado. Porém da terceira atividade em diante, os alunos não fizeram mais as atividades, não houve mais adesão, pois começaram a surgir justificativas do tipo: não estava com o celular, o celular estava sem internet, evasão do grupo sem justificativa aparente.

Nesse momento ainda perguntei se queriam que utilizássemos alternativas, outros canais. Porém um dos alunos questionou o seguinte: já que é para utilizar o WhatsApp como metodologia, que fosse feito na escola. Mas a escola não dispõe de para os alunos o Wi Fi, aliás quero deixar claro que a escola não disponibiliza de Wi Fi. O que para mim representa um retrocesso nas relações sociais. E com isso vejo que um dos motivos de eles não aceitarem mais a metodologia foi uma forma de protesto contra a direção da escola.

Fui falar com a direção sobre essa questão, mostrei a metodologia, os planos de ação e as vantagens do uso da técnica proposta. A direção gostou muito da proposta, procurou auxiliar na adesão dos alunos, pois a direção e a coordenação viram na metodologia não a parte da educação, mas sim da economia que se teria em impressão de materiais e provas. Visto que na apresentação da proposta, falei que faria minhas provas todas on line, com isso o foco da coordenação foi a economia e não a metodologia em si.

Para viabilizar a metodologia precisaríamos de mais internet, foi solicitada a internet, foi sugerido fazer cotas para comprar mais roteadores de internet para botar na escola. Porém a resposta que me foi dada as minhas solicitações, foi que a CREDE 18 consultou um técnico e este por sua vez disse que não dava para liberar o Wi Fi para todos, porque era limitado o sinal de internet. O que me deixou preocupado visto que em outras escolas o sinal de internet é liberado para a escola inteira, o que questionei sobre o porquê somente no Teodorico esse sinal é limitado?

O que percebi foi: não houve uma contrapartida da escola no sentido de oferecer as condições para que a metodologia fosse aplicada. E com isso enfraqueceu a aceitação por parte dos alunos.

→ AVALIAÇÃO:

Sobre avaliação, nós conseguimos fazer as duas atividades que mencionei, onde no facebook foi postado vídeos juntamente com textos contendo o conteúdo que seria ministrado em sala de aula. Nesse período nós não utilizamos o livro em sala de aula, e eu já enviava na terça – feira a atividade como um pequeno texto ou artigo sobre o assunto da aula, e eles fizeram uma análise escrita desse texto juntamente com a análise do vídeo que tornou-se uma forma mais ilustrativa do que estava no texto.

A minha intenção é que ao construírem uma resenha sobre o texto, eles pudessem assistir ao vídeo e encontrar no vídeo elementos que eles leram e escreveram. Pois vídeos que se podem encontrar no youtube têm conteúdo que se podem relacionar as disciplinas. E com isso trabalhar de forma lúdica, porém com uma proposta educacional.

Como mencionei as primeiras atividades que forma feitas dessa forma, os alunos fizeram, entregaram do jeito que tinha sido proposto para eles. Houve aqueles alunos que não fizeram a atividade previamente, mas que se posicionaram e fizeram seus comentários em sala de aula. Alguns alunos me entregaram os seus resumos, outros fizeram no seu caderno e eu dei um visto nos seus cadernos para efeito de avaliação. Vejo que errei em não ter recebido o material de todos, como por exemplo aqueles que escreveram algumas linhas nos seus cadernos e eu dei somente um visto, vejo que era para eu ter recebido como forma de registrar as atividades.

A segunda atividade, já foi uma atividade do livro didático que os alunos usam. Eu tenho os capítulos do livro em formato digital. Com isso pude enviar a matéria digitalizado para os alunos via WhatsApp. Mas uma dificuldade que encontramos foi o fato de os celulares dos alunos não terem espaço na memória para conseguir baixar o livro. A alternativa encontrada foi de eu fazer alguns “prints” do capítulo e ir postando no grupo parte por parte do livro para que eles pudessem ter acesso ao material.

A ideia de trabalhar o livro no celular dos alunos, é para que eles possam deixar os livros em casa para estudar em casa e não carreguem mais um peso nas suas mochilas, trazendo somente o celular onde conteria o material necessário para os seus estudos. E orientei a deixarem o livro em casa e trazer o celular para dentro de sala de aula.

Aqueles alunos que argumentassem que o celular estava descarregado, eu levei um carregador de 2,5m para que pudessem utilizar. E que o fato do celular está descarregado não seja um impedimento da metodologia.

Por ironia do destino, no dia da segunda atividade em sala de aula, foi um dia que choveu muito, poucos alunos formam para aula, faltou energia, ficamos sem internet e a atividade não foi possível de ser realizada. Com isso, lancei a proposta de fazermos num sábado letivo, onde poderíamos fazer a atividade proposta, mas também não foi possível, pois só uma única aluna foi para a aula.

Nesse sábado letivo eu tinha planejado a atividade da leitura do livro, eu iria copiar as questões no quadro e respondermos de acordo com a leitura do livro, onde eu poderia avaliar aqueles que realmente leram o capítulo do livro usando a metodologia sala de aula invertida e o que não leram. Pois as perguntas são bem elementares, quem leu conseguem responder tranquilamente. Porém tivemos a surpresa de nesse sábado letivo só termos a presença de uma única aluna.

Depois desse acontecido, iniciamos o calendário de provas e como não conseguimos ter êxito e aceitação das turmas eu passei poucas propostas de atividades avaliativas. O 1º ano “A” mesmo com poucas atividades, eles fizeram, porém o 1º ano “B” não se envolveu em absolutamente nada.

Pensei inicialmente que fosse pelo motivo de nessas turmas ter sido usado o Facebook, mas mesmo com a criação do grupo no WhatsApp e fazendo da mesma forma como foi feito no 1º ano “A”, não houve interesse por parte da turma. O que revela a característica da turma, a dinâmica da própria turma é que não tinha bem essa aceitação. A metodologia em si é atraente, tanto é que quando sugeri a aplicação dela nesta turma, houve uma adesão inicial.

Porém, existem dois fatores que deve ser considerados: 1 – se eles realmente entenderam a proposta da metodologia para aceitarem a ideia, com isso me pergunto, será que ficou claro a forma com que expliquei a metodologia, por que as vezes para os alunos

a explicação não fica clara, mas mesmo assim aceitam e depois quando vem a realidade eles mesmos geram uma barreira. E 2 – pelo fato de serem adolescentes muitas vezes o que o professor diz, eles levam na brincadeira. Talvez eles tivessem se preocupado mais se o WiFi tivesse sido liberado para todos, pois isso encanta os alunos, sobretudo numa escola onde não tem WiFi liberado.

Então fico pensando se eu tivesse falado que iria liberar o WiFi, se isso teria envolvido mais os alunos, nem que fosse para no primeiro momento fazerem as atividades e depois terem acesso a senha para usar o WiFi de forma recreativa.

RECURSOS UTILIADOS

Com relação aos recursos que utilizei, assim como orientado na formação, com uma turma usar o Facebook e com a outra usar o WhatsApp. Foram convidados alunos nas duas turmas para serem monitores da disciplina para auxiliar no desenvolvimento da metodologia. Alguns se voluntariaram, e estes tornaram-se os monitores.

Esses monitores por terem os contatos de todos da turma, eu disponibilizei meu contato para todos, escrevi meu número de WhatsApp na lousa, com isso pedi que todos me adicionassem nos seus contatos pessoais e que os monitores criassem um grupo para darmos funcionalidade a metodologia.

O monitor do 1º ano “A” criou um grupo dessa turma, intitulado – “ensino híbrido sociologia 1ºano “A”. O aluno criou o grupo e adicionou todos os colegas os quais eles dispunham dos contatos. Nessa turma eu tive uma surpresa, pois ele me adicionou, não como administrador do grupo, mesmo o aluno sendo o administrador do grupo, eu procurei trabalhar a metodologia, explicando qual a finalidade do grupo, expondo as regras de como funcionaria o grupo, como por exemplo não é uma grupo para estar desejando bom dia, boa tarde boa noite, fazendo postagens indevidas, com conteúdo pornográfico, temas de futebol, brincadeiras ou temas que não se relacionassem com a disciplina de Sociologia.

Expliquei que funcionariam com postagens de exercícios e perguntas relacionadas a disciplina e que eles deveriam responder a essas questões voltadas a disciplina. Por exemplo: se eu postar um link para vocês acessarem e tiverem alguma dúvida, pergunta

no grupo ou no privado para maiores esclarecimentos, se eu postar um texto, se houver dúvidas usem o grupo para melhor aproveitamento da rede social.

Essa metodologia, de fato, fluiu até certo ponto. O grupo do WhatsApp foi criado logo após a primeira formação que fizemos, e já comecei a fazer postagens para aproveitar em sala de aula. As aulas nas turmas selecionadas eram na sexta feira, o que dificultou muito o desenvolvimento da disciplina em si, logo o funcionamento da metodologia. Pois quanto maior a distância entre a aplicação de uma atividade e a cobrança dela em sala de ou menos os alunos se envolvem, e os feriados criaram uma espaçamento muito grande entre uma aula e outro, o que acabou prejudicando o andamento da metodologia proposta, pois eles se preocupam menos em fazer. Esse foi um dos fatores que influenciou o não desenvolvimento melhor da metodologia.

Como iniciamos a formação e a aplicação da metodologia no final do ano, os meses de Novembro e Dezembro foi complicado de se aplicar a metodologia, pois como já estávamos no final do ano, ai vem as provas e logo após as férias, isso fez com que os alunos não se engajassem bem a metodologia proposta. Então até dezembro não se teve mais uso do grupo.

Quando foi no mês de janeiro de 2019, eu fui removido do grupo. Fui olhar o grupo para repensar a metodologia, e nesse momento apareceu uma mensagem para mim dizendo que eu não fazia mais parte do grupo.

E aí eu fiquei muito surpreso com aquela situação. Ai quando foi no começo do ano letivo a grande maioria dos alunos continuam no grupo. E eu fui procurar o aluno que era administrador do grupo para saber por que eu tinha sido removido do grupo.

E perguntei por que vocês me excluíram do grupo já que estamos utilizando para uma metodologia da disciplina? E a resposta do aluno foi que não tinha sido ele quem me removera do grupo e sim sua mãe, que o tinha colocado de castigo, retirado o seu celular, apagado todos os grupos e tudo que tinha nos grupos. Ou seja, eu perdi tudo que tinha sido feito, postado e conversado no grupo.

Então a sala na qual a metodologia começou a funcionar, aconteceu esse fato, que o aluno deve ter merecido o castigo da mãe e como eu não era administrador do grupo acabei perdendo todo o trabalho que tinha sido iniciado em outubro de 2018.

Não sei se é mentira ou verdade do aluno, não quis entrar nesse mérito, mas de toda forma, o que percebi é que a metodologia funciona, não só nessa turma, quero esse ano utilizar nas outras turmas, pois veja a funcionalidade, porém tendo mais atenção em como administrar o grupo para que eu não seja mais removido dos grupos.

Já na turma do 1º ano “B”, onde inicialmente tentamos usar o Facebook, também foi convidado alunos a serem monitores, e aqueles que se voluntariaram me auxiliaram a criar o grupo no facebook. A surpresa é que ao criar o grupo, a monitora ia adicionando as pessoas e estas por sua vez não aderiram a ideia, simplesmente saíram do grupo e os poucos que inicialmente ficaram, não se interessaram pela proposta e saíram, também, do grupo. Não houve adesão no facebook. Eles argumentaram que o uso do facebook era mais complicado por alguns motivos: 1- primeiro porque tinha que baixar o aplicativo no celular e eles não queriam. A preocupação maior deles não era com a metodologia em si, a preocupação era mais em que momento eles iriam utilizar a rede social, já que muitos não podiam usar em casa, e também na escola não podem usar a rede social. Mas claro um ou outro aluno usa, contando com a vista grossa dos fiscais.

Sim existe um fiscal que não permite o uso do facebook na escola. E a preocupação de ter que baixar o aplicativo no celular se dá porque ocupa um espaço no celular que eles não querem ocupar, porque o aluno vai muito pelo que está mais sendo usado, e o facebook já se tornou obsoleto. Como em casa eles não têm computador e teriam que utilizar o celular, houve resistência ao uso do facebook nesse sentido, pois eles usam na verdade é o Instagram²¹ nos seus celulares. O WhatsApp ainda é usado, mas a rede social do momento é o Instagram.

Então para acompanhar as transições de redes sociais que os jovens usam o professor tem que estar antenado com essas atualizações e redes sociais 24h horas. Eu ainda tive a oportunidade de dar uma olhada no tinder²², os alunos perguntaram se eu não usava tinder e eu respondi que não, mas como estava com o celular na mão e a internet eu baixei o aplicativo e entrei no tinder para conhecer. O que pude perceber foi que em poucos minutos de uso dessa rede social, vários alunos da escola já tinha me encontrado na rede social, o uso é muito rápido e com isso percebi que os alunos além de

21

22 “O Tinder é um dos aplicativos de relacionamento mais populares do mundo para conhecer pessoas novas. a maior comunidade de solteiros do mundo no melhor aplicativo e site de relacionamentos” (TINDER, 2019).

fazer uso do tender para os seus namoricos, usam tão somente pela moda, ou seja, estão todos usando usarei também. Isso pude perceber com poucos minutos que entrei na rede social tender.

Não tenho Instagram pessoal, mas criei um Instagram para usar com o PIBID Sociologia. Que por sua vez já tem muitos seguidores que são da escola, onde todos os trabalhos que fazemos do Pibid e que é postado no integram os alunos seguem. Então como os alunos migraram para essas outras redes sociais, eu vejo que esse uso de redes sociais pelos alunos é muito volátil, e isso fez com que não tivesse tanta aceitação dos alunos em relação ao facebook.

O QUE FUNCIONAOU PARA O PROFESSOR

A ferramenta que a formação ofereceu, que para mim foi muito boa e útil foi o Google Drive. O Drive foi maravilhoso, tanto na elaboração de atividades como na execução delas. A dificuldade que eu senti em usar essa ferramenta foi: em eu mesmo elaborar as questões e produzir os formulários de questões para os alunos. O que senti de facilidade foi em copiar questões que eu já trabalharia de forma impressa e com o drive pude só copiar para os formulários e trabalhar em formato digital.

Na hora de elaborar as questões, eu copiava a pergunta, mas na hora de botar as alternativas eu esqueci como se faz, mesmo sendo explicado na formação eu esqueci como se faz. Essa foi minha dificuldade de manusear as ferramentas que o Drive oferece. Porém eu vi no Google Drive um oceano de possibilidades, mas eu estava numa jangada com o remo quebrado e sem vela. Isso é uma dificuldade minha, acredito que se houverem mais formações eu conseguirei aplicar com maestria o Drive. E essa ferramenta do google drive foi o que mais me encantou até mais do que a rede social.

Percebi que enviando mensagens para o WhatsApp com conteúdo do drive, faz com que os alunos se envolvam mais. Eles passam a utiliza os dois espaços com bem mais propriedade, porque com o WhatsApp ele recebe o link, abre o material no drive e vai fazer o trabalho no drive. E a vantagem do drive é que se o aluno esquecer o celular em casa ele pode ir para o laboratório da escola e fazer o exercício no computador da escola.

Vejo que essa ponte entre WhatsApp e o google drive é a melhor forma de se trabalhar a disciplina de sociologia usando as mídias digitais. Como foi a proposta da

formação de juntar a rede social e o exercício pelo drive é muito eficaz. Porém eu não consegui usar bem o drive, o que preciso fazer é tentar explorar mais o drive, de forma que dá para ser utilizado tanto no 1º quanto no 2º e 3º ano, o que vejo que é realmente uma metodologia viável, funciona, é muito bom mesmo! Fiquei encantado pela praticidade.

RESPOSTA DOS ALUNOS SOBRE A METODOLOGIA APLICADA

Os alunos gostaram da iniciativa, e toda aula eu perguntava para os alunos – pessoal está de boa? Estão gostando? Está dando certo? Vamos continuar ou querem que mude? Ai tem os alunos que são bons, que participam e fazem a disciplina acontecer que gostaram e querem dar continuidade e tem aqueles alunos que não são tão bons, participativos e/ou engajados, mas que também querem dar continuidade a metodologia, talvez por ser mais agradável, confortável ou até mesmo por ser mais cômodo.

Eu avisava para os alunos, quando íamos usar o grupo, o celular em sala de aula, que eles não precisavam trazer o livro, pois todo o material que eles usariam no livro estaria no grupo era só acessar. Com a intensão deles deixarem seus livros em casa para realmente estudarem e em sala usar a rede social para darmos sequência as aulas.

No entanto encontramos alguns casos particulares que merece destaque nesse ponto, como alunos com [déficit](#) de atenção; pessoas com deficiência cognitiva, com laudo médico afirmando que a pessoa não tem capacidade de aprendizado com padrões normais em relação aos demais alunos. É uma aluna que está ali para cumprir os três anos do ensino médio como forma de inclusão social, mas que não apresenta nenhum desenvolvimento cognitivo, de forma tal que a pessoa não sabe nem ler nem escrever, não consegue nem copiar nada que escrevo no quadro.

Diante desse cenário e com a necessidade de a pessoa sentir-se incluída, o que eu fiz foi: trazer todo material que era trabalhado no grupo do WhatsApp em formato impresso, e entregava para a pessoa, mesmo sabendo que ela não compreenderia o conteúdo que lá estava, mas estava trabalhando a inclusão daqueles alunos, que são três nessas condições.

Esse material impresso que eu desenvolvia para esses alunos com deficiência, também é útil para todos da turma, pois mesmo trabalhando o conteúdo de forma digital,

trabalho também o conteúdo impresso para que eles tenham acesso. Pois alguns pais questionam a funcionalidade do uso de tecnologias, questionando os alunos, oxe! E esse professor não passa material para estudar não? Vocês não usam o livro em sala de aula não? Vocês ficam só brindando aí nas redes sociais? Com isso eu fico me questionando se algum pai ou mãe dúvida da responsabilidade que eu enquanto professor tenho diante da disciplina. Para minimizar essas dúvidas, eu disponibilizo na medida do possível de recursos que a escola dispõe, o material impresso e trabalho os conteúdos discutidos na rede social copiando tópicos na lousa e peço que eles copiem.

Certa vez uma aluna chegou para mim e perguntou se eu não iria passar nenhuma outra atividade para casa, e eu respondi que todas as atividades seriam trabalhadas no grupo do WhatsApp. E ela relatou que sua mãe a questionou quando viu seus cadernos de Sociologia e não viu nada copiado, dizendo você vai passar um bimestre inteiro e não vai copiar nada no caderno? Com isso caiu minha ficha que eu deveria não trabalhar atividades somente no grupo, mas intercalar com atividades em sala de aula, como aulas em que copio algumas coisas, tópicos e discussões dos temas em sala de aula que facilita nosso trabalho tanto no grupo quanto em sala de aula.

Essas atividades funcionavam assim: eu passava um texto ou um vídeo no grupo, trabalhava o tema proposto no grupo em sala por meio de uma ação usando o drive, ou então um texto que eles deveriam produzir para relacionar o tema da aula com o texto trabalhado no grupo. A utilização do drive é sempre eficaz, mesmo com toda limitação que tenho, mesmo assim funcionou.

Certa vez eu tentei fazer um formulário do drive, mas não consegui, o que fiz foi copiar as questões que iria trabalhar numa folha e passei para eles em sala de aula, e assim eles também tiveram atividades em sala, e não só na rede social.

Mesmo com as dificuldades de limitação minha, de recursos da escola, de dificuldades cognitivas dos alunos, eles sempre perguntavam quando iríamos fazer aquele tipo de atividade usando as tecnologias digitais novamente, sinalizando que gostaram da metodologia.

EFICIÊNCIA DA METODOLOGIA

Aquela coisa, a metodologia é eficiente o que não é eficiente é a forma como o povo enxerga a educação porque tem uma visão muito tradicional; e querendo ou não os

jovens acabam trazendo consigo esse tradicionalismo que os pais têm, como por exemplo os pais querem ver o livro do filho sendo utilizado, os cadernos com conteúdo copiados, isto é, atividades tanto marcadas nas páginas do livro quanto copiadas do quadro para o caderno para o estudante resolver essas questões em casa, eles resolverem e o professor dá um visto na atividade, os pais precisam ver isso. É esse fato que chamo de tradicionalismo.

Então pensar em uso de tecnologia digitais é diferente, pois se o pai e a mãe quiserem acompanhar ou acompanham o uso do celular do filho ou vem até a escola para falar com o professor, e não acontecem nem um nem outro, pois os pais preferem acompanhar somente pelo caderno do filho, aqueles que fazem algum acompanhamento do filho no tocante a escola.

Então diante de todas essas questões, os alunos demonstraram uma boa aceitação da proposta de usar redes sociais para facilitar o conteúdo. Mesmo aquela turma de 1º ano “B” que se mostrou resistente as duas redes sociais e a metodologia em si, houve um pequeno grupo que gostou da metodologia, da proposta e durante a feira de ciências me convidaram para fazer uma ponte digital sobre os seus projetos, isso mostra que ali foi plantada uma semente de interesse da metodologia para futuramente se trabalhar com mais profundidade. Eles estão usando a ideia do grupo na rede social para pensar suas comunicações e funcionamento dos seus projetos, isso já mostra uma adaptação que os alunos fizeram da proposta da disciplina para outras práticas na escola.

REFLEXÕES DO PESQUISADO SOBRE A FORMAÇÃO

Uma barreira que percebi e tenho que deixar claro aqui é com relação ao uso do celular: que para finalidade educacional pode, pode e deve ser utilizado e é essa a proposta da metodologia, mas o discurso de não utilizar o celular na escola ainda é muito forte. Até porque enquanto eu sou um dos poucos professores que não tem problema na utilização dos celulares na escola através da metodologia proposta pela formação, muitos colegas professores não gostaram da ideia.

Quando na sala dos professores falei sobre a pesquisa e que estava participando de uma formação que ensina como usar redes sociais em sala de aula, e que a coordenação da escola apoiou e aprovou a ideia, alguns colegas se posicionaram contra dizendo que

não viam a aplicabilidade da metodologia nas suas disciplinas, a exemplo do professor de Matemática.

E eu retruquei mostrando que a postura do professor deve ser mais maleável no momento de avaliação, como por exemplo: eu não posso exigir que o aluno, numa prova online, usando o drive, em que ele tem acesso à internet, ele não faça pesquisa, ou seja, que ele não cole. Mas o que se pode trabalhar também é a conscientização do aluno no tocante ao seu conhecimento. E o professor disse, desse jeito todo mundo via tirar nota dez. E eu respondo que talvez não, sobretudo aqueles que tem já uma consciência sobre a sua aprendizagem, que utilizara da metodologia para experimentar novas formas de aprender e não de burlar a disciplina. Mas claro que sempre haverá aqueles alunos que vão se aproveitar da oportunidade de se favorecer e procurar o caminho mais curto só para conseguir a nota.

Então eu não levo em consideração somente o aluno copiar e colar a resposta do outro, mas sim o interesse deles de usar a metodologia e se envolver com o processo, e assim poder trabalhar com todos os alunos uma metodologia de ensino e avaliação diferente. Mesmo assim alguns professores continuam resistentes ao uso de tecnologias nas suas disciplinas. E esse discurso e prática de alguns professores, e a cultura da escola de proibir o uso de celulares, fomenta no aluno o desinteresse por esse tipo de metodologia.

Certa vez uma aluna do 3º ano me falou que estava usando o youtube para estudar para redação, assistindo vídeo aulas de regras gramaticais e que auxiliaram bastante ela de forma que ela disse que conseguiu uma nota dez na disciplina de redação com o auxílio da rede social. Isso mostra que há um pequeno interesse por parte dos alunos em usar a tecnologia com intuito educacional, e não só para entretenimento, mas quando se proíbe o uso dos celulares e de toda e qualquer forma de tecnologia na escola, inibe o aluno a se interessar e ver que existe um uso educacional nas tecnologias.

Uma das professoras que gostou da ideia de usar tecnologias e redes sociais para facilitar a aprendizagem do aluno, disse: - meu filho quando terminou o 3º ano ele ficava em casa só comendo, dormindo, usando o celular e o computador. E um dia cheguei em casa cansada e estressada, e reclamei daquele comportamento foi que eu vim perceber

que ele não estava só perdendo tempo, ele fez um curso online de línguas e com isso conseguiu um trabalho e hoje está trabalhando numa empresa de turismo na Argentina.

Então eu vejo que ao nos depararmos com um aluno que só faz uso do WhatsApp para mandar mensagens para a namorada ou então para ver besteiras, e trazemos orientações e direcionamentos como por exemplo, procura esse canal, olha esses vídeos, lê esse site, e orientamos um uso educacional da internet é uma forma de despertar no aluno o interesse de estudar determinado assunto usando uma linguagem que ele conhece que é a linguagem da internet. Com isso, ao invés de chagar na escola e usar o celular para ficar vendo e mostrando conteúdos banais, ele poderá influenciar outras pessoas a conhecer um uso mais educativo da internet. Pois p estudante, principalmente o estudante de ensino médio, é muito de estímulos, e ao passo que vamos estimulando, estamos plantando uma semente que a longo prazo vai florescer.

Então percebo que a aceitação dos alunos em relação a metodologia parte dessa questão do estímulo, eu consegui, por meio da metodologia, estimular alguns alunos a perceber a rede social como uma ferramenta de estudo. A adesão foi pequena, até mesmo porque só utilizei em duas turmas, mas tenho certeza que ao retornar as aulas e utilizar as técnicas trabalhadas na formação, sobretudo o Google Drive, que é o que pretendo intensificar mais será mais interessante e estimulará mais ainda os alunos a estudar.

ALUNOS QUE NÃO TÊM CELULARES, O QUE FAZER?

Várias questões apareceram, o aluno não levou o celular porque os pais não permitiram, ou porque perdeu, ou um absurdo como vi acontecer de uma menina não está com seu celular porque o namorado tomou com ciúmes. Essas coisas acontecem.

Diante desse cenário o plano B é: sempre ter o material que foi trabalhado no grupo da rede social, é ter o mesmo material impresso. Dessa forma quando alguns desses fatores impedem a funcionalidade da disciplina, eu uso o material impresso e ou uso em forma de slides, ou copio tópicos na lousa e fazemos a aula expositiva tradicional.